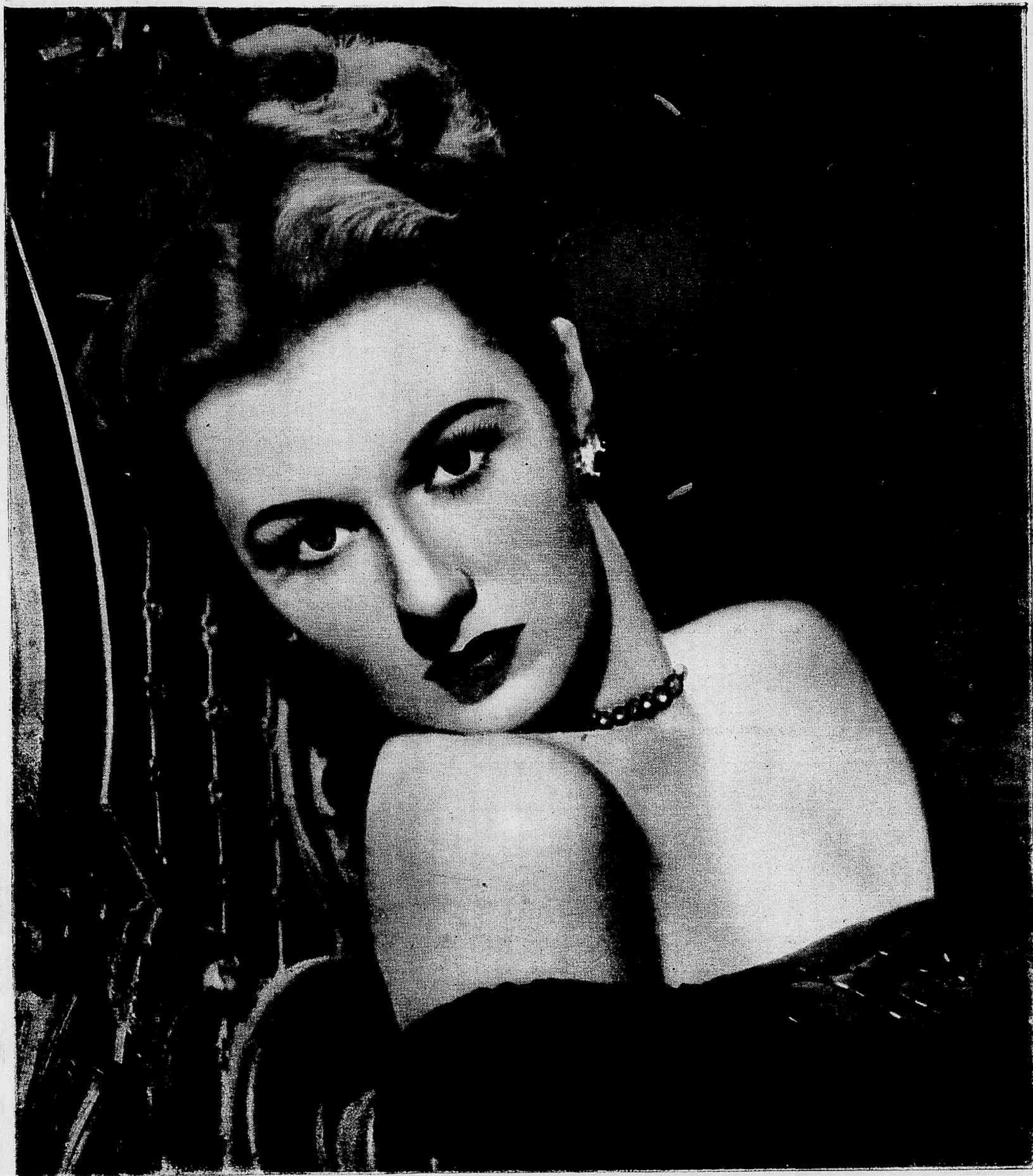


REVISTA DA SEMANA

N.º 26 ★ 30-6-51



CR\$ 3.00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO:

O "AFFAIRE" ACIOLI LINS -
HA FESTA NA MOURARÍA

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO Ihes oferece as seguintes vantagens:

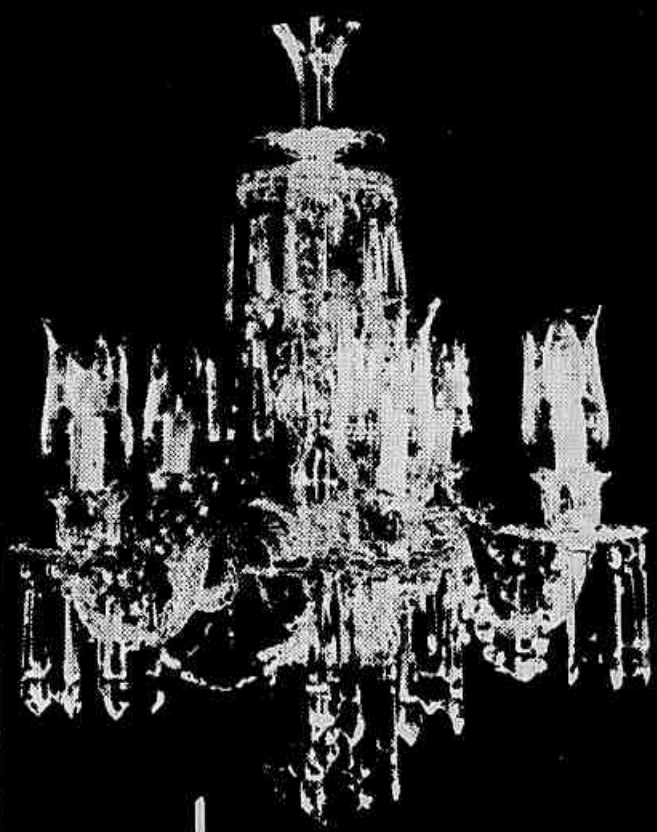
- 1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
- 2.ª — Vendas a varejo por preço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
- 3.ª — Material de 1.ª qualidade.

4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.

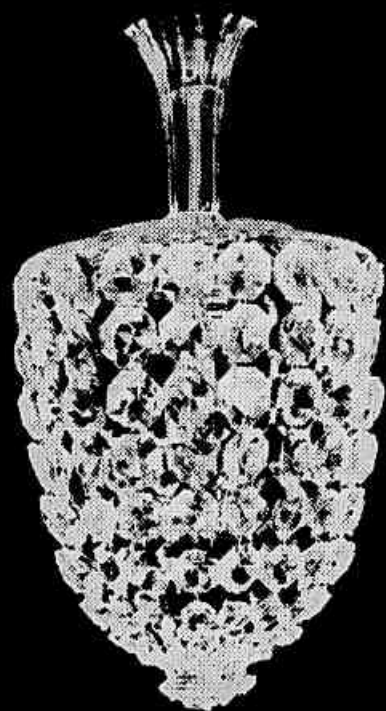
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

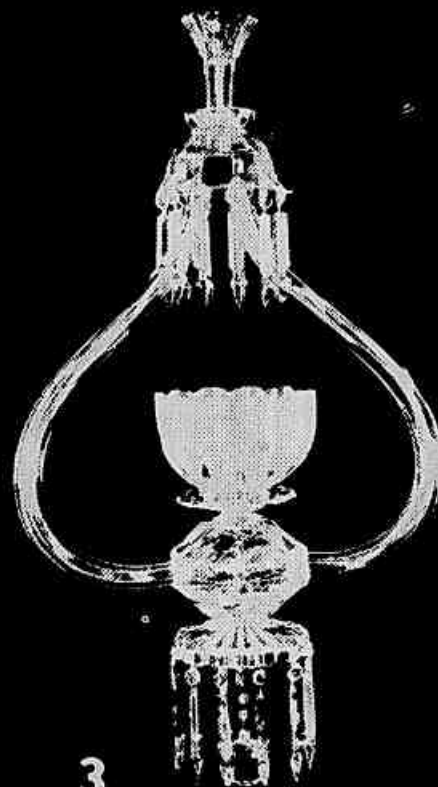
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



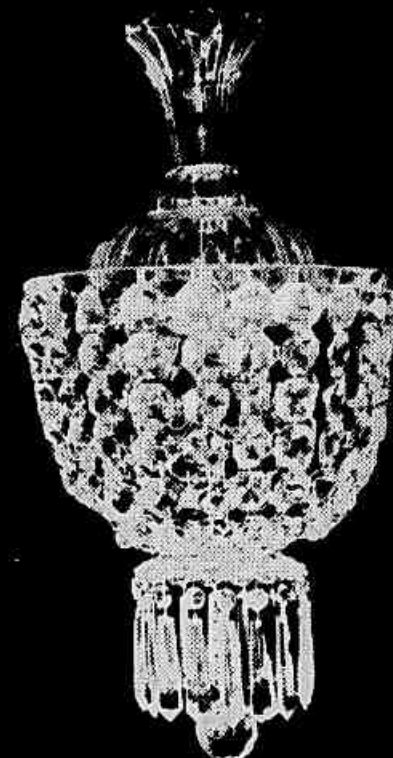
1



2



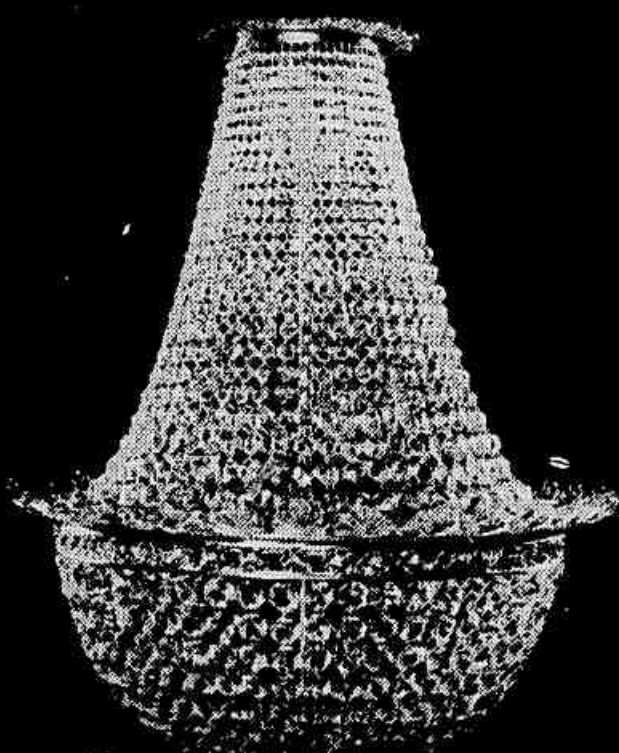
3



4



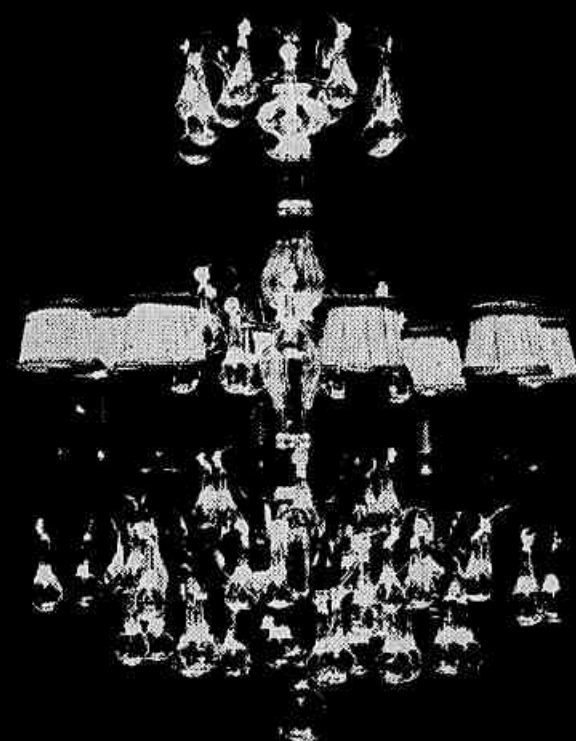
5



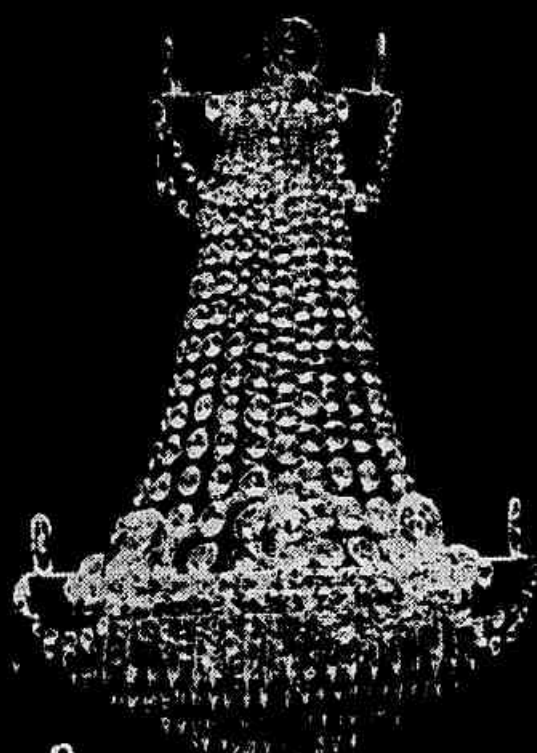
6



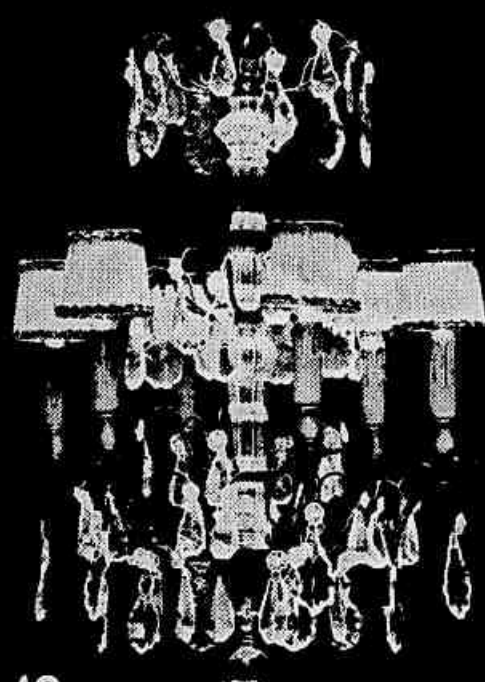
7



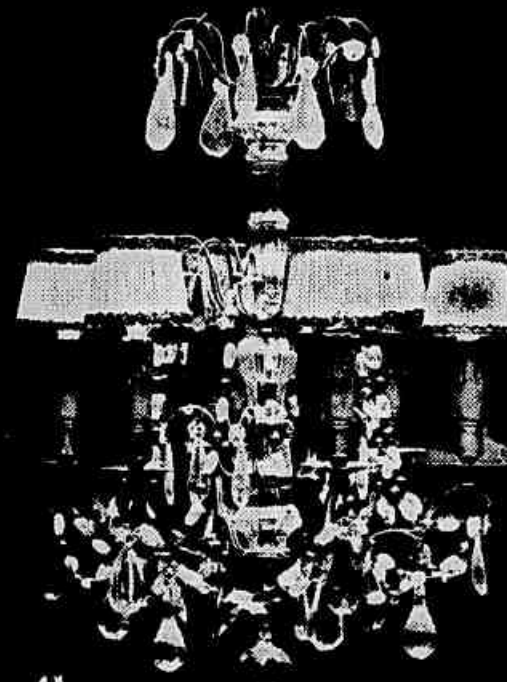
8



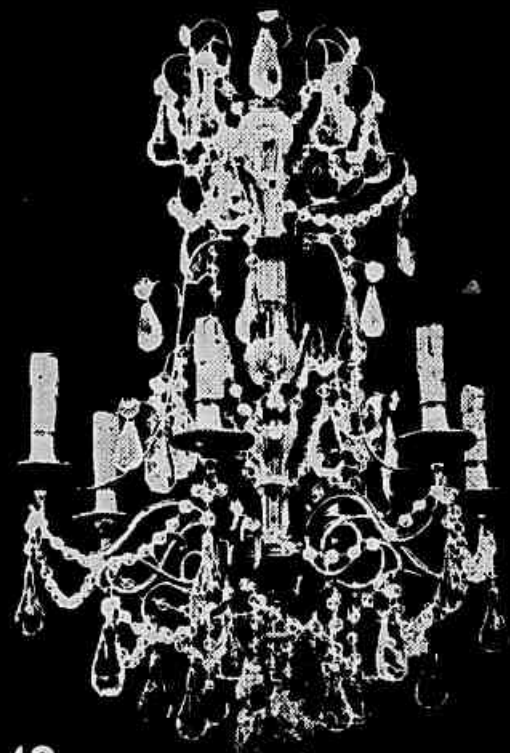
9



10



11



12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O "affair" Accioly Lins, por Jorge Lyra	4/8
Um padre diferente, por Domingos De Lucca Jr.	10/13
Na festa da Mouraria, por Gastão de Beltencourt	20/21
Defesa da Bomba-Atômica, por Jack L. Smith	24/27
Desbravadoras do espaço, por J. Belo	29/32

LITERATURA

O Suave Milagre, por Manoel Moreyra	3
A Vertigem, por Vicente C. de Carvalho	17
Confidências Veladas, por Edgard S. Machado	33
Junho, por Lyse	37
Semana Literária, por Edmundo Lys	44/45
D. Juan-Quixote, por Coryntho da Fonseca	50

SEÇÕES PERMANENTES

Personagem da Semana	9
Semana Literária	9
Puxe pelo cérebro	14
Palavras-Cruzadas	36
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	36
Tudo isto aconteceu	48/49

CURIOSIDADES

Os Cavaleiros de S. Sebastião e Guilherme, por Márcus Silva	34/35
---	-------

HUMORISMO

Vamos soltar os passarinhos, por Théo	15
Nem cara Nem coroa, por Nicodêmus	22 e 32
Este mundo e o outro, por Darcy	28

FEMININAS

A cultura física da mulher, por Edith Torok	16
Vestidos de lã	37
Variações sobre o "tailleurs" ..	38
Silhuetas elegantes	39
Week-End na Cozinha	40/41

FOLHETIM

Lúcia, a amorosa	47
------------------------	----

FOTOS

Jorge Lyra — Dario Terini — Abdias Rodrigues — Keystone — Avulsas.
--

ILUSTRADORES

Oswal — Osvaldo da Cunha — Rafael.

NA CAPA:

Rhonda Fleming

(Foto Paramount)



O SUAVE MILAGRE

A criança enfêrma, num derradeiro lampejo de esperança, pediu: — Mãe! Eu queria ver Jesus... — Sem saber o que fazer para lhe satisfazer o desejo, desesperada, a pobre mãe se pôs a soluçar. A criança insistiu, num fio de voz: — Eu queria ver Jesus, mãe!

E, então, abrindo devagar a porta do casebre, Jesus, entrando, disse:

— Aqui estou.

Um clarão dourado, como de um sol, iluminou o ambiente. Tudo naquele casebre tão pobre, se tornou de ouro. Os objetos mais humildes tinham cintilações de estrêlas, coruscando como jóias raras.

Jesus, no seu andar leve e brando, aproximou-se da criança. Abriu-se, no semblante divino, o mais lindo sorriso. E, com sua voz suave como o chilreio de um pássaro, ordenou:

— Levanta-te. Vem comigo!

— Mas eu não posso andar — gemeu o enfêrmo, hesitando. — Eu não posso mover-me.

— Podes, sim — tornou Jesus. — Experimenta e verás.

Tomou-lhe a mãozinha pálida e magra e puxou-o docemente. Sem esforço, como quando gozava saúde perfeita, a criança ergueu-se e desceu do leito. Ficou assombrada de se locomover tão naturalmente. Na verdade, não sentia mais nenhuma daquelas dores terríveis que lhe faziam vir, constantemente, as lágrimas aos olhos.

Dispôs-se a andar, acompanhando Jesus, e o fez com a agilidade das crianças sãs que, às vêzes, via passar à sua porta, e cujo desembaraço tanto invejava. Ao transpor a porta do casebre, quase não reconheceu o cenário que seus olhos, antes da enfermidade, tanto haviam contemplado. Tudo se tornara maravilhosamente lindo, como ao toque de uma varinha mágica. A Primavera operara os mais surpreendentes prodígios. O campo era um vasto e colorido tapêto de flores silvestres. À margem dos caminhos, frondosos arvoredos acolhiam bandos garrulos de pássaros. Riachos defluíam, límpidos e tranquilos, cantando doces cantigas. Ao longe, manchas brancas se moviam, sobressaindo no verde vivo do vale: eram rebanhos que pastavam, sob a guarda paciente dos pastôres.

Andando sempre, lépida e vivaz, sem sentir a menor dificuldade ou fadiga, a criança viu, de súbito, que todas as coisas, em derredor, se iam modificando. Toda aquela soberba paisagem primaveril se esfumava numa névoa translúcida. A Terra parecia haver desaparecido, enquanto, do alto, caía uma chuva de luz, tão intensa que cegava.

O caminho que agora trilhava era mais amplo, claro como se fôsse feito de luar, perdia-se na distância. Logo a criança percebeu que iam em suave ascensão. O azul do céu tornava-se cada vez mais límpido e mais belo, e parecia cada vez mais próximo. De um lado e do outro flutuavam nuvens róseas, nimbadas de ouro, como nos poentes de verão.

E então começaram a surgir, à beira do caminho, vultos alados, que se curvavam à passagem de Jesus. O Rabi lançava-lhes a sua bênção, e eles depois lá seguiam, na mesma direção, formando um claro cortejo de túnicas brancas. Eram almas que se haviam depurado no sofrimento terreno e, finalmente libertas, purificadas na religião do amor e da bondade, buscavam o prêmio que lhes é concedido pela sua regeneração — o ambicionado prêmio de uma vida espiritual perfeita e eterna.

De repente, foram chegando aos ouvidos da criança sons harmoniosos, o cântico mais suave que até então ouvira. Dir-se-iam vozes de anjos e, realmente o eram, anunciando aos viandantes o término da jornada.

O côro celestial dava as boas-vindas ao novo hóspede. Sinos invisíveis repicavam, em festa. Aromas inebriantes espalhavam-se pelo espaço, como se legiões de fadas estivessem despetalando rosas.

E eis que, a um gesto de Jesus, dois altos portões de ouro se abrem. Entram por eles a criança e o Rabi, que assim fala:

— Esta é a casa de meu Pai. É este o Paraíso, de que tanto se ouve falar na Terra, e que não existe apenas no sonho dos homens, como eles acreditam. Aqui serás feliz, doravante. Aqui ficarás, com milhares de outros irmãos, — porque este é o lugar dos bons, dos puros e dos inocentes.

E a criança, pela mão de Jesus, entrou no Paraíso.

MANOEL MOREYRA



ACIOLI LINS, eleito com três mil e oitocentos votos, sob a legenda do PTB, viu-se envolvido em um dos mais ruidosos escândalos dos últimos tempos — e foi acusado de chantagista

JOAQUIM MONTEBELO, o advogado que, com o disco que mandou gravar, tentou também fazer chantagem. Repetiu-se, neste caso, a história da cobra que queria engulir a outra...

O "AFFAIRE" ACIOLI LINS

QUANDO abrimos nosso jornal predileto, encontramos, logo na primeira página, aquela enorme notícia: "Acioli Lins envolvido em caso de suborno". Ali estava uma grande reportagem em embrião, pensamos. Lemos toda a nota e ficamos boquiabertos por verificar que, em pleno século do avião a jato, ainda haja alguém que caia num golpe que todo cinema de subúrbio exibe em suas sessões: um telefonema, uma gravação, o escândalo, enfim.

★
Chegando à Câmara vimos que não seria possível relatar a nossos leitores o que seria a sessão secreta na qual seriam ouvidas as testemunhas, o advogado Montebelo e o vereador implicado no caso. Misturados com os colegas de outras publicações, vimos quando os funcionários encarregados da segurança, cercaram e defende-

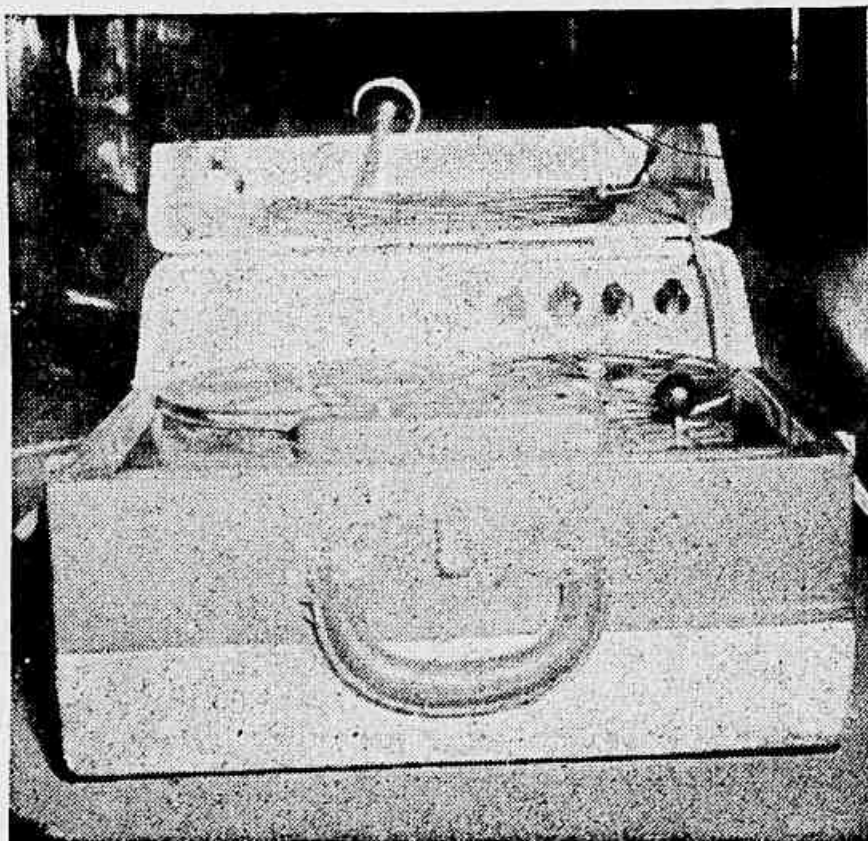
AS SESSÕES SECRETAS EM PORMENORES ★ TUMULTOS, PORNOGRAFIAS E FALTA DE RESPEITO ★ PATÉTICO DEPOIMENTO DO ACUSADO ★ INTERROMPIDA A SESSÃO PARA O VEREADOR CRISPIM CHORAR ★ OS QUINHENTOS MIL CRUZEIROS ERAM DESTINADOS À FUNDAÇÃO DE UM JORNAL

Reportagem de JORGE LYRA

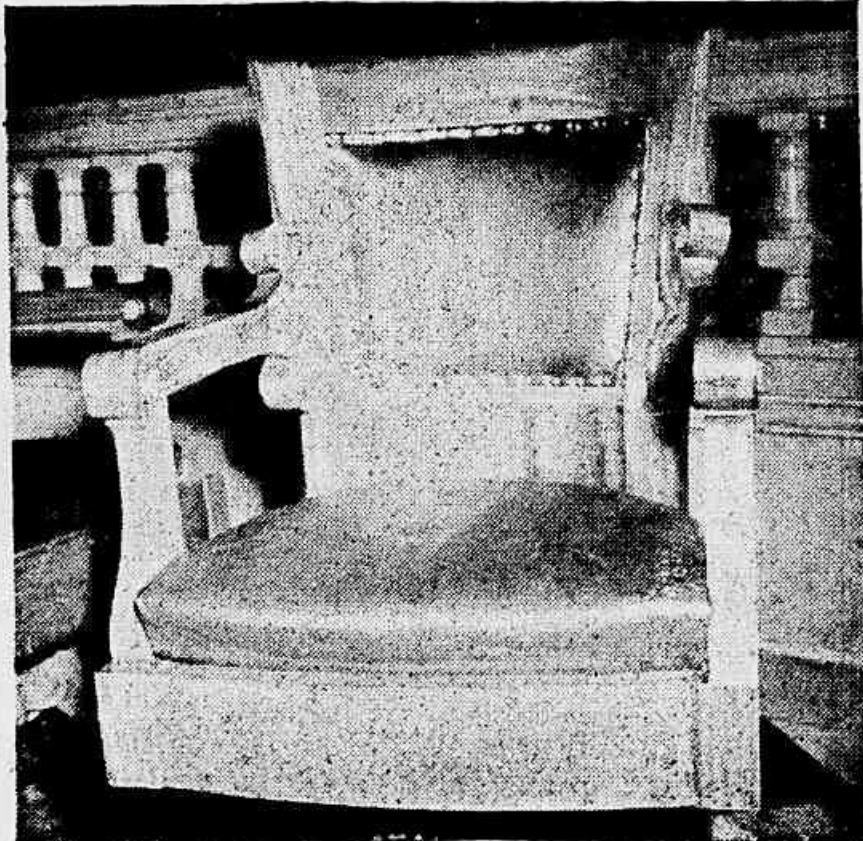
ram todas as portas, ficando somente aberta a sala da imprensa, onde os jornalistas nos acotovelávamos esperando a saída de um vereador ou de uma testemunha a fim de esclarecer um pouco o mistério que ia lá por dentro. As últimas ordens foram dadas e, pela porta de vidro, vimos os últimos vereadores penetrando no recinto. Enquanto nossos colegas se afobavam, procurando um modo de contar alguma coisa aos seus leitores os quais desejariam saber o que é uma sessão secreta, nós outros já encontramos a solução para o intrincado problema. Eis que lhes vamos contar, em todos os seus pormenores, o que foi.

A SESSÃO SECRETA

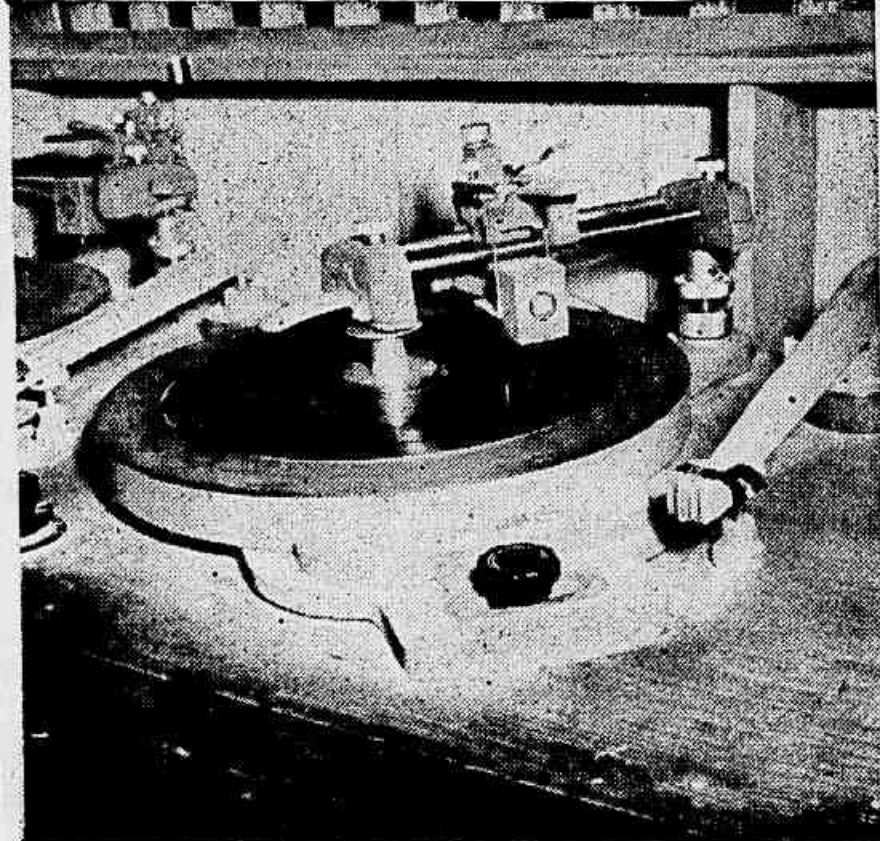
Mal sabíamos que, quando os vereadores penetraram no recinto, deixaram todo o protocolo, todo o formalismo, todo o respeito,



GRAVADA TODA a história em fita, através de um telefonema do advogado, estourou a notícia como uma bomba na cidade...



A CADEIRA DO VEREADOR implicado no grande escândalo está a espera da decisão da justiça. Voltará a sentar-se aqui?



DA FITA FOI PASSADA para o acetato (três discos de doze polegadas), toda a conversação. A irradiação dura 26 minutos.

tôda a reverência e etiqueta. Na sessão secreta o V. Excelência foi substituído pela pornografia, como foi o caso de um vereador que, levemente ruborizado soltou um daqueles de fazer corar um frade de pedra. Quando o palavrão cruzou o recinto, alguém reclamou:

— Puxa, Catalano (não é o do Teatro), respeite ao menos a Lúgia e a Sagamor.

Essa abertura pornográfica, real, verídica, dá uma pálida idéia do que foi a sessão secreta da Câmara dos Vereadores, onde há os velhos respeitáveis, há os ponderados e, acima desses, duas senhoras que devem ser consideradas. Dir-se-ia que os dois esqueceram de que aquilo, mesmo em segredo, é um parlamento e, para garantia da Instituição, jamais deve deixar de sê-lo.

Um vereador impaciente interpela o presidente nos seguintes termos:

— Como é, João Machado, você começa ou não esse negócio!

Impertubável, o austero Presidente não chega a responder. Olha apenas o vereador. Depois passa os olhos pelo recinto e declara iniciados os trabalhos. Mal, porém, começa a fala regimental, Paes Leme que xinga desde o contínuo da Câmara até o Presidente, inimigo fidalga da imprensa, tanto que está colocado no gelo da imprensa, grita:

— Ó Sagamor, me dá um cigarro.

Dizem as más línguas que Paes Leme só fuma "se me dão" e que nunca mudou de marca.

Mas prossegue a sessão:

— Ó Junqueira, você depois vai ao Jockey? pergunta Mário Piragibe.

E entre os pedidos de cigarros, as anedotas picantes e os convites ao Jockey, a sessão se vai desenrolando. Se fôsse irradiada, teria o povo o mais sensacional espetáculo circense-parlamentar de todos os tempos! Parece paradoxo, mas a sessão secreta foi convocada para tratar de assunto inadiável e importantíssimo.

Em primeiro lugar, na sessão secreta para saber-se que atitude tomaria a casa no caso Acioli Lins, falou o sr. José Junqueira que fez diversas sugestões sobre o modo de encaminhar os trabalhos. Aceitas algumas, rejeitadas outras, o sr. Presidente pediu ao sr. Manoel Blasquez (4.º secretário, travestido em introdutor de testemunhas no recinto) que trouxesse o advogado Montebelo.

— Ó Blasquez, vá lá em cima e traga o Montebelo.

O quarto secretário saía e voltava, assumia ares de mordomo em grande gala anunciando nobres que entravam e invariavelmente repetia a mesma frase:

— Introduzo no recinto, o sr. Fulano de tal, testemunha pedida pela Presidência.

Assim, entrou o sr. Joaquim Montebelo, que passou a declarar:

— Em meados de abril, representando cento e sessenta funcionários que demandavam contra a Prefeitura, compareci ao gabinete da primeira secretária desta casa, vereadora Lúgia Lessa Bastos, solicitando informações com referência à demanda.

Sereno o advogado prosseguiu:

— Soube, posteriormente, que o sr. Acioli Lins, seria o relator da matéria na Comissão de Finanças. Foi então que o citado vereador manifestou-me dificuldades de dar parecer à matéria que envolvia um grande crédito. Percebi as insinuações do sr. Acioli! Não desejei entabular entendimento com ele mas querendo, naturalmente, conhecer seus propósitos, indiquei um amigo meu, o sr. Osmundo Rêgo Monteiro, a fim de fazê-lo. No dia nove de maio, após encontrar-se com o vereador, o meu intermediário trazia os propósitos claros daquele, em contrato escrito que deveria ser por mim assinado.

Façamos um ligeiro parentêsis para dizer que o sr. Edgard de Carvalho, segundo secretário que redigiu a ata da sessão, procurava sempre colocar o nome da sra. Lúgia Lessa em posição duvidosa, o que fez com que, várias vezes, aquela senhora pedisse ao presidente retificações. Diga-se também de passagem que o contrato assinado pelo sr. Acioli e pelo sr. Montebelo não apareceu porque o advogado não o levou a Câmara por julgá-lo de pouca importância. Nesse contrato o vereador comprometia-se a apressar e conseguir a aprovação do projeto, em troca de quinhentos mil cruzeiros de gratificação. Isto pôsto, voltamos à palavra do advogado:

— Mande um recado para que o vereador me telefonasse no domingo, dia 13, a fim de entrarmos em acôrdo. Então, a gravação foi feita na presença de várias testemunhas.

A propósito da gravação, o vereador Mário Piragibe, amigo de infância do sr. Montebelo declarou a jornalistas que a gravação fora feita pela própria polícia que, para isto, destacara o detetive Alvaro Pêssego. Disse mais:

— Antes do dia 13, eu tinha conhecimento do que ia ser feito. Um detetive, ganhando o que ele ganha, não pode possuir máquina de gravar. E não faria isto por conta própria, correndo riscos.

Quando o advogado Montebelo disse que não pretendia tornar pública a conversação telefônica e que queria, apenas, garantir-se, dizendo que, quando ele fôsse cobrar os quinhentos mil cruzeiros ele passaria a gravação e ameaçaria revelar, vários vereadores interpelaram-no.

— Então quem foi que revelou e trouxe o caso para cá?

Dedo em riste, Montebelo aponta:

— Cotrin Neto.

O vereador do PRP empalideceu nervoso com a declaração do advogado. Disfarçou, olhou para o chão, enquanto prosseguia a sessão.

— Onde está o contrato assinado, perguntou o sr. Junqueira.

— Não era contrato, explicou o sr. Montebelo, era apenas uma folha de papel datilografada.

Nesta altura dos acontecimentos houve o sétimo tumulto da sessão. O sr. Mourão Filho quase se atirou com o sr. Cotrin Neto, que mais parecia "babá" do advogado, tal o carinho e deferência com que o tratava, não permitindo que os vereadores o acusassem. O sr. Magalhães Jr. e o sr. Cotrin ameaçaram retirar-se do recinto. Não passou de ameaça.

O vereador Sagamor levantou-se e disse:

— Eu já sei quem é o acusado: é o Acioli. O Cotrin diz que esse advogado aí é testemunha. Que diabo é isso! Em todo pro-



ACIMA VEMOS R. Magalhães Júnior que tomou parte ativa nos debates — queria a cassação do mandato, senão renunciaria. Abaixo, Silvino Neto que sugeriu que o sr. Acioli Lins renunciasse — os quarenta e nove restantes pagariam seus subsídios.

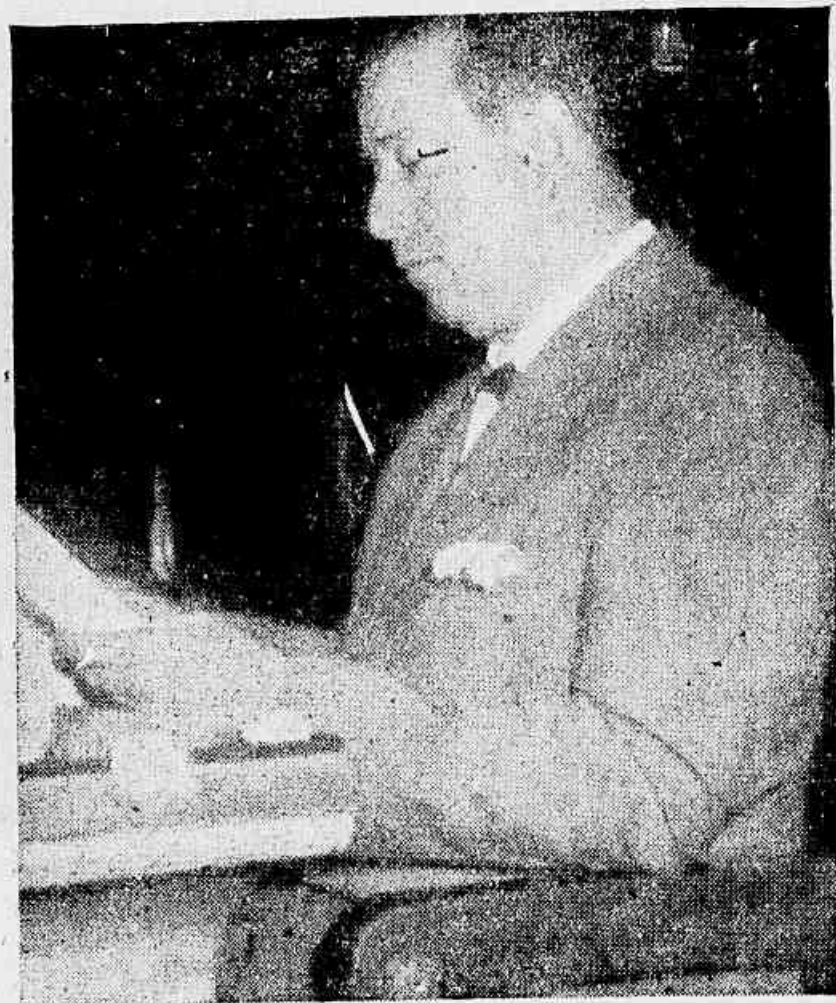




O LÍDER DA UDN, sr. Mário Martins, interpretando o pensamento de seus correligionários, disse que a Câmara foi muito liberal.



CRISPIM MAURÍCIO DA FONSECA, estava interessado no caso e, com o dinheiro, ia fazer um jazigo. Chorou ao evocar a esposa.



MANUEL BLASQUEZ, quarto secretário, tomava ares de mordomo em grande gala, quando introduzia uma nova testemunha...

cesso, existe acusado, testemunha e acusador. Quero fazer perguntas ao acusador. Quem acusa o vereador Acioli, afinal de contas?

Foi quando o sr. Aristides Saldanha, orador de vastos recursos, interveio para, num discurso de caráter jurídico, bem argumentado, classificar o advogado de co-réu:

— Não pode a Câmara continuar ouvindo como testemunha um advogado que fez uma gravação para furtar-se ao compromisso de um contrato.

Dizem que o discurso do edil do PRT fez desbotar as pedras vermelhas dos anéis dos srs. Paes Leme, Edgar de Carvalho e do próprio Montebelo.

Pede a palavra o sr. Verenando da Graça para declarar que a Rádio Continental já havia divulgado a conversa telefônica.

— Não foi bem isto. A Rádio Continental, explica o advo-

gado, telefonou-me pedindo a gravação. Recusei. Eles então gravaram a conversa mantida comigo e irradiaram-na.

— E como apareceu a gravação, quer saber o sr. Mourão Filho.

— Já disse que o sr. Cotrin Neto foi ouvila e...

Novo tumulto no plenário. O sr. Cotrin tentou retirar-se novamente. Não levou a cabo seu intento porque o vereador Saldanha o interpelou:

— Você não pode retirar-se, quando seu nome está em jogo. Tem a obrigação de ficar. Nós estamos aqui para esclarecer e não para confundir.

O Presidente pede a presença do detetive e o sr. Blasquez repete o chavão:

— Introduzo no recinto o sr. Alvaro Pêssego, testemunha pedida pela Presidência.

O depoimento do detetive foi de uma docura a toda prova. Nada sabia, nada vira. Um pêssego macio e doce!

Depois desse depoimento, o sr. Montebelo retirou-se para buscar a famosa gravação. As vinte e duas e cinquenta, depois de ouvida, saiu outra testemunha, o sr. Eurico Nogueira Guedes, entrando novamente o advogado, com os discos na mão e declarando bem alto:

— Os discos são de minha propriedade. Só os entregarei mediante recibo!

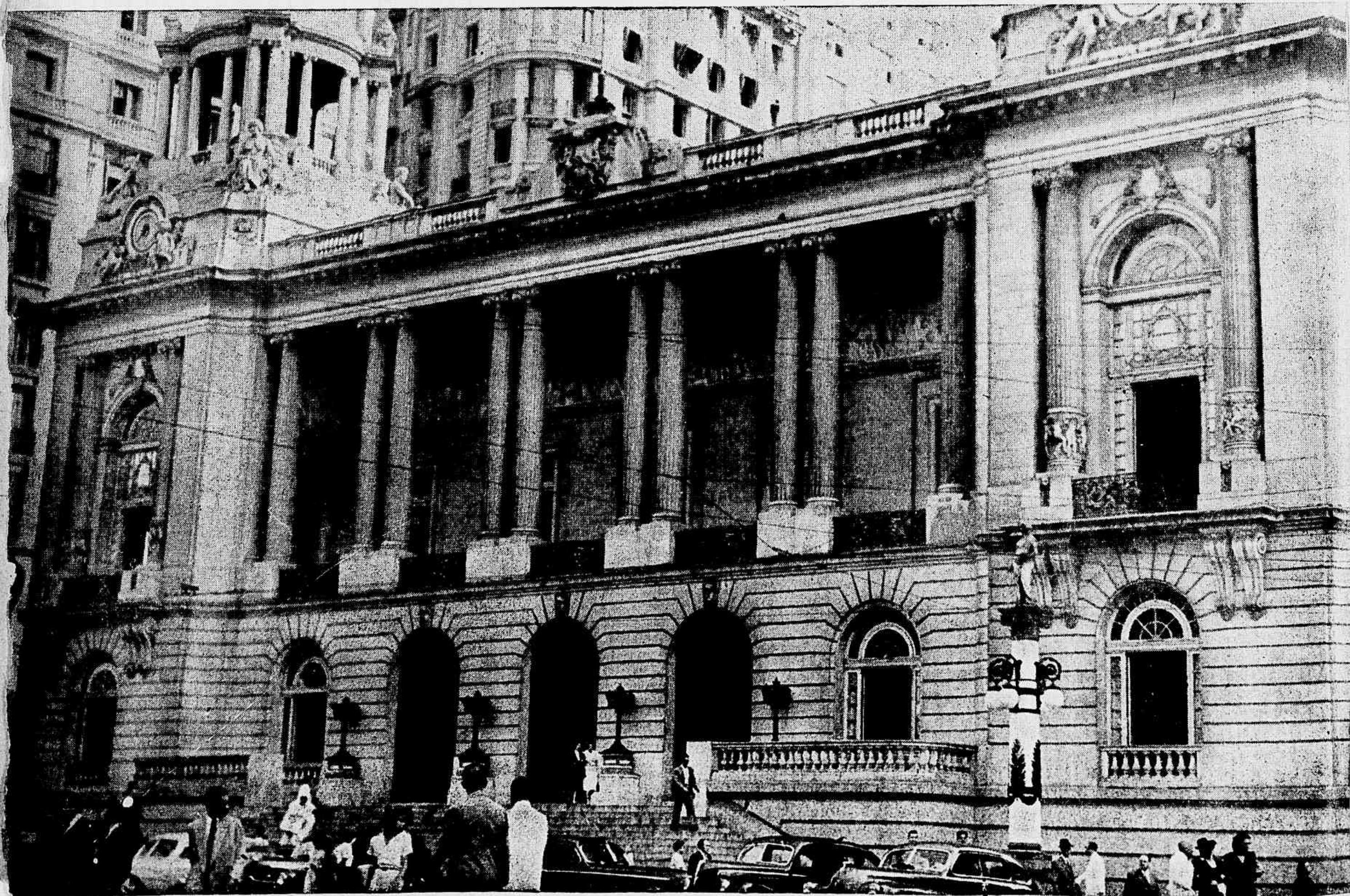
Ouvida a gravação (3 discos de acetado, de 12 polegadas, com vinte e seis minutos de conversa gravada) foi ouvida a testemunha Jorge Alberto de Melo. A primeira sessão encerrou-se às vinte e quatro horas do dia primeiro, sexta-feira.

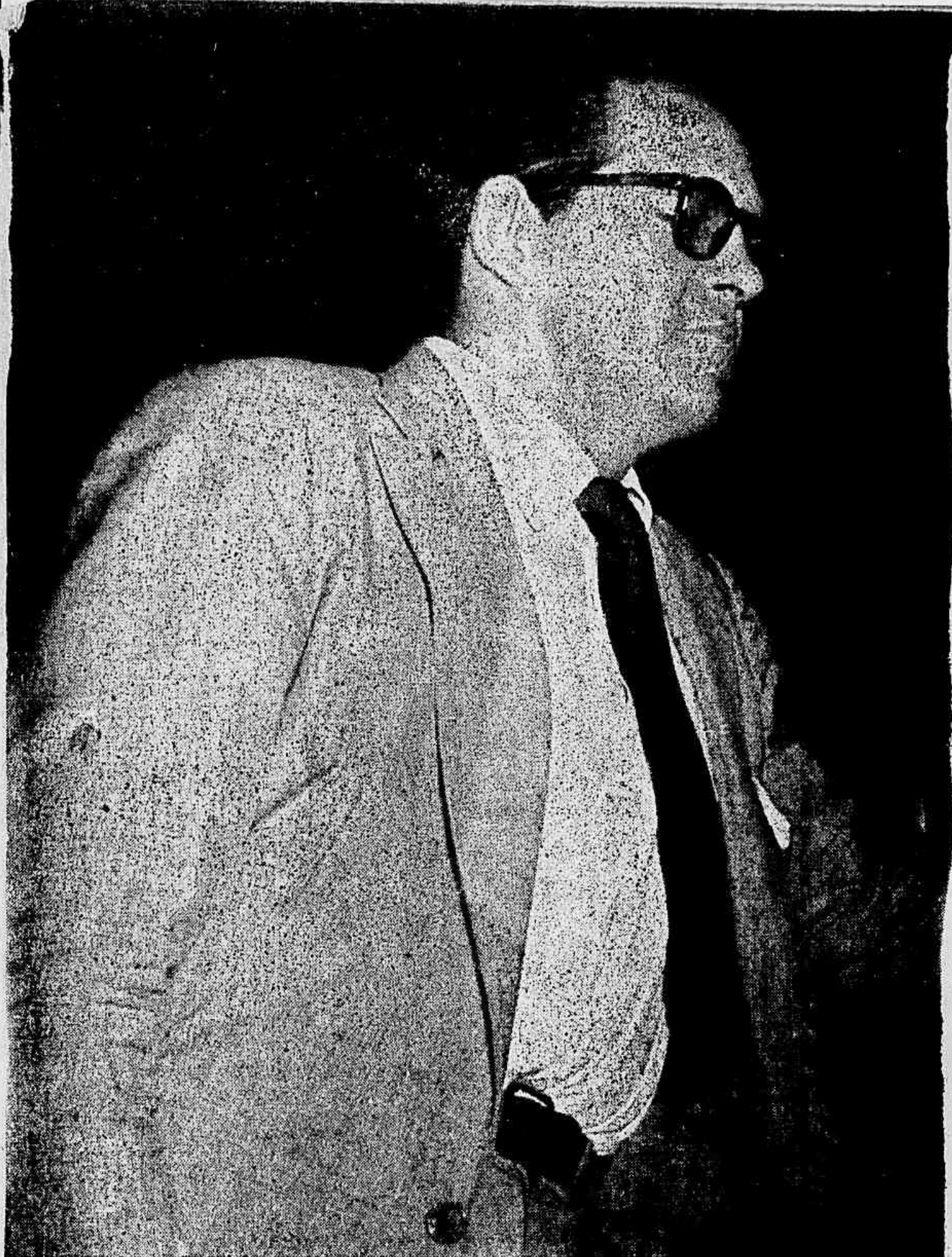
Durante todo o tempo, o vereador Acioli Lins, andou de um lado para outro, mais vermelho do que um tomate envergonhado, nervoso, tirando e botando o paletó, ouvindo, sem nada dizer, dramaticamente, todo o processamento da sessão, inclusive os discos.

A testemunha Rego Monteiro, arrolada também pela Câmara, como

NESTE prédio que é, afinal, uma garantia da instituição, os vereadores penetraram para decidir do destino de um colega seu. Houve muito barulho, quase houve brigas, os ânimos

andaram exaltados, mas tudo terminou na mais perfeita paz do senhor: — por trinta e três votos foi aprovado o projeto que suspendeu Acioli. Se um deixasse de votar, nada haveria.





ARISTIDES Saldanha do PRT, que levantou a tese, segundo a qual o advogado Montebelo, em vez de acusador, passava a ser classificado como co-réu. Seu discurso-tese foi brilhante.

EDGAR de Carvalho, do PTB, procurou, na qualidade de redator da ata da sessão secreta, envolver o nome de Dona Lígia M. Lessa Bastos, porém ela pediu retificação várias vezes.

parte do processo, está ameaçado de perder o emprego que tem na Prefeitura e que lhe rende uns bons cobres.

DIA 2 — A SEGUNDA SESSÃO

As nove e quarenta e cinco o sr. João Machado abriu os trabalhos, fazendo, o 1.º Secretário, a chamada dos Vereadores.

Logo a seguir, deu entrada no recinto o doutor Rego Monteiro, que, inicialmente, fez uma exposição de sua participação nos acontecimentos, dizendo que esteve na Câmara várias vezes tratando do caso dos funcionários, sendo que numa delas foi apresentado ao Vereador Acioli Lins, pelo advogado Montebelo. Antes falou com o Vereador Lígia Bastos que lhe disse: É melhor não falar com outro Vereador pois poderá parecer interesse deste ou do Partido. Esclareceu o Vereador Lígia que, posteriormente, não teve nenhum contacto com a testemunha.

No encontro entre o advogado Montebelo e o Vereador Acioli Lins ouviu o advogado dizer:

— Você, Acioli, quer que eu faça o parecer ao projeto?

— Faça e me mande — respondeu o Vereador. Na rua o advogado Montebelo disse à testemunha:

— Este camarada está com golpe comigo, quer dinheiro. Ele me insinuou a compra de máquinas para botar um jornal e está querendo dar um golpe e de 500 contos. Você vai lá amanhã e veja quais as intenções dele.

Depois — acrescentou a testemunha — voltei aqui e falei com o Vereador Acioli Lins quando perguntei se ele queria os quinhentos mil cruzeiros em dinheiro ou em máquinas.

— É evidente que é em dinheiro — respondeu o Vereador Acioli Lins.

Informou a testemunha que eram 210 interessados e que o Vereador Acioli Lins pediu uma garantia do dinheiro através da minuta de um contrato, que realmente lhe foi entregue, no dia

seguinte, às 10 horas, no Amarelinho, figurando o nome de um senhor Oliva. A seguir a testemunha relatou a sua participação até à gravação, tendo o Vereador Acioli Lins dado o número de seu telefone, em Jacarepaguá. Depois o sr. Rego Monteiro respondeu a pergunta, de vários Vereadores. Rego Monteiro declarou que, não há a menor suspeita sobre outro Vereador, julgando-os todos dignos e incapazes de se envolverem num crime de chantagem...

Inquerido pelo senhor Mourão Filho, Rego Monteiro disse que não sabia quantas cláusulas havia no contrato e que era apenas uma folha de papel dactilografada.

Celso Lisboa interrogou sobre se a telefonista havia dado o preço da ligação. Deu — respondeu, mas não sabia quanto.

Respondendo a uma pergunta do Vereador Paes Leme declarou a testemunha que a gravação foi feita com o único fim de se esquivar do pagamento combinado com o vereador Acioli.

(Cont. na pág. 8)



DONA LIGIA quase se viu envolvida na história porque teve alguns atôto - a - têtes com o advogado. Mas estava inocente...



JOÃO MACHADO, o áustero presidente da Galoia de Ouro, que conduziu com brilhantismo a sessão secreta. Pertence ao PTB.



COTRIM NETO foi quem revelou à Câmara todo o escândalo. Era, porém, parcial. Não deixou ninguém apertar o advogado.



PASSADA a borrasca, abalamos-nos em demanda de Jacarepaguá a fim de ouvir a palavra do vereador Acioli; ele, porém, alegando estar doente, não quis prestar declarações. A bem da verdade, diga-se que nem falou conosco pensando, certamente, que nos abalávamos idéias parciais, o que não acontece — nosso trabalho se baseia apenas na verdade, sem partidatismo.

O "AFFAIRE" ACIOLI LINS

A uma pergunta do Vereador Magalhães Junior respondeu a testemunha que não conhece a ideologia do senhor Montebelo mas que ele, Rego Monteiro, trabalhou pelo P. T. B.

DEPOE O SR. ACIOLI

As 11 horas precisamente retirou-se do recinto a testemunha, assumindo a tribuna o Vereador Acioli que começou, pateticamente, dirigindo suas palavras a Deus, pedindo que iluminasse as consciências dos srs. vereadores. Um santo, o pequenino!

O sr. Cotrin Neto, apartando-o reputa errada a maneira pela qual a Câmara está julgando o Vereador Acioli, sem os depoimentos serem taquigrafados ou reduzidos a termo, mas Mário Martins, o líder da UDN, disse:

— A Câmara está sendo até muito liberal por permitir que o acusado assista ao depoimento das testemunhas!

Prossegue o acusado:

— Em nome do Direito, em nome da Verdade, eu *exijo* um processo regular. Vou lutar até ao meu último alento para conservar meu mandato, que foi o mais "cavado" da cidade.

Quando falava o sr. Acioli, os vereadores Mário Piragibe e Silvino Neto e alguns outros da bancada udenista propuseram ao denunciado que renunciasse para salvar o "decôro" da Câmara.

— Renunciar, nunca! O meu mandato pode ser cassado pela Câmara, mas lutarei até morrer. Renunciar seria a confissão do meu erro. E cassar meu mandato seria precedente perigoso pois impetraria mandato de segurança, ameaçou o sr. Acioli.

A proposta dos srs. Mário Piragibe e outros foi a de que ele renunciasse e eles, os outros 49 fariam um rateio a fim de pagar

os 24 mil cruzeiros integrais ao sr. Acioli, o que foi recusado veementemente. O homem já é rico.

Mas prossegue o sr. Acioli:

— Não sou agitador, sou um homem louco por Justiça, irei promover comícios, irei às emissoras, gritarei a todos que sou direito.

O homem parecia um náufrago querendo agarrar-se às próprias ondas do mar, em desespero de causa.

O Vereador Paes Leme sugeriu a formação de uma comissão para colher provas sobre a denúncia. Vários oradores se sucederam na tribuna falando sobre o assunto. O sr. Acioli Lins, depois disso, voltou a falar. Disse das suas lutas, seus dissabores, de sua vida fazendo um histórico, desde o tempo em que usava calças curtas.

(Cont. na pág. 46)



AFONSO SEGRETO é um grande amigo da Imprensa. Sempre sorridente, nunca se nega a prestar declarações aos «seus irmãos da pena». Aqui o vemos falando ao representante da Rádio Globo, Miguel Gustavo.



SAGRAMOR e CASTRO MENEZES (Antônio Conselheiro). A vereadora radialista, queria fazer perguntas ao acusador e não sabia quem era, em vista da confusão reinante. Foi quando Aristides Saldanha interveio.

A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA

N.º 26 ★ 30-6-51

NÃO HÁ VAGAS

É costume colocarem os dirigentes de obras em execução nos vários bairros da cidade, uma tabuleta com os seguintes dizeres: «Não há vagas». Muitas vezes o português sai pitorescamente errado, vendo a tabuleta e não concebida: «Não há vagas», «Não há vagas», e por aí a fora. O cidadão que sabe ler, olha o aviso e nem tenta penetrar no edifício em construção. Suspira e vai embora. Mas, muitas vezes o que procura emprego não sabe ler e vai entrando nas obras em andamento à procura do responsável pela admissão de novos operários. Mas, também há os que, embora sabendo ler e escrever com muito mais correção do que o «escrivão» que registrou na tabuleta aqueles barbarismos, não ligam a menor importância ao aviso e vão procurar os dirigentes das obras. E, cuja singular! muitas vezes conseguem trabalho. Qual o segredo desse sucesso precedido de uma indisciplina impertinente? Nada mais fácil de explicar. Aquela aviso dizendo que «Não há vagas», é apenas para «fugir» os desconhecidos. Numa obra de vulto, em grande edifício arranha-céu para hotel ou apartamentos, sempre há uma brecha para os que conhecem o assunto e são mesmo do batente. Entretanto, como o administrador da obra tem suas preferências e quer escolher seus auxiliares, vai daí, não quer estar a ser emolado com pedidos a todo instante, procurado por desconhecidos e sem prática. Mas sempre há uma vaguinha... O sr. Benjamin Cabello, vice-presidente da CCP (Comissão Central de Precios), desde que assumiu o espinhoso cargo de combater a alta do custo de vida e promover o abastecimento do mercado do Rio, vem lutando com problema muito maior: o dos constantes pedidos de empregos para recomendados de amigos a quem não pode desatender. Mas, como? Na sua repartição não há vagas. Por isso, para não desagradar amigos velhos e sinceros, veio pela imprensa rogando que ninguém lhe peça empregos, pois na CCP não há lugar para novos funcionários. Seu anelo é quase patético. Mas o diabo é que, como sucede com o aviso nas obras de construção civil, muita gente está convencida de que há sempre um lugarzinho, um jeitinho para os amigos...



MAIS UM

Vai o Brasil contar com um Estado novo, ou melhor, com um novo Estado, para sermos mais claros. De onde sairá a nova unidade federativa? Do Amazonas? Do Pará? De Mato Grosso? Deste último Estado já se falou em retirar certa porção de seu território para criar um novo Estado cujo nome nos escapa neste instante. Era de sabor indígena. Mas tudo foi esquecido e Mato Grosso continuou com a integridade territorial que os políticos lhe deram desde o seu nascimento. Surge agora, mais uma vez, o prurido de desmembramento de Minas Gerais para a formação de um Estado. Trata-se de velha questão, a do território do Triângulo, o famoso Nariz de Minas, grande e fértil região, dotada de imensas riquezas minerais, fontes de águas medicinais, com uma população bastante densa dadas as relatividades populacionais de outros Estados e em face da do próprio Brasil. O novo território seria maior do que o de vários Estados da federação. Possuindo cidades muito belas e populosas, como Uberlândia e Uberlândia, o novo irmão Benjamin da federação brasileira teria vida garantida e seu progresso seria imediato. Minas Gerais perderia grandes fontes para sua movimentação; mas, em compensação, poderia dedicar mais o seu tempo às outras regiões e cidades, distribuindo com muito mais eficiência os seus recursos orçamentários. Uma das causas desse velho sonho triângulo para constituir-se em Estado autônomo, separando-se de Minas é o ter sempre vivido toda aquela zona, separada de Belo Horizonte. Todo o Triângulo é de caráter e sabor paulista. A imprensa que se lê é a de São Paulo, os hábitos e costumes são bandeirantes, os negócios com São Paulo e cidades paulistas, as comunicações pertencem ao sistema paulista. Ora, quando um filho não recebe a assistência paterna e vive, embora em minoridade, sob influxos de estranhos, surge em seu espírito o desejo de «Independência ou Morte!» Por isso o Triângulo Mineiro, embora sem gritos de guerra com morte e bala, deseja receber da Mãe-Pátria o seu título de emancipação. Já está muito taludinho e não deseja continuar de calças curtas...



CONTRA AS IRRADIAÇÕES

Registraram alguns jornais desta cidade que o sr. vereador Frederico Trotta decidiu, com vários colegas da Câmara Municipal, eliminar as irradiações dos trabalhos da casa legislativa do Distrito Federal. Acha o mesmo vereador que os trabalhos têm decido sensivelmente depois que voltou a funcionar o serviço de irradiação, pois grande número de vereadores desfilia diante dos «micros» apenas com o desejo de exibir suas vaidades demagógicas e nada mais. O motivo alegado pelo sr. Frederico Trotta pode não ser totalmente exato; mas não deixa de ser... modesto aos que se sentem felizes ao microfone, sabendo que sua palavra está sendo ouvida pelos rádio-ouvintes do Distrito Federal, especialmente pelos seus eleitores. Não sabemos se o requerimento do vereador que declarou guerra aos oradores que se comunicam com esse sistema de trabalhar pelo progresso do Rio, já foi apresentado à mesa. Dizem, porém, que já está o mesmo com trinta assinaturas, e um dos motivos de sua existência é que se torna preciso defender o «decoro da Casa». Todo mundo sabe que, em todos os países do mundo em que funcionam sessões legislativas de caráter popular ou mesmo de elites representando correntes partidárias de tipos diversos, os debates nem sempre se recomendam pela serenidade dos oradores e apertantes. No Legislativo da Holanda, a civilizada e culta Holanda, ainda há pouco tempo foi tão grande a agitação, que o presidente teve que passar a batuta ao substituto regimental, pois não suportou a tempestade. E na Bélgica? E na Itália? E na França, Inglaterra, Estados Unidos? Para encerrar a citação: no Legislativo da Coreia do Sul, um representante da nação usou do seguinte argumento contra um seu opositor: desceu lá de sua cadeira e lhe mordeu as bochechas! Isso irradiação seria notável, cabendo apenas ao Presidente esclarecer se a bochecha do vereador tem ou não imunidades...



NOVA CAPITAL PARA O ESTADO DO RIO

Nem sempre foi Niterói a capital da terra fluminense. Em decreto de 1893, mais ou menos, o governador de então escolheu a cidade de Terezópolis para sede do governo do Estado. Mas, tendo irrompido a revolta da armada em 1892, não coube àquela cidade a glória de roubar de Niterói as laureas de capital do Estado, e sim a Petrópolis, que assumiu o comando geral. Terminada a luta, porém, verificaram os altos administradores fluminenses que, em verdade, Niterói era a única, a melhor cidade para ser a cidade capital para acomodar os serviços oficiais com todos os seus funcionários. E tudo voltou para a risonha Niterói. Mas, parece que continua a mexer no cérebro dos governos da terra de Nilo, a ideia primitiva de mudar a capital para cidades do interior. Fala-se agora em Friburgo. Foi o próprio governador, comandante Ernani do Amaral Peixoto, quem reviviu a ideia num discurso proferido naquela encantadora cidade. Para justificar suas palavras, declarou o governador que «a tendência atualmente em todos os países e unidades federativas, é a de localizar as suas capitais preferentemente em regiões interiores. Quanto ao caso de mudança da capital do Estado do Rio — continua S. Excia. — nenhum município, pela sua situação geográfica e pela excelência de seu clima oferece as vantagens de Nova Friburgo, podendo a mudança ser feita aos poucos, sem atropelos, a longo prazo, devendo continuar sediados em Niterói muitos dos serviços públicos». Há quem seja contra a medida, mostrando o insucesso da anterior tentativa. Há quem conteste ser Friburgo o melhor ponto do interior, lembrando-se que a cidade de Campos estaria em muito melhor situação geográfica. Há ainda os que opinam pela continuação de Niterói, que, geograficamente falando, é o ponto equidistante dos extremos fisiográficos do Estado, com a vantagem de estar vizinha à capital do país. Quem vencerá? Niterói, Campos, ou Friburgo? O governador Amaral Peixoto levantou uma questão que interessa ao povo fluminense, ao comércio, às indústrias e aos proprietários de terrenos...



Dedator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJOS

Diretor:
Gratiano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla (Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933).

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano ... Cr\$ 150,00
seis meses ... Cr\$ 75,00
registrada — Um ano ... Cr\$ 180,00
seis meses ... Cr\$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

registrada — Um ano ... Cr\$ 280,00
seis meses ... Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador. Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», a rua Capitão Salomão, 67, tel. 1-1569. Publicidade a cargo de Jairo Galvão, rua da Conceição n. 55, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: «Interpress», Florida 299, tel. 32, avenida 9509, Buenos Aires.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9370; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

JÁ se disse que, certa dificuldade política entre o Brasil e o Uruguai, não resolvida pela diplomacia, foi harmonizada pelo futebol. Isso se passou há muito tempo e se referia à questão de limites das margens da Lagoa dos Patos. Como vemos, quando o futebol é utilizado como meio de intercâmbio internacional, dentro dos sadios preceitos da educação esportiva, torna-se um elo de amizade e aproximação entre os povos. As tradições do Brasil, a esse respeito, são as mais brilhantes. Todos se recordam ainda do que foi aquela excursão do «Paulistano» (o «São Paulo» de hoje) por vários países da Europa, sempre vencendo, tendo perdido apenas de 1 a zero, para um clube francês... por descuido. A imprensa francesa exibiu em primeiras páginas as glórias dos jogadores brasileiros, apelidados de «les rois du foot-ball». Mas não somos reis apenas na técnica desconcertante do domínio da bola; somos também reis do famoso jogo bretão no que diz respeito à disciplina, à lealdade diante dos

A PERSONAGEM DA SEMANA



Flávio Costa

adversários, exibindo-se um padrão de jogo que não tem similar em nenhuma parte do mundo. No momento em que elegemos a personagem da semana para esta edição, os rapazes do Flamengo encerram seus triunfos na Europa. Dez jogos, dez vitórias inofismáveis desde o Báltico ao Tejo. Toda a Europa esportiva ficou perplexa com a virtuosidade dos nossos «cracks». Através de sua técnica, o cavalheirismo dos povos cultos, dos verdadeiros desportistas. Escolhendo o Flamengo para ser a personagem desta semana, elegemos como símbolo dessas vitórias o seu técnico, Sr. Flávio Costa, que simboliza o Clube triunfante nas canchas europeias. O nome do Brasil esteve durante todo esse tempo na berlinda, destacando-se como uma nação que se recomenda pela cultura de seus filhos e destreza dos seus jogadores ainda sem par no mundo. O Flamengo, como sucedeu com outros conjuntos nacionais, reafirmou nossa supremacia futebolística e muito fez pelo bom nome de nossa terra.

FREI JOSÉ MARIA



UM PADRE, sim, mas também um excelente mecânico metido no seu macacão e dizendo ao repórter: — «A mecânica não tem segredos para mim. Manejo tão bem um torno como rezo missa. Com uma pequena maquinaria poderia auxiliar bastante aos caboclos que pagam centenas de cruzeiros por um simples parafuso...» Ao lado, a Igreja de Nossa Senhora das Dores.

UM PADRE DIFERENTE

PROCURÁVAMOS um padre que soubesse ser diferente dos demais, pois não limitava suas atividades às celas dos conventos ou às igrejas. Buscávamos um padre dinâmico e ativo, que toca o "Tico-Tico no Fubá", numa flauta, ou "La Cumparsita", em um piano de cauda, tão bem como mata uma jibóia com seu "38 cano longo" ou uma feroz onça pintada com sua Winchester reluzente.

Pouco sabíamos dele a não ser que se chamava Frei José Maria Carneiro de Lima e que realizara várias conferências na cidade, focalizando a vida mísera do sertão

DO ACRE A S. PAULO, ESMOLANDO PARA OS NECESSITADOS, MAS PEDINDO APENAS ROUPAS, MÁQUINAS, REMÉDIOS E NUNCA DINHEIRO ★ ATRAVESSA OS SERTÕES COM UM FACÃO DE MATO E UM "38" ★ JÁ REMOU 68 DIAS E CONHECE AVENTURAS DE ARREPIAR OS CABELOS! ★ "ÁS" DO VOLANTE, DA MOTOCICLETA, DO AVIÃO, ORADOR E MÚSICO ★ UM ABRAÇO PARA A MÃEZINHA

Texto de DÓMINGOS DE LUCCA JUNIOR
Fotos de DARIO TARINI

meio do Acre e do Amazonas, para os quais estava angariando donativos.

A igreja em que fomos encontrá-lo pareceu-nos de construção recente e o sacerdote que nos atendeu indicou-nos uma porta nos altos, onde localizam-se as celas dos religiosos, esclarecendo: "É ali, podem entrar."

Batemos e, ao som de "entre", torcemos a maçaneta. Paramos e nos dispúnhamos a voltar, quando o homem com quem deparáramos perguntou-nos sorrindo: "Querem falar comigo?"



A MÚSICA perde-se na cúpula da igreja solitária e Frei José Maria parece em transe. Ele toca e pensa nos que sofrem.



— «ESTOU VENDO que preciso falar com o governador Navez. Ele parece bom rapaz e ignora o que estão fazendo comigo...»



NA MATRIZ de Nossa Senhora das Dores, no bairro operário de Ipiranga, acompanhado por um irmão da Ordem dos Servitas.



O REVERENDO JÁ DIRIGIU UM DOUGLAS
DO RIO DE JANEIRO A SANTA CATARINA

— "É' dêsse céu imenso, por onde eu vago
às vêzes na carlinga de um "teco-teco" ou
na cabina de um DC-2, que há de vir o
milagre. Meu Deus, tem compaixão dos
pobres e dos miseráveis!"



— AVE-MARIA, cheia de graça... O senhor é convoso... San Mãe de Deus, dai-me forças para vencer essa dura campanha! Estou vendo que tratar com homens é pior que lidar com feras. Contudo, dai-me forças e coragem, Senhora...

UM PADRE DIFERENTE



— CUIDADO, Jesé! — diz-lhe seu irmão Tarcizo — você mesmo disse que S. Paulo é a maior «fábrica» de missas de 7º dia que já viu! Não vá ficar debaixo de um desses loucos que andam a 120 kms. por hora sem que a polícia os travele no maciômio!

Eu e Terini nos entrecolhamos surpresos. O homem sorria, novamente, baixou o cano da Remington, sob cuja mira estávamos, desculpando-se, e deu volla à mesa que nos separava. Pousou a arma, limpou as mãos no macacão que envergava e estendeu-nos uma dextra vigorosa.

— Já sei, são repórteres, não é? — olhou para a máquina de meu companheiro, significamente. — Eu sou Frei José Maria.

DONATIVOS

Entramos. A sala enorme estava atravancada de fardos, ao que o reverendo explicou-nos tratar-se de donativos do povo paulista, que levaria para os sertões. Sobre a mesa, juntamente com a Remington, descansava um facão de mato e um "38" vistoso.

Pusemo-nos à vontade e Frei José Maria foi discorrendo sobre sua acidentada vida de aventuras, que faria inveja a Livingstone, se ainda fôsse vivo.

Simpático e palrador, o religioso ia satisfazendo nossa curiosidade à medida que arrumava os "trens" destinados a minorar o sofrimento dos sertanejos que, a seu dizer, estão lotados de moléstias, caindo aos pedaços e devorados pelos vermes, sem que um simples paliativo lhes chegue aos lábios ressequidos pela febre.

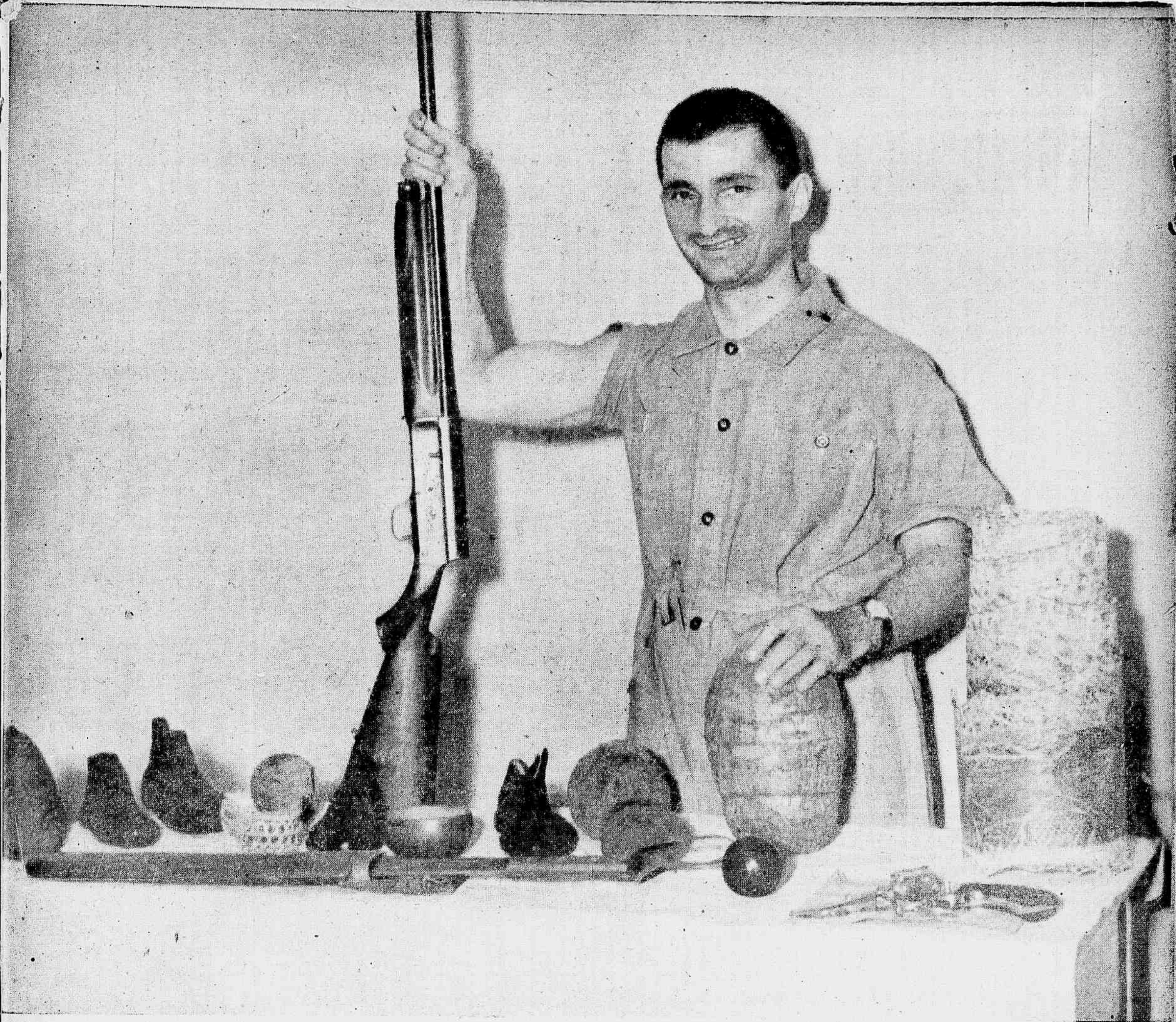
— Vim para São Paulo porque esta terra tem fama de ser rica e pensei arranjar aqui tudo que necessito. Acredite... não pedi um centavo em espécie a ninguém, porquanto quero apenas roupas, máquinas, remédios, mas...



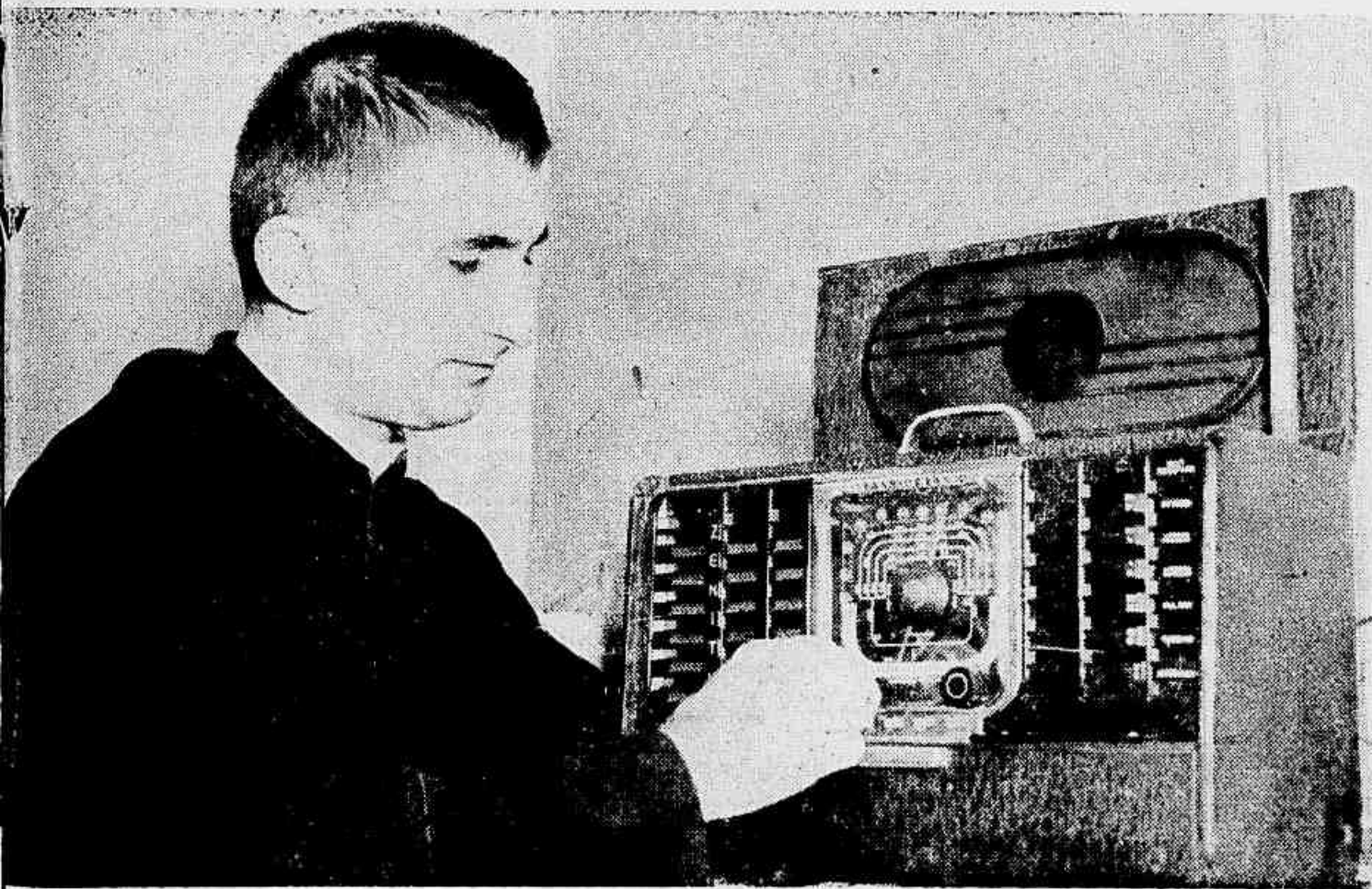
CARTA ENDEREÇADA A DEUS: «Meus Deus, se os homens não me atendem, se não compreendem a dor que não sentem, que devo fazer? Guiai-me, dai-me as vossas luzes divinas, oh Deus!»



EXAMINANDO a pele de uma cobra de 10 metros de comprimento que Frei José matou no Amazonas e explicando o funcionamento da Remington automática com a qual o padre faz suas caçadas.



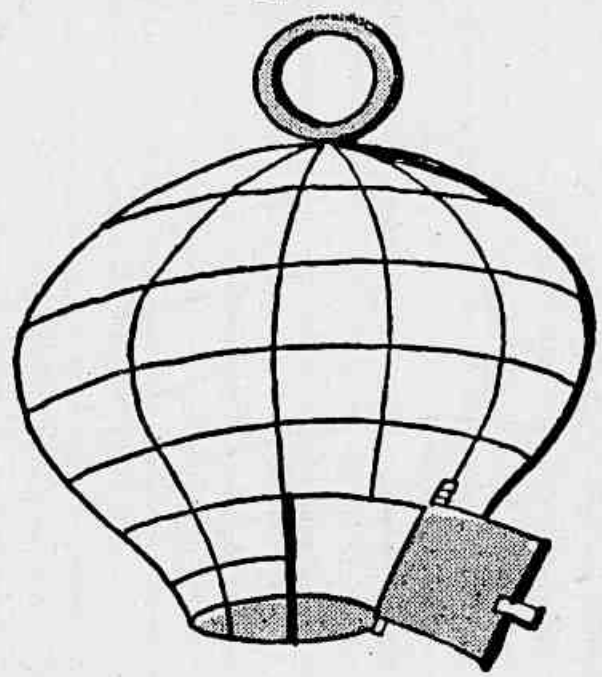
— «ESTES MÚSCULOS não são de rezar missa mas de «pegar no pesado», diga isso aos seus leitores, é só cabo de rémo e de machado». — Frei José sorri posando entre as curiosidades que trouxe das selvas para mostrar aos paulistas. Ali vêem-se sapatos de borracha virgem, côcos verdes, ouriços de castanha e petes de cobra, tudo por ele recolhidos em suas diligências.



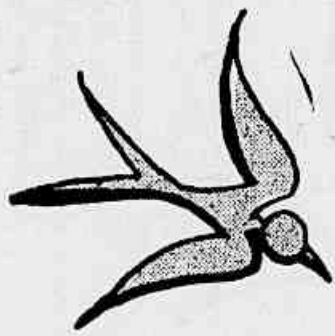
— «COSTUMO deliciar-me com este abichinho na solidão da mata e garanto que até as cobras gostam de ouvir um programa de rádio. Sou francamente do progresso das grandes novidades».



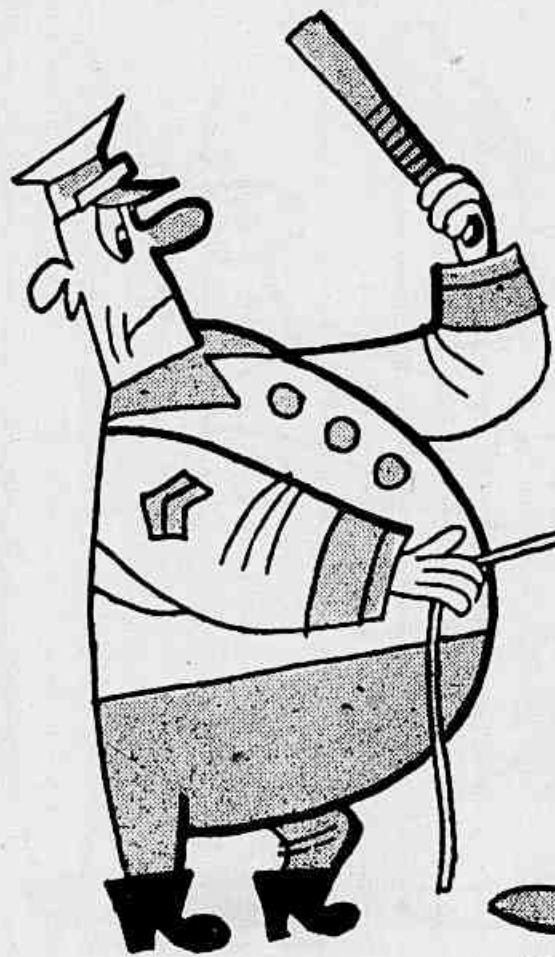
REZA O SACERDOTE abençoando os donativos feitos por gente humilde que soube repartir o pouco que tem com seus irmãos mais infelizes. Os ricos não ligam, desconhecem o drama alheio.



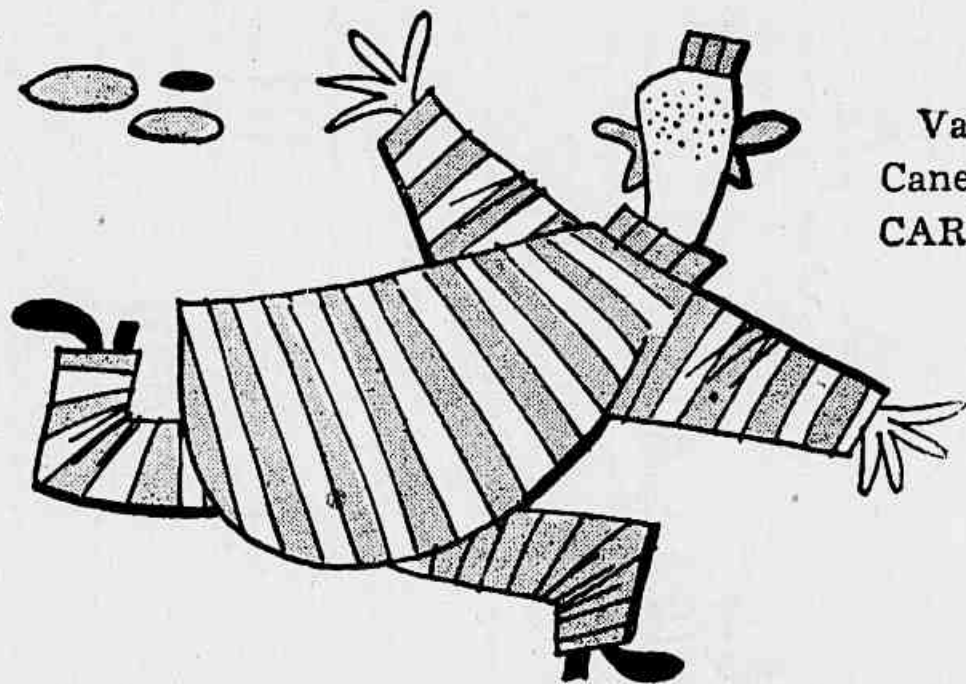
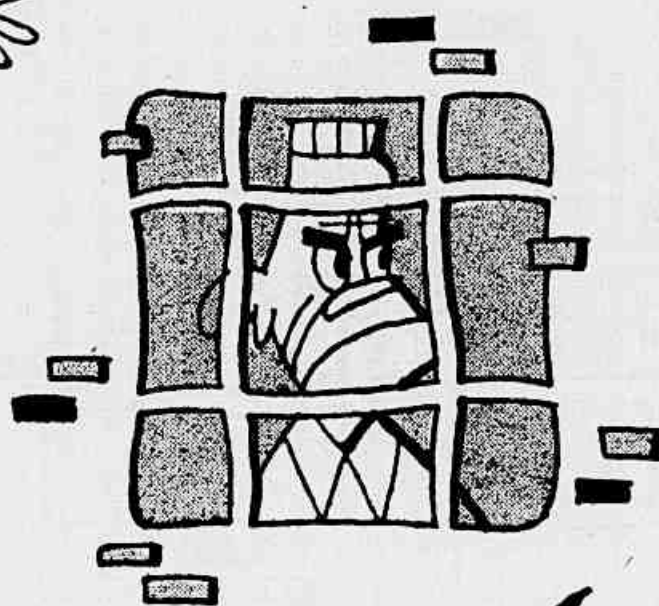
Vamos soltar os passarinhos



Vamos soltar os prisioneiros, pobrezinhos!



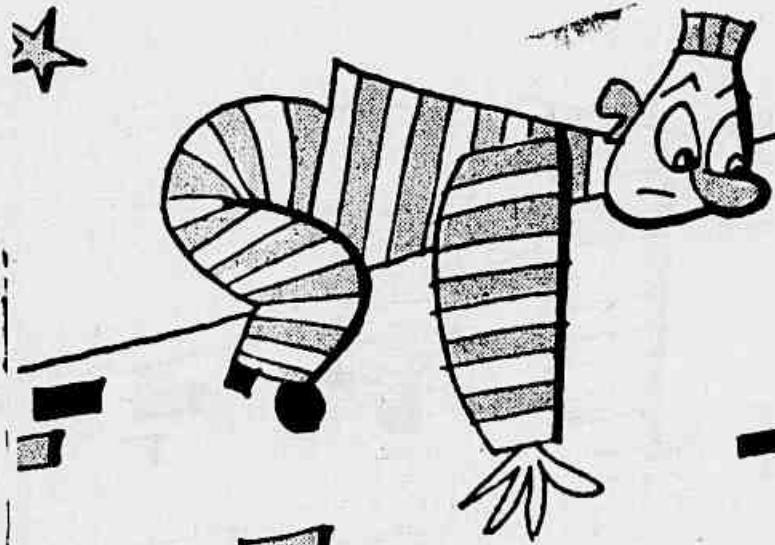
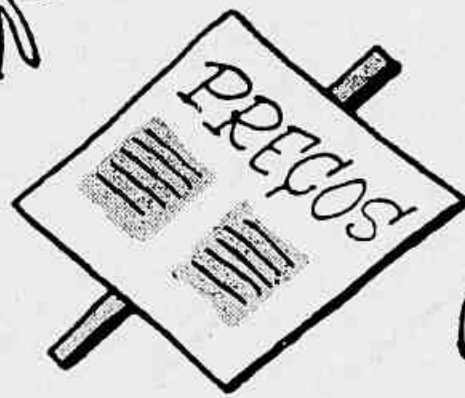
E' o clamor que se ouve de tôdas as bôcas!



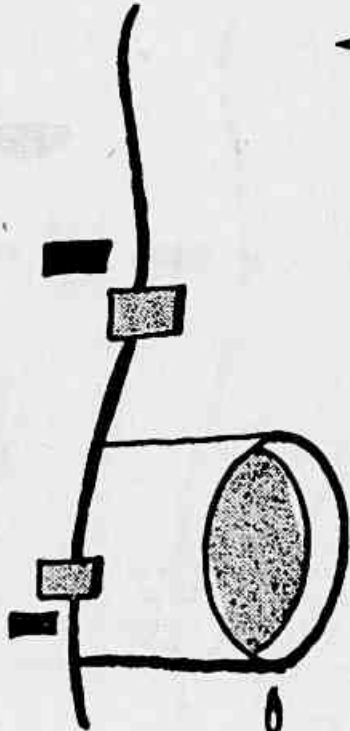
Vamos conseguir do tenente Canepa e da C.C.P. que liberem CARNE SECA...



— Puxa! Como a vida lá fora está cara! Vamos voltar para a gaiola...



— Oba! Está pra nós! o Prefeito mandou limpar os boeiros! A escapada já não é mais uma SUJEIRA!...



A CULTURA FÍSICA DA MULHER

CONSERVAR A BELEZA E A SAÚDE É UM DEVER

(I)

Pela professora EDITH TOROK

COM a cultura física bem praticada, podemos prolongar a juventude e conservar o corpo juvenil e flexível até a velhice. Ser mas sadio, portanto, é um dever para conosco e para com a futura geração. A velhice não é uma enfermidade; podemos envelhecer com o corpo direito, com os músculos flexíveis. Não devemos admitir que com a idade nosso corpo se transforme num depósito de banhas flácidas. Para muitas mulheres o fato de terem tido filhos, constitui uma desculpa para a desfiguração das formas do seu corpo; entretanto, na maioria dos casos, são elas mesmas as responsáveis por esse fenômeno, visto não terem tido a adequada preparação física para a maternidade. Todas as mulheres devem se preparar para esta nobre e maravilhosa missão.

A mulher moderna pratica esportes, como natação, tênis, equitação, volei, esgrima, fato que contribui para conservar o corpo flexível e melhorar a circulação do sangue, mas acontece que nem sempre executa os movimentos apropriados para o seu corpo. Muitas vezes indo no entusiasmo das competições sem prescrição do médico, podem ter resultados desastrosos.

Antes de começar qualquer esporte que exija um maior esforço, temos que nos preparar com a técnica da boa respiração, principal condição da boa saúde e o melhor remédio contra as doenças pulmonares e complicações digestivas. Toda respiração superficial é improdutiva, e falhando a sua missão regeneradora do sangue, auxiliará o progresso de intoxicação orgânica, facilitando, portanto, a instauração da fadiga. A técnica da boa respiração consiste em encher os pulmões de ar completamente, com o mínimo esforço possível, e dilatar a caixa torácica em todos os sentidos. Somente as pessoas que respiram bem têm os pulmões sãos, bem como um belo busto e ombros.

"Les Sallers", que tanto desespera as mulheres, são a consequência da deficiente respiração e só se podem corrigi-los com exercícios respiratórios adequados.

Para as artistas, cantoras e oradores é indispensável a ginástica respiratória, para se ter uma boa e clara dicção com o timbre da voz suave e maleável. Muitas artistas são vítimas dos esforços dispendidos devido à falta de preparo conveniente, pois esforçando as cordas vocais enrouquecem ou perdem a voz. Para o harmonioso desenvolvimento físico das mulheres, não há melhor exercício físico que a ginástica rítmica-respiratória e a natação, pois com exercícios apropriados podemos adquirir a boa postura e o bom-por-te, bem como o andar rítmico e a leveza em todas as idades. Não há elegância possível, mesmo com as "toilettes" mais brilhantes da última moda, se a mulher que as ostenta tiver um andar de pato, os movimentos sem controle, a coluna vertebral inclinada para a frente ou a cabeça pendurada. Um belo corpo de mulher não precisa de muitos enfeites para chamar a atenção do sexo forte!

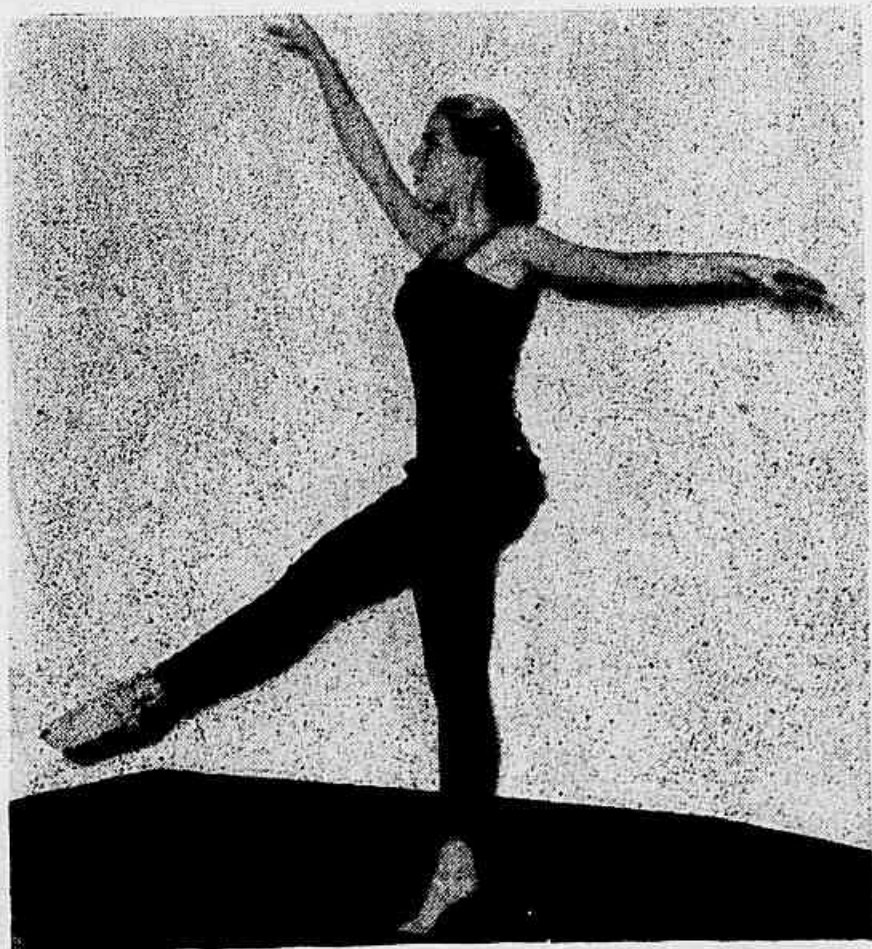
A ginástica-rítmica desenvolve nas mulheres o senso do ritmo e o gosto artístico pela música e pela dança, educam o espírito e a alma, tornando-as mais femininas. A ginástica respiratória músculo-abdominal prepara o seu organismo para a grande missão que é a maternidade.

Ela tem um efeito calmante sobre o sistema nervoso: faz desaparecer as angústias, as irritações e o cansaço, resultantes do trabalho exaustivo dos escritórios e das torturas sofridas nos ônibus superlotados, onde todos são pisados, empurrados e deslocados. No fim do dia, o indivíduo fica exausto, irritado e aborrecido, somente a heróica força-de-vontade o impede de brigar com todo o mundo. Quem praticar a ginástica respiratória, sentirá em pouco tempo os seus excelentes efeitos calmantes. A boa disposição do espírito está estreitamente ligada ao bem-estar do corpo; pode-se constatar isso, observando que todos nós pensamos diferentemente, segundo nosso estado físico. Assim é que apreciamos mais as coisas quando estamos em perfeitas condições físicas, do que quando estamos fatigados e doentes.

PROFESSORA EDITH TOROK e uma de suas alunas que posou para uma série de flagrantes elucidativos das aulas aqui publicadas.

★

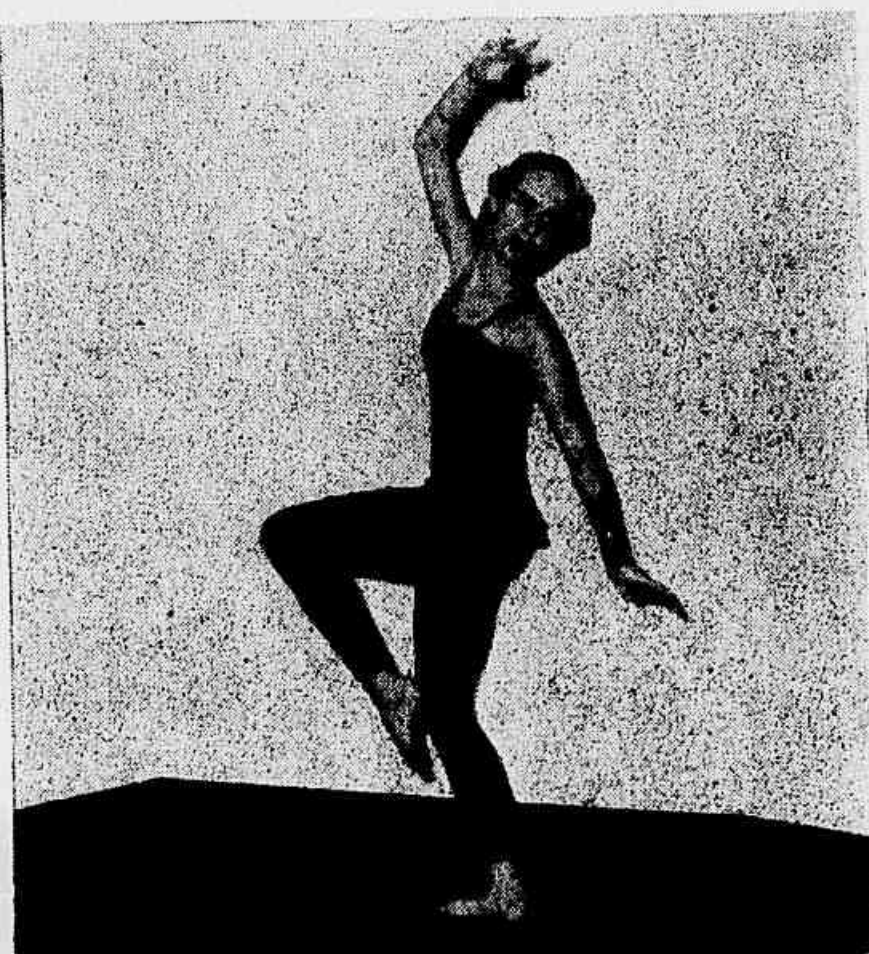
CONTA Stefan Zweig, narrando a vida de Maria Antônia, que essa rainha tinha um andar tão provocante, tão sensual, que um poeta da corte escreveu: — «La vem ela reinando em tudo... até no andar... Serpente verde que, quando anda, parece que dança». Sim, como a infeliz esposa de Luís XVI, muitas mulheres têm um andar elegante, bonito e que logo chama a atenção dos homens. Todavia, muitas damas belas e de corpo formoso não sabem andar com elegância. Naturalmente porque nunca fizeram exercícios para isso. Com o intuito de levar ao conhecimento da mulher brasileira o segredo da conservação da beleza e saúde através da ginástica rítmica, estética e respiratória, apresentamos a professora Edith Torok que, nesta página, passará a focalizar o assunto do qual é professora há muitos anos. O seu método é de um famoso professor alemão, muito usado na Europa, especialmente na Hungria, sua terra natal. Antes da grande guerra de 1914-1918, D. Edith e seu marido, Sr. José Torok, deixaram a Hungria tendo permanecido durante 14 anos em Portugal, dando aulas de ginástica. Vieram para o Brasil em 1913, tendo o casal um filho que nasceu em Portugal, indo residir em Lamer, Minas Gerais. Naquela estância de águas minerais, a professora Edith lecionou ginástica respiratória a muitas senhoras e senhoritas. Na busca constante de clima equivalente ao de sua terra natal, isto é, o frio ou ameno, vieram residir, depois, em Petrópolis. Na cidade das hortênsias foi professora de ginástica durante dois anos, 1949-1950, no Colégio Notre Dame de Sion. Ultimamente, com o falecimento de seu esposo, D. Edith e seu filho passaram a residir nesta capital, onde mantém um curso de ginástica rítmica estética e respiratória para o elemento feminino. Oportunamente publicaremos outros trabalhos de sua autoria. O de hoje se intitula:



EXERCÍCIO DE ANDAR, primeira condição para bem praticar cultura física, prolongando a juventude e a flexibilidade do corpo.



POSICÃO CERTA para manter o equilíbrio do corpo, dando início a uma aula de ginástica respiratória músculo-abdominal.



POSICÃO ERRADA provocando o relaxamento dos músculos. Ginástica sem orientação técnica pode ter resultados desastrosos.

A Vertigem.

A NOITECIA, quando ela entrou pela primeira vez em nossa casa. Oculta em meu quarto, espiando pelo orifício da fechadura, vi chegarem dois carregadores, transportando as malas, a cama, uns quadros e todas as quinquilharias. Depois surgiu minha tia Bósnia.

Era, como eu imaginava, uma velha alta e murcha, muito magra, de face ossuda e pregueada pelas rugas; mostrava-se fatigada, caminhava devagar. No seu cabelo furta-côr, curto e ralo, usava duas travessas desdentadas; nos pés miúdos, meias de algodão e sapatos cambaias, folgados. Trazia também ao pescoço um cordão de ouro do qual pendia pequeno crucifixo, no peito, um camafêu antigo; as alianças de ouro indicavam-lhe a viuvez; e os óculos, a miopia. Num minuto estudei-a da cabeça aos pés, embora os conhecimentos superficiais sejam falhos. Como me trataria aquela múmia?

Mamãe veio recebê-la à porta, beijaram-se e ela caminhou para o interior, arrastando o seu vestido preto e ajoelhando o chale sobre os ombros friorentos. As mãos de tia Bósnia eram mais magras do que ela.

— Toronja! — gritou minha mãe. — Sua tia chegou, venha cá...

Fiquei ainda algum tempo com um olho pregado à fechadura, examinando as malas, procurando adivinhar o seu conteúdo... O fundo das malas velhas quase sempre guardam segredos, dinheiro, cartas, fotos, relíquias preciosas...

Da tia eu fiquei sabendo tudo e era pouco: casara cedo e enviuvara, tornara a casar e novamente ficara viúva, quinze anos antes; possuía apreciável fortuna e morava só, num arranha-céu da cidade, não tinha outros parentes além de nós, a quem nunca procurara. Um dia mamãe a reconhecera no centro da cidade, falaram-se e a irmã de meu pai propôs-lhe, então, sua mudança para nossa casa, pois vivia isolada num quarto, cercada de estranhos e tinha medo, além de tudo, de ser roubada ou de morrer só. Depois, o prédio era muito barulhento e ela gostava de paz, tranquilidade, sossego.

Foi assim que tia Bósnia veio morar conosco, na mesma casa arruinada, paraíso de baratas e ratazanas, longe da metrópole. Suas preferências recaíram sobre um quarto vazio que havia no andar superior. Eu e mamãe continuamos a morar no andar térreo, como no tempo de papai. Havia 18 anos que ali morávamos nós, desde que meu pai falecera num manicômio.

Lembro-me dos impressionantes acessos de desespero de que meu pai era acometido naquele sombrio hospital de alienados. Fomos visitá-lo várias vezes, ocasiões em que se queixava de tudo e de todos. Dizia-se perseguido por inimigos impiedosos, desejosos de sua ruína; ouvia vozes dando-lhe conselhos diabólicos. Mesmo nos momentos de clarividência, se é que os tinha, contado, seus olhos eram inquietos e a serenidade aparente. Certa manhã foi encontrado morto no interior da cela, após uma noite de furiosa agitação. Um médico barbado, com cara de idiota, descreveu a minha mãe toda a sintomatologia e as inibições da neurótica enfermidade de papai: fez citações de Alexis Carrel, lembrou Freud, era frequentador de Lombroso... E concluiu que o mal de meu pai era hereditário. Todos esses fatos acarretaram-me, ainda que mais tarde, grandes aborrecimentos, quando eu, para ganhar meu pão, saí da escola para ingressar, como operária, numa fábrica de tecidos. Minha mãe consumia-se à beira de um tanque, lavando roupas para fregueses exigentes e eu fazia sacos de aniagem, trabalhando 11 horas diárias num oceano de pó!

O tempo foi passando e, 3 anos depois, com 17 anos de idade, ninguém na fábrica sabia, melhor do que eu, beneficiar a juta para o fabrico dos sacos; jamais qualquer operário superou a minha produção; nunca cheguei tarde, era a última a parar a máquina! As mãos de um estivador não seriam mais grosseiras que as minhas... Por tudo isso, pelas minhas atitudes, pelo meu gênio, pela minha conduta geral, pouco falando, não rindo e, mais ainda, pelo que sabiam acerca da morte trágica de meu pai, começaram as intriguinhas, os cochichos, as risotas, os murmúrios e todo o cortejo infamante da política-lha subterrânea das fábricas: vituperar era o ofício daqueles velhacos; banquetearam-se no manjar, para eles delicioso, da injúria; punham-me apelidos e, não raro, eu encontrava bilhetes e caricaturas maliciosas sobre minha máquina... Tinham-me como louca! Imaginai o absurdo: eu, louca! Avultavam nas farças as mulheres. Ah!

As mulheres! Contemplai a mulher que observa outra: na sua sutil e disfarçada investigação entrincheira-se o desejo, quase sempre satisfeito, de descobrir-lhe os piores atributos, pondo em evidência sua suposta perfeição. No fundo do seu olhar oculta-se o veneno do despeito e da inveja, a rivalidade congênita, geradora de precoces verrinas. Até com meu nome, escolhido por meu pai, as frívolas implicavam. Não obstante, eu continuava impassível, incólume, como um general altivo, comandando as operações no campo da batalha, em meio às explosões. Não, não sou, nunca fui louca! Compreendo, entanto, que eu era muito diferente das operárias; não ia a bailes, não me pintava, nem exibia unhas polidas, ninguém me veria passeando nos jardins públicos aos domingos, ao lado de namorados que nunca tive... Por mais que me esforçasse nunca pude olhar, frente a frente, para um homem. E' que eu tinha medo dos vexames, das decepções cruéis. Hoje em dia esse bom senso chama-se complexo. Em mim eram nulos os atributos que sobravam às outras, eu sabia que todos

se riam de minhas pernas arcadas, de meu busto mirrado, de meu rosto sardento e dos pés de hérules... Tristes experiências levaram-me a pensar assim, com realismo, curvada a evidências desconsoladoras; o espelho... Ah! O espelho, que eu quebrei mais tarde, o meu maior inimigo, completou a convicção. Eu era feia... Por isso eu desejava sempre estar só, com os meus livros... A princípio eu não era assim, alimentei crenças e esperanças, tinha a alma ávida de ternura, seria arrada um dia que nunca veio; procurei enfiar-me, parecer alegre, enfim, viver! Pensei alto, cheguei a gostar de alguns moços, que nem me olhavam. Sei que os homens não são de todo maus, para mim foram apenas indiferentes... Tornei-me então esquisita, recalcada, insatisfeita, somente. Esta a razão de me chamarem maluca, mas vós sabeis que não sou louca! A par disso, sucediam coisas que não sei explicar, tudo, talvez, um reflexo, uma decorrência fatal da vida inútil que eu vivia: em determinadas épocas do ano eu sofria como que um colapso, uma vertigem tomava-me o ser e eu chorava, sentia-me desamparada, isolada à beira de um perigo, sem motivo concreto, desconhecido, mas presente. Imaginai uma criança inocente perdida numa floresta. Assim era eu nesses períodos em que o monstro do tédio deprimia-me o espírito atormentado. Horas depois estava eu completamente livre da angústia, caminhava com rumo seguro, perfeitamente senhora de meus nervos. E' possível que também vós estejais a julgar-me doida, nada me admira. Pois se até minha mãe, de quando em quando, ao aborrecer-se comigo, chamava-me de-

mente! Nem ela mesma sabia o que se passava em mim, a alma da gente é coisa impenetrável. Certamente não se tratava de loucura, os loucos não sabem o que fazem, eu sabia de tudo, apenas os aspectos da existência, as injustiças, seus contrastes e desigualdades, as sapecas da fábrica, às vezes me aturdiavam... Muitas ocasiões até desejei ser realmente louca, os paranoicos são insensíveis... Agora mesmo minhas idéias se atropelam... Eu dizia... Sim... Depois... Ah! Minha tia...

Tia Bósnia simpatisou comigo, apesar de toda a minha casmurrice. Frequentemente eu subia ao seu quarto, a seu chamado, para uma pouca de conversa. Lentamente me fui habituando àquelas incursões ao ninho da velha. Levava-me também a curiosidade, desejava saber que havia naquelas malas... Tia Bósnia mostrava-se muito meiga para mim; era minha amiga, queria ser minha confidente. Por que eu não tinha amigas? — Indagava. Eu devia pensar em namorados. — Acrescentava. Dizia-me, ainda, que todas as jovens se devem casar (quem não sabe disso!) ela se casara duas vezes... Prometeu-me um vestido de seda, o vestido não veio, porém; Tia Bósnia era avarenta. Avaliai minha surpresa... Surpresa, não, indignação; ela queria lançar-me ao ridículo. Eu, uma rude tecelã, vestida de seda! Que escândalo! Que não diriam as serigaitas da fábrica? De uma feita a setuagénaria alisou-me os cabelos e o elogio veio pronto, entusiástico:

(Continua na pág. 22)

NOVELA de VICENTE C. DE CARVALHO ✱ ILUSTRAÇÃO de ORVAL



ORVAL



Flagrantes colhidos quando o Dr. Carlos Martins da Luz, (à esquerda) membro da nova Diretoria da Associação Comercial, e o Dr. Carlos Brandão de Oliveira, novo Presidente daquela entidade, proferiam seus discursos por ocasião da posse da Diretoria.

REALIZOU-SE, no dia 5 do corrente, no salão nobre do Palácio do Comércio, a solenidade de posse do Dr. Carlos Brandão de Oliveira na presidência da Associação Comercial, tendo sido também empossados, na mesma ocasião, os novos membros do Conselho Diretor e da Comissão Fiscal.

A posse da nova Diretoria compareceram o representante do Presidente da República, o sr. Café Filho, Vice-Presidente da República, Ministros do Supremo Tribunal Federal, Ministros de Estado, Senadores, Deputados, Presidente do Banco do Brasil, Prefeito do Distrito Federal,

A POSSE DA NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Chefe de Polícia, Presidente da Confederação Nacional da Indústria, diretores de entidades representativas do co-

mércio, outras altas autoridades e membros das famílias dos sócios da Associação Comercial.

A solenidade, de que damos alguns aspectos nestas páginas, foi presidida pelo Deputado José Augusto, 1º Vice-Presidente da Câmara Federal. O sr. João Daudt d'Oliveira foi quem primeiro fez uso da palavra, transmitindo o cargo ao dr. Carlos Brandão de Oliveira, que, em seguida, ocupando a tribuna, em brilhante oração agradeceu aos sócios da Associação a confiança de que se tornou depositário e revelou os pontos marcantes da administração que ora se iniciava.



O Deputado José Augusto, que presidiu a sessão de posse da Diretoria da Associação Comercial, fazendo a abertura da mesma, vendo-se, ainda, à esquerda, o Sr. Café Filho, Vice-Presidente da República e, à direita, o sr. João Daudt D'Oliveira, Presidente cujo mandato expirava.



Em cima, aspecto da mesa que presidiu a solenidade de posse da Diretoria da Associação Comercial, quando o Deputado José Augusto dava por iniciada a mesma; em baixo, aspecto da assistência que afluíu ao salão nobre do Palácio do Comércio, onde se realizou a solenidade.



HÁ FESTA NA MOURARIA

EVOCAÇÕES ★ HISTÓRIA ★ MANIFESTAÇÃO DE FÉ DO POVO LISBOETA NA SENHORA DA SAÚDE

Por GASTÃO DE BETTENCOURT, do Instituto de Coimbra



A PROCISSÃO de Nossa Senhora da Saúde sai da sua capela tradicional na Mouraria, sob o pálio, um prelado representa S. E. o Cardial Patriarca de Lisboa, que está em Roma.

"Ai! Mouraria da velha rua da Palma..."

E raro será o dia em que a voz dolente, fadista, de Amália, nos não fala assim do velho bairro que o progresso vai fazendo desaparecer para lá plantar novo bairro arejado e moderno.

A rádio não nos poupa, e como uma marcha fúnebre neste morrer lento de tradições e velharias, lá vamos ouvindo ora na Emissora ora no Rádio Clube, ora noutra qualquer estação particular, a voz triste de Amália exaltar a Mouraria.

"Das procissões a passar
"Dos pregões tradicionais..."

Pois a Mouraria esteve, de novo, agora em festa, aparamentando-se para assistir à sua procissão predileta, que relembra uma promessa feita há séculos em virtude da epidemia da peste que assolava a cidade.

Falar da Mouraria é evocar uma Lisboa que vai rapidamente desaparecendo. E' escutar os lamentos contagiantes do violoncelo de Sérgio, o

singular boémio, o violoncelo de São Carlos que ia todas as noites dar concertos ao café fadista da rua Fernandes da Fonseca, antiga Carreirinha do Socorro, onde se bebia uma intolerável "carocha" (café) e que Fialho imortalizou em algumas páginas soberbas dos "Gatos":

"... a mão de Sérgio, trémula de grogs, dando saltos macabros, com as pontas dos dedos coreicos, sobre as cordas, súbito fixa-se, lança uma arcada profunda, decisiva, nítida, e de mestre, uma destas arcadas *frissonantes*, onde vão quarenta anos de música e de ouvido, de aspirações, de sonhos, de trabalhos, e que pela expressão patética deixaram de ser vibrações de cordas sobre cordas, senão vozes partidas do coração da angústia humana, Deus o sabe! para a névoa dos problemas eternos e insondáveis".

E' evocar a velha procissão dos ferrolhos, estranha procissão que teve seu início por 1599, se fazia de noite, seguindo de Santo António da Sé à Penha de França pela Mouraria, acompanhada de rapazio turbulento que ia batendo aos ferrolhos de todas as portas. Realizou-se esta procissão durante 300 anos, pondo em ebulição



JUNCAM-SE as ruas estreitas do espadame, resplandecendo a pétalas de rosas e de cravos... Decoram-se as janelas com o grito álgido de «dia-de-festas» e a procissão vai desfilando com muitas crianças, muitas postuminas virgens, muitos anjos. As trançadas de opas vermelhas, azuis e brancas, enquanto o andar de S. Sebastião e o de N. Senhora emergem entre as flores...

o antigo arrabalde que D. Afonso Henriques havia cedido aos mouros vencidos com a tomada do castelo de S. Jorge, para seu burgo.

Ouvidos atentos às vozes do passado, sonhadores, ouvirão ainda o ritmado bater dos pandeiros plangentes do Islam e hão de ver ainda o contorcer dos corpos lascivos nos passos dolentes da cativa e outros balhos.

E se por ali já mal se ouvem as dolências do fado, pelas ruas do Capelão, aquela que se juntava de rosmatinho para a passagem do andor da Senhora da Saúde, bairro onde o amor era tragédia, ha vozes do passado e de saudade a perpetrar a vida singular do característico burgo.

Pois da pequena ermida que em 1506, no tempo faustoso de D. Manuel, os artilheiros da guarnição de Lisboa, aquartelados no Castelo de São Jorge fizeram erguer sob a invocação do chefe da primeira corte pretoriana de Diocleciano, o mártir São Sebastião, saiu de novo nesta tarde alegre de um maio, este ano tão mal comportado, a procissão que atrai às ruas apertadas e tortuosas do velho bairro, milhares de pessoas de grande fé e funda devoção.

Foi a imagem tão venerada mandada fazer pelos lisboetas como voto de reconhecimento por ter feito cessar a "peste grande" que por 1569 tanto affligiu a população. Esta imagem foi a 20 de abril de 1570 em procissão soleníssima levada para a igreja do Colégio dos Meninos Órfãos, que mais tarde se chamou da Guia, teve a invocação de Nossa Senhora de Monserrate e fôra fundada em 1273 pela rainha D. Beatriz, mulher de D. Afonso III.

A benemérita instituição do "Colégio dos Meninos Órfãos" foi reformada pela rainha D. Beatriz, viúva de D. João III, quando Regente, passando ainda a ser designada por "Colégio de Jesus", e destinada a formar missionários para o Brasil e África.

Em 1572 o Senado Municipal determinou que voltasse a sair a procissão da Saúde todos os anos no dia 20 de abril ou na quinta-feira mais próxima, constituindo-se então uma Irmandade que se manteve ali até 1661. Por motivo de divergências entre esta e os administradores dos Meninos Órfãos, foi resolvido edificar nova igreja e os artilheiros que constituíam a irmandade de S. Sebastião ofereceram um altar da sua igreja, o que foi aceite passando esta a chamar-se de Nossa Senhora da Saúde, fundindo-se as duas confrarias com aprovação do Papa Alexandre VII. E em 20 de abril de 1662 com toda a solenidade a imagem foi transferida para a igreja onde, hoje se mantém, a qual foi restaurada em 1870 e 1875 a expensas dos fiéis.

Será sacrificada ao vendaval do progresso?

Deus o sabe.

★

Juncadas as estreitas ruas, de espadanas, rescentes pétalas de rosas e de cravos, janelas decoradas com o grito álaire de colchas de "dia de festa", a procissão passou com os seus inúmeros anjinhos, as suas pequeninas virgens, os seus arcanjos, as irmandades com as suas opas, vermelhas, azuis, brancas, o andor de São Sebastião crivado de setas, o andor de Nossa Senhora emergindo de uma montanha de flores, o pálio sob o qual um prelado, representando Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa e às varas do mesmo figuras representativas do governo.

Bandas de música e tropas da guarnição, pois continua a ser a procissão da saúde, a procissão dos militares.

Estoiram foguetes, gritam os vendedores ambulantes de doces, sorvetes, refrescos, imagens, velas e ramos de rosmatinho.

Numa palavra: ha festa na Mouraria, na Mouraria que é já agora quase sombra do passado, éco evanescente que a insaciabilidade do progresso vai fazendo desaparecer.

Já não há vestígios da rua do Socorro, o Arco do Marquês de Alegrete mal se ergue isolado, à espera das últimas picaretas que o atirem ao solo.

Mas a voz triste do fado continuará pelos tempos a recordar, a cantar a velha Mouraria.

"Há festa na Mouraria.
É dia de Procissão
da Senhora da Saúde.
E até a Rosa Maria
da rua do Capelão
Parece que tem virtude".



JÁ NAO HA vestígios da rua do Socorro, o Arco do Marquês de Alegrete mal se ergue isolado, à espera das derradeiras picaretas que o atirem ao sólo, mas a festa na Mouraria — quase uma sombra do passado — continua. Bandas de música e tropas



da guarnição desfilam, enquanto os foguetes estouram e os pregões ambulantes vão gritando os doces, os sorvetes, os refrescos, as imagens, velas e ramos de rosmatinho. É dia de procissão... E até a Rosa Maria da Rua do Capelão parece que tem virtude...



VERTIGEM

(Cont. da pág. 17)

— Que cabeleira acetinada tem você, minha filha!

— Não exagere, tia — respondi baixando os olhos, ocultando meu azedume.

— Não é só, Toronja, sua dentadura é um monumento!

Parece que a velha era sincera mas tomei-lhe as palavras como crucial zombaria. Divertido, minha dentadura era primorosa! Por que não falara nos meus pés grosseiros nem em minhas sobranceiras espessas e serradas? Notara minhas pernas? Não? Ou o diabo da bruxa queria divertir-se a minha custa, como as antipáticas da fábrica? De que serviam os grossos óculos? Creio que para ela eu era também a "chica maluca" da fábrica, porque um dia a surpreendi em conversa com mamãe, falando em mim ou de mim. Aproximei-me sem fazer ruído, graças à cumplicidade das meias de lã... Falavam baixinho... Consegui ouvir os últimos trechos da conversa. Tia Bósnia aconselhava mamãe a levar-me ao médico da fábrica, porque eu era um "bicho do mato", muito desconfiada. Mamãe respondeu-lhe concordando, mas achava difícil, pois um "bugre" como eu não poderia regular bem, tal qual meu falecido pai... Considerava, outrossim, perigosa a consulta, um especialista poderia sugerir e até forçar uma internação! Tia Bósnia acentuou que não havia em mim os sintomas de "insânia mental", que eu era criatura normal, boazinha, se bem que portadora de curiosa melancolia, apenas isso: devia ser reeducada, ela não acreditava em atavismo daquela espécie.

Naquele dia subi ao quarto da tia sem ter sido chamada. A irmã de papai prodigalizou-me as maiores atenções, disse-me estar muito honrada com a visita; descreveu-me sua mocidade, abriu as malas, mostrou-me cartas de amor, mencionou idílios, ilustrando tudo como fotografias de rico álbum. Fôra moça formosa, gozara bem sua existência, mostrou-me o retrato do segundo marido, belo homem, másculo e sorridente. Até fragmentos de rendas amareladas a velha guardava com carinho. Declarou-me que possuía algum dinheiro, não disse quanto, tinha o cuidado de não falar em fortuna, preferia o termo "haveres". Estava na época da floração das papoulas. Minha tia retirou uma do vaso e prendeu-a nos meus cabelos, dizendo que eu ficaria linda, que eu devia enfeitar-me; que os homens gostavam disso, que a mulher sem atavios é como um manancial sem água. Tomou-me as mãos e admirou-se da sua calosidade... O semblante da velha iluminava-se ao evocar o passado, o sorriso saudoso e claro debruçava-se à janela encarquilhada de sua fisionomia. Em seguida, o debrum das gelhas flutuavam encobrindo-lhe o riso franco, como um sudário pregueado e gasto sobre a face de um adolescente. Depois falou na morte. A natureza era, nesse ponto e na sua opinião, lamentável e evidentemente falha; não se conformava que a gente tenha que apodrecer. A pestilência do túmulo era preocupação que a oprimia, nós deveríamos secar como acontece às flores... A humanidade é o grande pudim dos vermes! Vermes devoradores de vermes... Singular tarefa impuseram aos seres: micróbios e cães, homens e mulheres. O fim é sempre o mesmo, a vala pútrida, a decomposição nauseabunda, a podridão, o nada! Acreditava, entretanto, na essência imaterial; a alma, afirmava elevando a voz, é causa real, absolutamente. Tia Bósnia acabou de fechar as malas, descansou uns momentos, havia falado muito, fôra descer para tomar o chá. Disfarçadamente retirei do cabelo a incômoda papoula e amarrotei-a. Caminhávamos pelo corredor pouco iluminado, quando tia Bósnia me fez a inesperada revelação:

— Quando eu morrer deixarei para você tudo quanto possuo. Você é a minha herdeira... Já tenho tudo escrito".

— Não se preocupe com isso, tia — respondi, dissimuladamente. Eu sabia que tudo era hipocrisia; se ela andava a maquinar, juntamente com mamãe, a minha internação numa casa de loucos; se me metia entre os cabelos uma grande flor, para me ridicularizar; se me mostrava cartas de amor e falava-me em existência feliz, sabendo que eu nunca seria amada nem querida; se, avarenta e inútil, deixava-me trabalhar na fábrica, à mercê das ferozes companheiras, fabricantes ignóbeis de sacos e de torpezas, como acreditar na sua generosidade?

(Continua no próximo número)

O "PROFESSOR"...

(Cont. do número anterior)

Demóstenes sentia-se deslocado na escola da Capital. O seu complexo de inferioridade e a sua timidez afastavam-no dos colegas. Estes tratavam-no com alguma atenção pelo simples fato de ele se distinguir em algumas aulas teóricas...

Dedicando-se apaixonadamente a essas aulas teóricas, emburrado no máximo o tempo que devia

trabalhar nas oficinas da Escola; pensando diariamente em Marita e confiando serenamente no futuro, Demóstenes findou o primeiro ano, entrou no segundo. Atravessou o penetrante frio paulistano com roupa de brim. Dezenas de vezes substituiu a palmilha de papelão no sapato de solas furadas e todos os domingos ia ao cinema do Brás, na matinê. Nessas ocasiões lembrava-se da Marita quando via uma loira ou algum vestido igual aos que ele a vira usar.

Não obstante adora-la tanto não lhe havia escrito uma carta sequer. Tinha notícias dela por intermédio de algum conhecido chegado do interior. Pensava em lhe escrever cartas apaixonadas pedindo-lhe que esperasse por ele, mas julgava-as muito comprometedoras. Acabava se conformando sempre com a idéia de que depois de formado tudo seria resolvido. Além disso, Marita certamente o esperaria.

*

Finalmente chegou o grande dia da formatura cuja cerimônia foi realizada na própria Escola. O Sr. Natale veio com a esposa assistir à festa do filho.

Quando o Diretor chamou o nome de Demóstenes Damasceno, ele se levantou, orgulhoso, dentro da roupa nova — um terno de casimira azul marinho, — encaminhou-se comovido para a mesa enquanto os pais, chorando de felicidade, batiam palmas. Desejou que Marita o visse naquele instante.

No dia seguinte regressou para o interior com a sensação de que era o homem mais importante que o trem conduzia: era "professor de mercenaria".

Quando o "professor" entrou em casa foi um alvoroço na vizinhança. Todos correram para ver o "seu" Demóstenes e dar-lhe os parabéns. Os abraços eram acompanhados de comentários:

Como ele mudou!

— Está com voz mais grossa...

— Até parece um doutor!

— Dizem que ele aprendeu a falar língua estrangeira!

Demóstenes sentiu que seu sonho começava a se realizar. Já havia esquecido os dois anos tristes da Capital, tal era a satisfação em que se encontrava.

Dez dias depois começou a fazer planos de visitar a Marita. Nesse mesmo dia recebeu recado do Diretor da Profissional que lhe disse:

— Demóstenes, você é o primeiro aluno da nossa Escola que se forma em São Paulo. Isso é motivo de justo orgulho para nós. Haverá uma vaga aqui no próximo ano, e você deve ir imediatamente para a Capital pleitear a sua nomeação. Darei a você uma carta. É recomendável levar também o apoio da política local.

Demóstenes não acreditou no que acabava de ouvir. Seria possível que ele fosse ficar ali mesmo, junto da família, ganhando, com posição e admirado pelos antigos colegas que eram simples operários! E Marita? Iria correndo declarar-lhe o quanto a amava, assim que regressasse de São Paulo. Escreveu-lhe um curto bilhete dizendo que iria para São Paulo tratar da sua nomeação e que na volta passaria em casa dela para falar-lhe.

Arranjou duas cartas dos políticos, mais a do Diretor, e embarcou na primeira classe.

No primeiro dia o Superintendente do Ensino Profissional não pôde atendê-lo. No segundo e terceiro teve que viajar para o Rio de Janeiro.

— Que é que você deseja meu rapaz? Falava com voz pausada e grave.

— Sr. Superintendente, eu... sou o Demóstenes Damasceno, formado na última turma, e venho... pleitear a minha nomeação para a Escola de Mococa. Eu trago cartas de referência!

O Superintendente tomou as cartas, leu-as calmamente, deu algumas voltas na poltrona de couro giratória, ascendeu um cigarro, mediu Demóstenes de alto a baixo, que torcia as mãos e suava um pouco. Aquela demora era um presságio mau. Agora ele tinha a impressão que o seu futuro dependia só daquele homem que afinal lhe disse:

— Você chegou um pouco tarde Demóstenes. Eu lamento profundamente não poder atendê-lo agora. Há um candidato na sua frente, em todo caso tomarei nota do seu nome para a próxima vaga.

Levantou-se

Demóstenes, que não ouvira as últimas palavras, tal o choque, pediu licença e saiu.

Na rua, tomou um rumo qualquer. Andou muito tempo dando encontrões, esbarrões como um embriagado. Naquele instante, para ele nada no mundo era mais importante que a sua desgraça. E ele não podia compreender porque ninguém lhe vinha dizer indignado que aquilo era uma injustiça! Então depois de dois anos de estudos, de sacrifícios, de planos, tudo se desfazia assim com algumas palavras ditas por um homem igual a ele? Teve ímpetos de falar alto, gritar, revoltar-se, mas... ao seu redor tudo

(Cont. na pág. 42)

Yem CARA



A KABBALA

TRADIÇÃO OCULTA OU EXOTERICA DOS HEBREUS, LEGANDO AOS ANJOS UM IMPORTANTE PAPEL CITA 72 DEUSES, COM O AUXÍLIO DOS QUAIS PODERÁ O HOMEM REALIZAR PRODIGIOS.

SENDO SEXTA-FEIRA

O DIA CONSAGRADO A VENUS, OS ANJOS DÊSSE DIA SÃO, NATURALMENTE, PROPICIOS AO AMOR: HAEGIT, ANIEL E ANAEL RACHIEL E SAQUIEL.

DO LADO DOS ANJOS BONS, HA OS ANJOS MALUS, QUE NÃO SÃO CLASSIFICADOS ENTRE OS DEMONIOS, COMO ISHETH ZÉMUNIN, O ANJO DA PROSTITUIÇÃO E MULHER DE SAMAEI, ANJO DO VENENO E DA MORTE!

Yem CARA



PRETO NO BRANCO



CANTO DE CÍSNE



AS VIGÍAS
DE UM
AVIÃO DA
AIR FRANCE

*Gão janelas abertas
SÔBRE O MUNDO*

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO: Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE: Avenida Guararapes, 210 - Telefone 7-549

Defesa contra a bomba atômica

Os ingleses muito sofreram com os bombardeios da aviação alemã durante a última grande guerra, especialmente quando Hitler assentou contra as cidades inglesas, as famosas bombas voadoras, origem dos atuais aviões a jato. As destruições na Inglaterra foram tremendas, tendo desaparecido cidades inteiras como sucedeu com a martirizada Coventry, convertida em montões de escombros fumegantes.



Londres, por sua vez, era bombardeada constantemente. A população civil das cidades visadas pelo «blitz» nazista, muito sofria. Os britânicos lutaram e venceram. Mas, se rebentar uma nova conflagração mundial, os bombardeios poderão ser muito mais ferozes e destruidores do que os de 1939-45, tanto da Alemanha contra os aliados, como os dos aliados em território alemão. A era é, hoje, das armas atômicas. Duas cidades japonesas já experimentaram o pavor de uma explosão atômica: Nagasaki e Hiroshima.

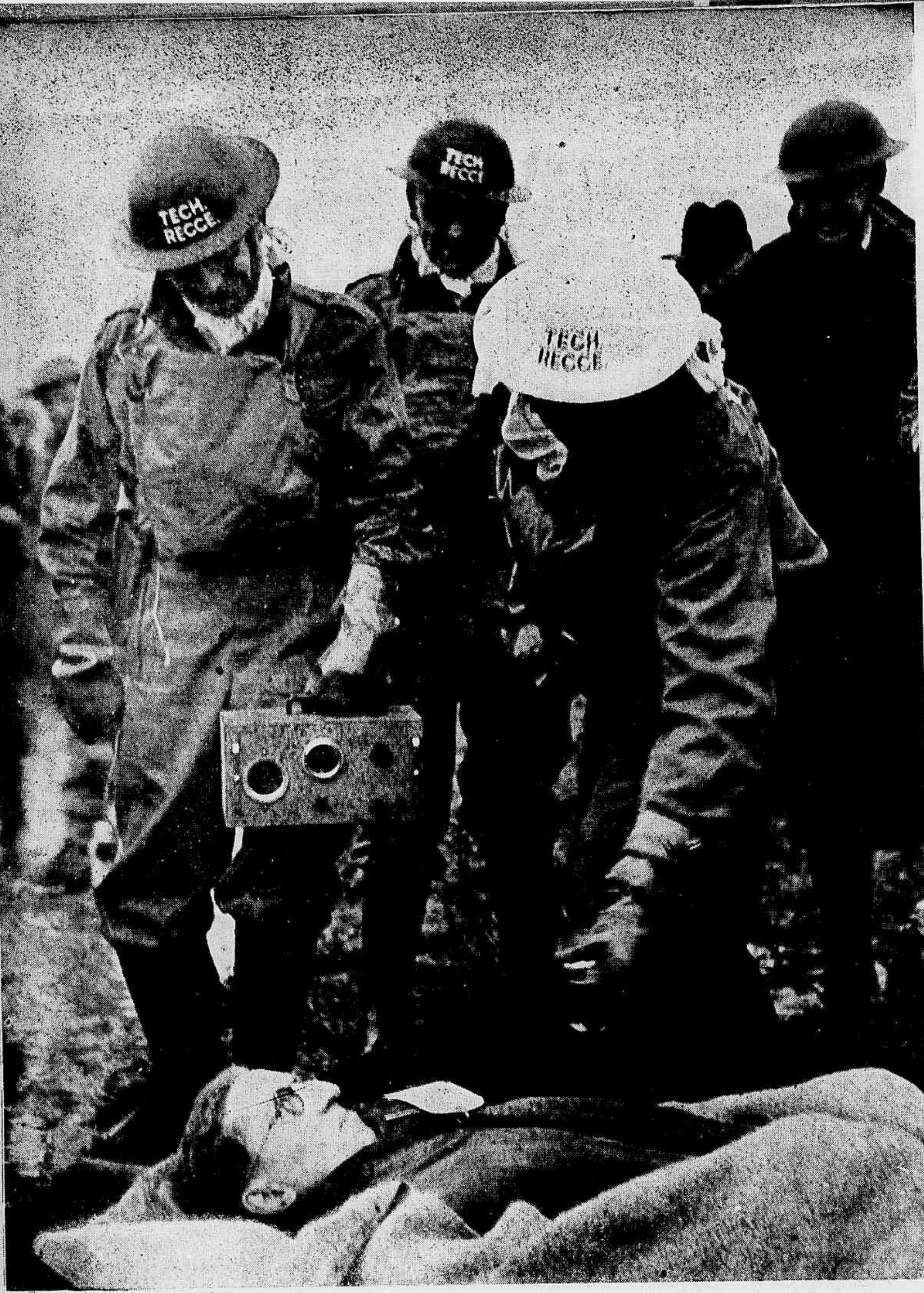
Uma só dessas bombas causa mais destruição, morte, invalidez, aniquilamento do que centenas das maiores empregadas na recente grande guerra. É uma arma dirigida a centros de abastecimento, a núcleos industriais, a cidades populosas. Será uma desgraça para as populações civis, pois, quem não morre poderá ficar impregnado dos efeitos irradiantes da bomba atômica, inutilizado para o resto da vida.

Por esse motivo o exército inglês está executando vários exercícios em cidades populosas de sua terra, promovendo verdadeiras aulas públicas a fim de orientar as populações em face de tão grande perigo. Recentemente, na cidade de Bristol foram realizados grandes exercícios desse gênero.

O tema foi de enfrentar a Polícia de Defesa da população contra ataques atômicos, tudo tendo sido realizado com as mais completas aparências de verdade. Cerca de 1.500 membros desse novo corpo de defesa civil tomaram parte nos testes, como se, em verdade, Bristol houvesse sido bombardeada atômicamente.

Muitas cenas foram tomadas de bordo de um helicóptero, para que os leitores e o público pudessem verificar o realismo dos exercícios. Os defensores mobilizados para socorrer as «vítimas», já veteranos, muitos deles, da guerra anterior, tiveram oportunidade de aprender muita coisa sem o que poderia tornar-se inconveniente numa situação de emergência. Ajudar a população civil em ataques atômicos exige novos processos, novas técnicas, presteza fulminante e aparelhamento absolutamente novo.

Não basta retirar gente de sob os escombros. É preciso que vastas áreas contaminadas sejam protegidas imediatamente e que os próprios indivíduos que estão fora da área bombardeada, sejam amparados de acordo com a ciência.



MEMBROS da polícia de socorro, atendendo uma vítima da irradiação atômica, pelos mais modernos processos de defesa civil. Na outra foto, um dos membros do exército técnico contra os efeitos atômicos, coloca um cartaz de alerta.



UM GRUPO de jovens que, voluntariamente, se incorporaram aos que deram sua colaboração para tornar mais realístico o exercício contra os efeitos atômicos na cidade de Bristol.



ANTES DOS exercícios propriamente ditos, membros do corpo de socorro mostram aos seus colegas como se deve agir para retirar de sob os escombros, as vítimas de bombardeios.



ALGUNS MEMBROS do Corpo Técnico contra bombardeios atômicos, pondo em ação os mais modernos aparelhos de defesa civil para localizar radioatividade, protegidos completamente.



AS RADIAÇÕES atômicas são tão perigosas como os próprios efeitos da explosão. Durante os exercícios em Bristol os membros do Corpo de Defesa empregou todos os aparelhos contra a rádio-atividade, e provou fardamentos especiais de proteção e isolamento.



JOVENS voluntários que se ofereceram para ser socorridos. Na outra foto, turmas de socorro buscam



cia anti-atômica, isto é, a que nos ensina o que fazer quando cair uma bomba dessa espécie na cidade em que moramos.

Para dar maior realidade aos exercícios, foram as cenas tomadas no próprio ambiente de bombardeios realizados na antiga conflagração. É curioso acrescentar que as «vítimas» do exercício atual foram voluntários pertencentes ao elenco de uma sociedade dramática local, cujos membros aceitaram com muita satisfação essa prova pública de um drama, que, embora não desejem representar, devem estar prontos para o que der e vier.

As intervenções cirúrgicas foram executadas com a mais sensacional das imitações, uma vez que tudo o que pôde ser feito com aparência de realidade foi feito. Dispuseram os executores desse exercício com material sintético de alto efeito realístico, cortando «carne» e «amputando» membros e serrando «ossos», como se estivessem todos em plena guerra atômica.

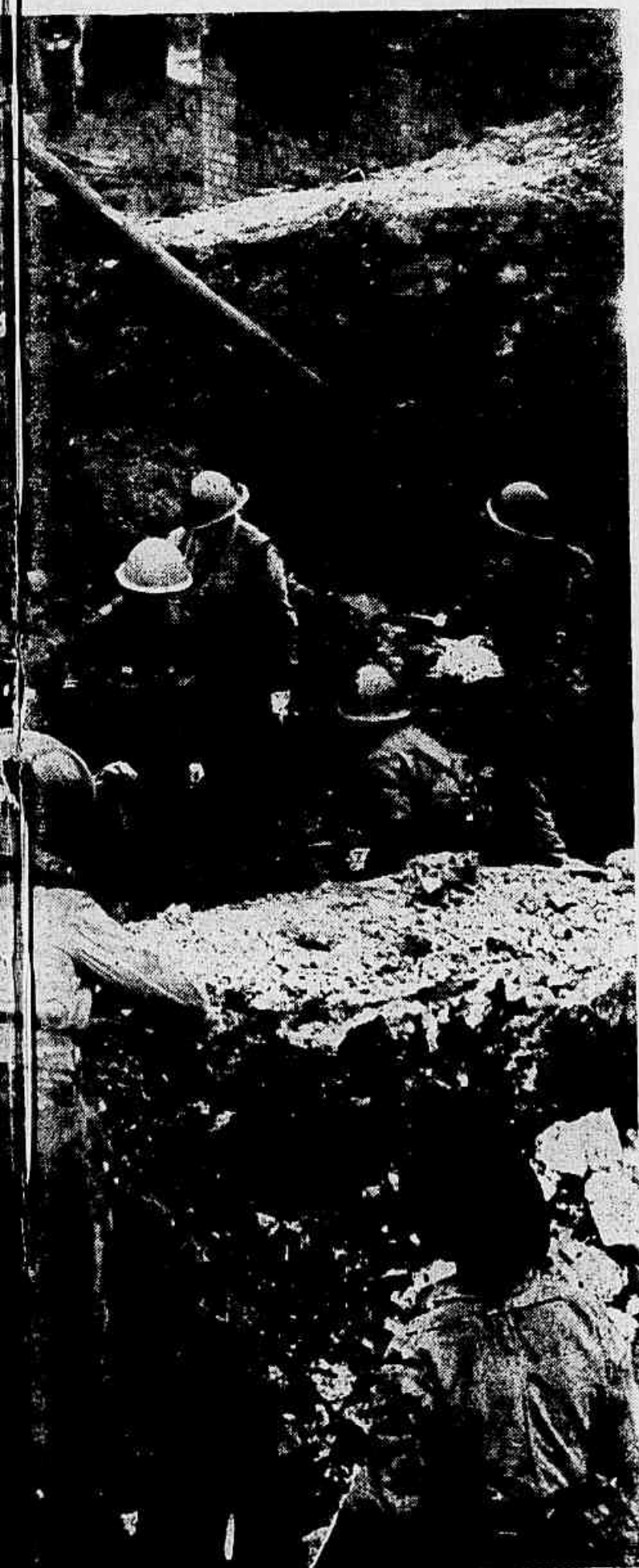
Antes dos exercícios principais, os soldados da defesa civil deram várias demonstrações de como agir-se diante de bombardeios atômicos, em socorro das vítimas, como agir quando armas explosivas caem e não detonam, etc.

Longas explicações foram feitas sobre tudo o que diz respeito aos perigos da radiação após explosões atômicas. Os soldados da defesa civil, que estão perfeitamente apercebidos de material e engenhos técnicos para qualquer emergência, demonstraram grande teor de preparação nos trabalhos de socorro em geral, e de como agir em casos especiais.

UM «MUTILADO», com a perna decepada, cai nos arredores da cidade. Note-se a imitação da amputação da perna esquerda.



...nos exercícios realísticos de um bombardeio, quando
vítimas e localizam emanções da radiação atômica.



MEMBROS do Exército da Defesa Civil demonstram a grupo de colegas como se faz a fim de falar com uma vítima de bombardeios atômicos, que está sob os escombros e ainda com vida. O R da braçadeira é a inicial da palavra inglesa, *rescue* (socorro, salvamento)

Uma das provas mais impressionantes foi a da organização imediata de centros de comunicação, de primeiros socorros e de evacuação. Tudo ficou detalhadamente estudado e se chegou à conclusão, nas conferências posteriores, de que os exercícios efetuados foram cobertos de absoluto êxito. Muita coisa foi aprendida nos testes e erros foram corrigidos, ao lado de grande melhoria da técnica geral diante de bombardeios atômicos.

A Inglaterra não quer ser tomada de surpresa numa outra guerra mundial. Ela muito sofreu com o imprevisto de ser atacada sem estar, de maneira nenhuma, em condições de defender-se. Tudo o que se fez em Londres foi caracterizado pela improvisação. Se, antes de Hitler ter iniciado o bombardeio de Londres, já houvessem os ingleses realizado exercícios preventivos, muitas mortes teriam sido evitadas e a própria destruição de cidades, muito menor do que foi.

O mundo não está livre de uma nova desgraça generalizada, e, embora uma terceira carnificina não seja inevitável, os ingleses tomam suas providências e se preparam com todos os recursos da técnica moderna, para enfrentar a desgraça que ameaça o mundo.

A juventude também foi convidada a tomar parte a fim de ficar perfeitamente a par do que é preciso fazer para enfrentar o pior. Nada de pânico, nada de perda da serenidade. Que todos se congreguem em favor da sociedade em si mesma, dando, cada um o que puder para salvar vidas e proteger civis.

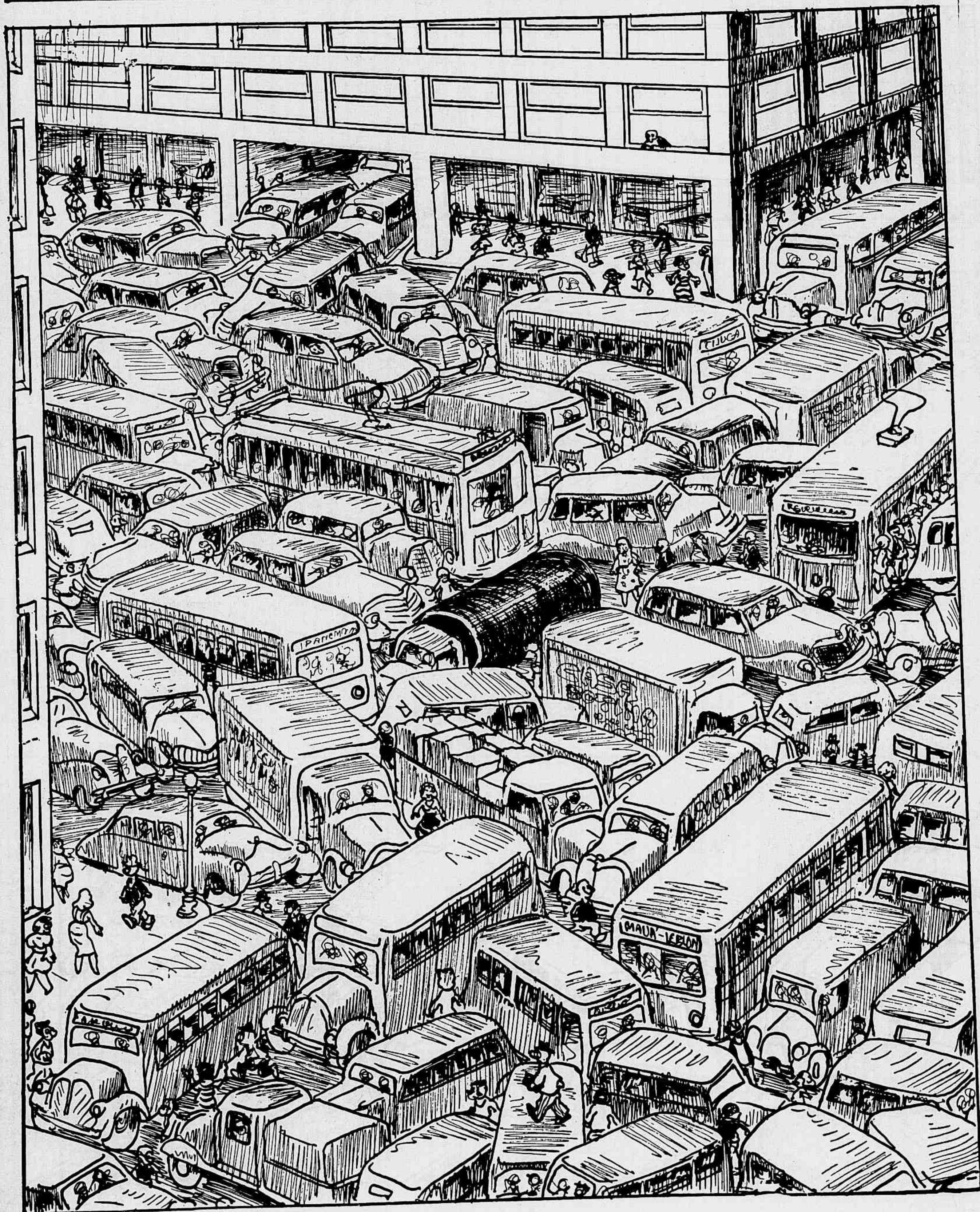
DURANTE os exercícios caiu neve e o tempo piorou. Os exercícios de salvamento prosseguiram como mostra a foto.



ESTE MUNDO E O OUTRO

criação de DARCY

Cidade Maravilhosa!
3) Enquanto o Metrô não vem...



DESBRAVADORAS DO ESPAÇO



AS AEROMOCAS são, quase tôdas, tipos esculturais de beleza!

QUEM SÃO AS AEROMOÇAS DO BRASIL ★ SEUS AMÓRES E SUA VIDA ★ POR QUE VOAM: AVENTURA, NECESSIDADE E OUTRAS CAUSAS ★ AS INUTILIZADAS PARA O VÔO ★ UM SONETO SOB MEDIDA ★ RESPONSABILIDADES

Texto e fotos de JORGE LYRA

HA classes que nascem sob o signo da maledicência e da incompreensão dos homens e, dentre elas, está incluído, indiscutivelmente, esse meio milhão de jovens belas e cultas que compõem o corpo de aeromoças do Brasil. Haverá, porém, razão para que se lhes impute uma reputação que elas não têm? Não. Em tôdas as classes profissionais e sociais há elementos destoantes e, certamente, no meio desse meio milhão de desbravadoras do espaço, se encontrarão as que não rezem pela cartilha da decência e da honestidade. Mas generalizar, como acaba de fazer, em recente artigo num dos mais abalizados jornais da capital, um colega nosso, é verberar a verdade, é atribuir-se-lhes uma pecha que elas não têm. Só se compreende essa má vontade num espírito chão, recalcado e mal formado.

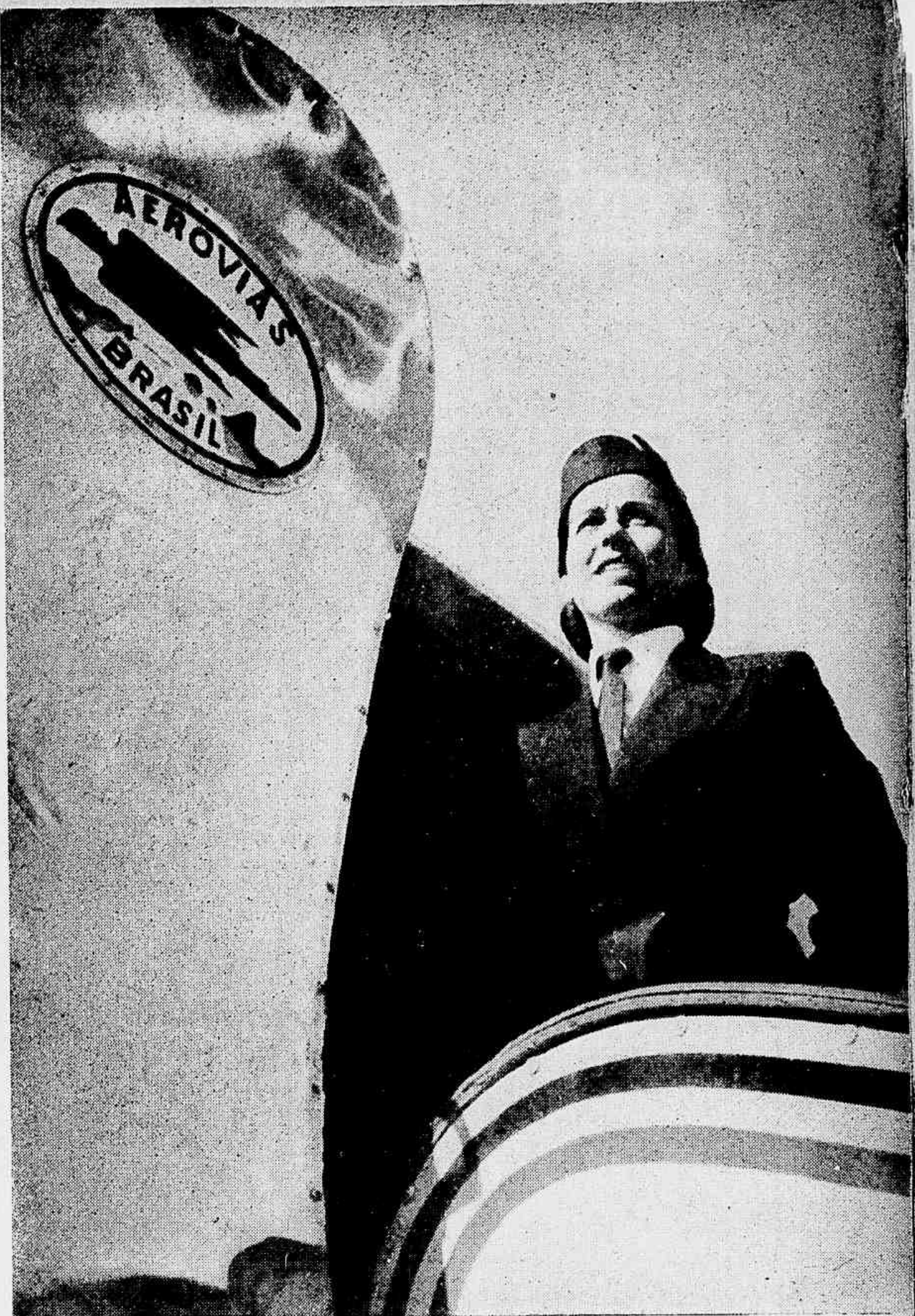
Essas jovens que, diariamente, vão rasgando fronteiras, levando até a outros países a bandeira auri-verde da pátria, merecem todo o nosso respeito, toda a nossa consideração. Você, leitor, que já viajou de avião, ou está viajando no mesmo momento em que nos lê, nutre, com certeza, por essas jovens solícitas e cultas uma admiração

muda, que se não manifestou, ainda, porque você não teve oportunidade de fazê-lo.

Comemorando-se a trinta e um de maio último o dia da aeromoça brasileira, nada mais oportuno que contarmos, neste despretençioso trabalho, suas lutas, seus anseios, sua vida mesma. A comemoração a trinta e um de maio é uma homenagem que as aeromoças prestam a memória de Clícia Ribeiro Zorowich, morta em uma de suas inúmeras viagens.

VIDAS E AMÓRES DAS AEROMOÇAS

Quando se acentua o ronco do motor do avião que parte e ele galga o espaço, qual um condor em busca de outros horizontes, o coração da aeromoça pulsa desabaladamente. Lá se vai ela, triste mas sorridente, cumprir sua missão, voar, enquanto ali embaixo, acenando um lenço branco, fica, geralmente, outro coração que pulsa por ela que parte. Tivemos oportunidade de assistir a uma dessas cenas que os nossos olhos jamais esquecerão — na escada do avião a aeromoça preparava-se para mais uma viagem, na terra, seu noivo ficou acenando o mesmo lenço branco com que

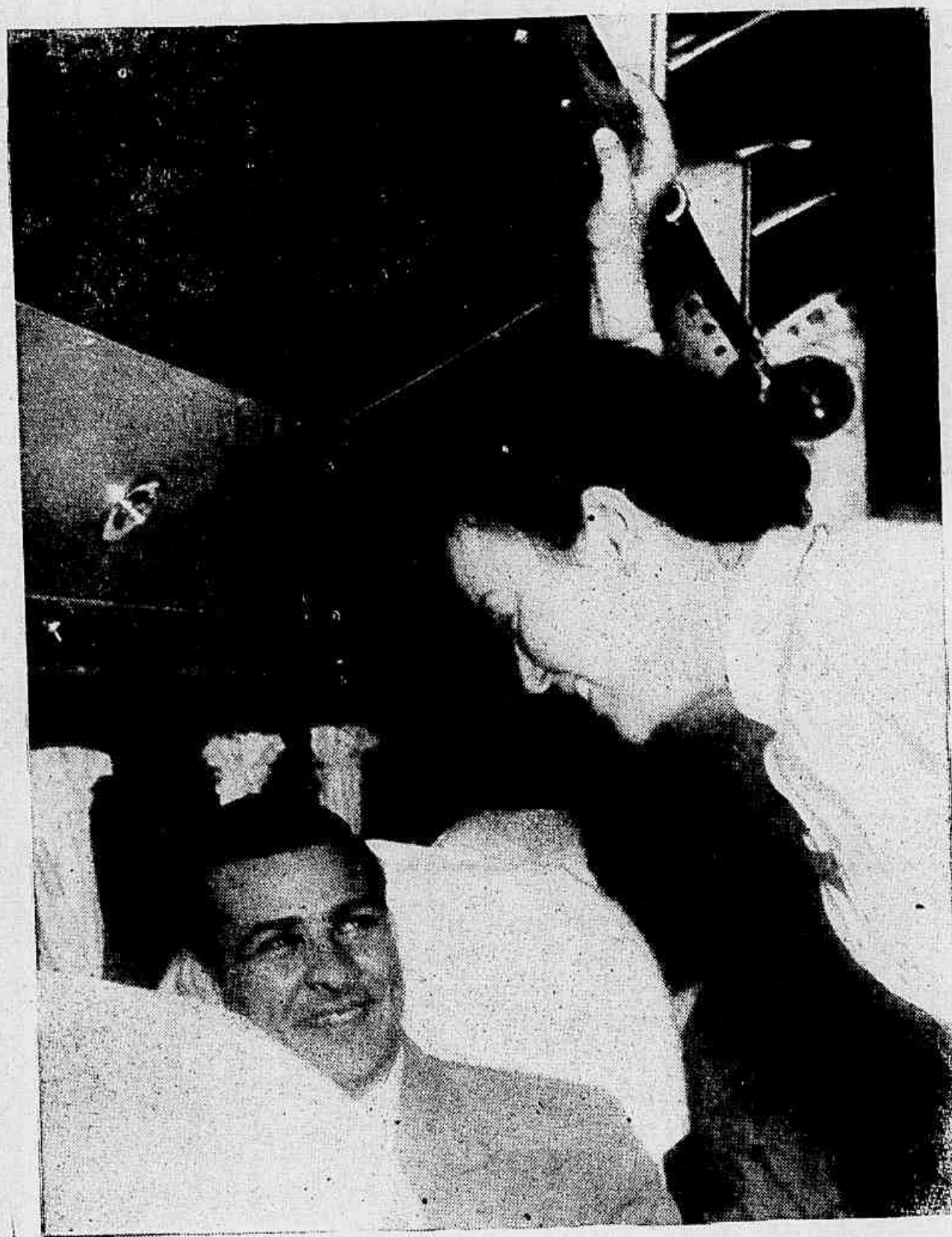


A PORTA do avião que a levará para mais uma viagem através do espaço, a comissária fita o horizonte, parecendo ver ali seu futuro estampado. Sorri com a felicidade que se anuncia.



A FRENTE dos passageiros que vão embarcar a ex-comissária, hoje recepcionista, caminha em demanda do avião. Com seu porte esbelto e altaneiro, cônica de seus deveres, lá vai ela cumprir sua missão. Quando chega um avião lá está ela a postos a fim de recepcionar os que desembarcam, pronta, sempre, a lhes prestar a ajuda de que necessitam.

DESBRAVADORAS DO ESPAÇO



SEMPRE sorridente, esquecendo-se de seus problemas íntimos, a aeromoça atende aos passageiros com o máximo de solicitude e de acurada educação, esforçando-se por agradá-los.



QUANDO chega a sua hora de embarcar, pega da mala e lá vai ela rasgar o espaço, cumprir sua missão, sob todos os aspectos grandiosa. Sua dedicação é sem limites, reconhecem todos.



QUE É ISTO menina? Por acaso deseja aprender a manejar estes intrincados aparelhos. Não é este o seu caso, com certeza. Sua missão é outra, mais agradável para os passageiros...

sempre lhe acena, na esperança de algum dia não ter de vê-la mais partir. Os olhos de ambos se abraçavam e se beijavam, marejados de lágrimas quando a porta do avião se fechou e ele galgou o espaço; o lenço branco que ficara foi levado até aos olhos para enxugar as lágrimas que corriam — lá, no avião, certamente, outro lenço branco repetia a mesma cena. O amor da aeromoça é algo fugidio, platônico porque quase não há tempo para elas se entregarem aos braços de Cupido. O avião desce, dois braços se estendem, um beijo às escondidas é trocado e lá se vai ela prestar contas de sua viagem em minucioso relatório. Depois um telefonema aos 'papais para avisá-los de que chegou sem novidades, o almoço, um cinema e a volta ao avião para nova viagem.

Perguntamos a uma aeromoça como elas se arranjavam para amar e ela respondeu-nos simplesmente:

— Não há tempo para isto. Primeiro o dever.

Mas, ao mesmo tempo que nos afirmava isto, seus olhos percorriam o aeroporto buscando al-

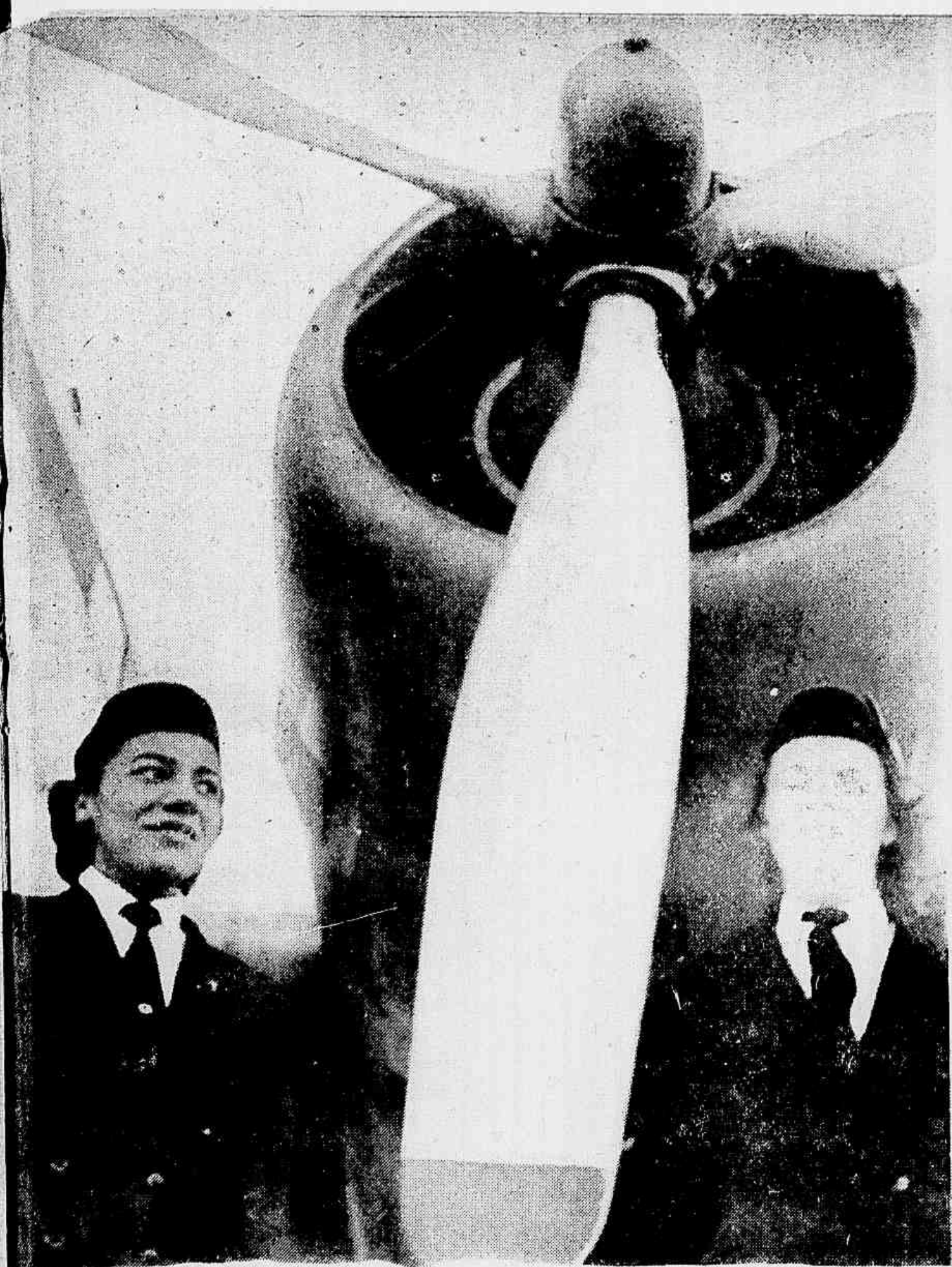
guém e quando o encontrou, correu para ele para mais uma despedida.

As aeromoças carregam sobre seus ombros o peso de enormes responsabilidades — a carga, o correio, os cobertores, as fronhas, tudo lhes está afeto. Apesar disto, sua solicitude não tem limites e elas se desdobram em gentilezas, servindo café a um, guaraná a outro, chiclets a um terceiro, acalentando um bebê que chora, numa atividade de deixar Hércules invejoso e pasmado.

Esse meio milheiro de jovens que voam milhares de horas em poucos meses estão sempre longe das realidades da terra, longe do aconchego do lar, longe de tudo. São jovens que, via de regra, falam três ou quatro línguas e que, para arriscar a vida como arriscam, essa a verdade, ganham poucos salários. Pensamos, quando fomos sentir de perto seus anseios que elas ganhassem quantias fabulosas, tendo em vista a multiplicidade de serviços e responsabilidades. Qual não foi nossa surpresa ao se nos afirmarem que ditos salários são ínfimos.



MISTO de serviços, o que a associação de classe está procurando abolir, e amigas, sob os ombros destas jovens pesam grandes responsabilidades. São dignas de nosso respeito.



A AEROMOCA é sempre a última a embarcar no avião ou a descer dele. Raramente, à hora da despedida, encontra tempo suficiente para dar um telefonema, acariciar um sorriso.

não ou posar para o fotógrafo. Elas são moças viajadíssimas, cultas e solícitas mas, nem por isso, escapam, por vezes, da saia de espíritos recalcados que as taxam de aventureiras.



SEGUE NA PÁG. 32

Mem (ORÔA!

... E EU TE BATISO EM NOME DO ...

COZINHA ECONÔMICA AGR DA ABOLIÇÃO
UM DOIS TRÊS DE OLIVEIRA QUATRO
JOÃO CASOL DE CALÇAS CURTAS
ESUMACHO
FELPA BARBUDA
OCEANO PACIFICO
SOL POENTE
INDIO DO BRASIL ...



A KABBALA,
ALÉM DOS ANJOS BONS,
DOS MAUS E DOS
DEMÔNIOS, ADMITE
QUATRO ESPÍRITOS
ELEMENTARES:
AS
SILFIDES ...



Nicodemus

AS SALAMANDRAS ...



AS ONDINAS ...



OS
GNÔMOS ...



... CORRES-
PONDENTES
AOS QUATRO
ELEMENTOS:
AR
FOGO
ÁGUA E
TERRA ...

PENSAMENTO

QUE VEDA O ACESSO
À VERDADE.

O FINGIMENTO
É UM REPOSTEIRO

VICTOR HUGO

DESBRAVADORAS DO ESPAÇO



A HORA da chegada ou da partida nada melhor do que uma boa leitura, quando há tempo. Quando existe a «Revista da Semana» é a escolhida. «Uma grande Revista», disseram-nos.

DIVERSOS TIPOS DE AEROMOÇAS

Perguntamos a um grupo de três jovens comissárias por que voavam. Cada uma nos deu uma resposta diferente. A primeira, tomando a palavra falou assim:

— Vão porque, desde criança desejei conhecer outras terras, outros mundos, outra gente, outros costumes. Tenho o espírito aventureiro, nasci para a aventura.

E, sem mais aquela, saiu-se apressadamente em

busca dos seus petrechos para empreender mais uma "aventura".

A segunda, balançando a cabeça entre descrente e admirada ante as palavras da colega, disse:

— Espírito aventureiro, disse ela. Necessidade, digo eu. Tenho dois irmãos pequenos para criar e mãe para manter. Não tenho espírito de aventura.

A terceira, finalmente, baixando a cabeça nos

(Cont. na pág. 14)



AS COMISSARIAS e o Comandante posam para a posteridade. Este rapaz é privilegiado — foi o único cmt. a entrar na reportagem. Explica-se: a pedido das meninas. Elas mandam.

PREZADA Maria... Recebi tua carta na qual derramaste todo o teu jovem coração, em linhas que me deixaram atônito, surpreendido, pela maneira com que procuraste dizer a este pobre de amor, esta frase pequenina, fumegante, tão expressiva, contudo raramente sincera: Eu o amo...

Passarei a narra-te como chegou às minhas mãos a tua missiva. Eu estava, pôr um desses casos do destino, à espera de uma carta, não de ti, porém de outra que reside nessa grande e bela cidade.

Não julgues tratar-se de namorada ou amante. Não. Apenas boa, meiga e dedicada amiga, a dar-me notícias dessa terra, necessárias ao prosseguimento de minha vida provinciana. Uma dessas amizades tão úteis à nossa existência, ao nosso destino, ... nossa labuta pela vida, como são a luz à escuridão, o pincel para o artista, a mãe aos filhos, e o amor para a felicidade de dois seres que se desejam.

Carta, aliás, tão esperada, tão desejada e, infelizmente, jamais recebida.

Em substituição à dela, veio-me às mãos, a tua. A ansiedade era tão grande que disse para comigo ao som do coração a bater desarticuladamente: é dela, é dela, não há dúvida, olhando vagamente a procedência e a assinatura, Maria, em letras vivas e caligráficas.

Li, reli, tornei a ler, pensando ser dela, tal o estado de convicção em que me achava, porém tudo era absurdo, caligrafia diversa, confusão e frases que eu não esperava. E o assunto não podia pertencer à outra. Houve enfim grande coincidência. É que ambas se chamam Maria.

Durante algum tempo, olhando a carta, era como se eu estivesse vendo um panorama através de meus olhos embaçados. Depois, como varinha de condão, uma fictícia pára-brisa começou a funcionar aceleradamente, e a paisagem se mostrou nítida aos meus olhos, com suas linhas, seus contornos, suas nuances...

Sim, a carta era de outra. Seria uma pilhéria? — pensei. — E voltei a ler, mais calmo, embora intimamente desesperado. E sabe que de chofre descobri quem eras? Vou repetir aqui um trecho de tua carta, a fim de verificares quanto te enganaste: "Entre tantas alunas, entre tantas admiradoras e, ainda mais, ante a tua indiferença, jamais descobrirás quem sou. Existem tantas Marias... Daí a audácia em fazer-te estas linhas".

Ora, querida Maria, como a gente se engana, se ilude, e se passa por ingênua! Talvez o teu caso seja semelhante a muitos outros casos assim...

O fato é que ao reler a carta, delineou-se em meu pensamento a tua figura. E esta tomou vulto e me acenou à distância, pois desde algum tempo que vinha notando tua ausência na cidade. É que, Maria, eu também te admirava muito.

Porque se existia esse sentimento recíproco, não houve acôrdo entre nossas almas? Um olhar, um gesto, uma intuição do coração? Como explicar? Quanto a mim, eu dou interpretação. Não foi timidez e nem acanhamento como podes julgar. Tem sentido mais profundo e transcendental a minha hesitação. Machado de Assis, Disraeli, Balzac, Byron e outros gênios do espírito, foram grandes sofrendores desse estado afetivo...

Disseste em tua adorável missiva que ouviste falar muita coisa a meu respeito em questão de amôres, não havendo, de resto, um lugar para a tua pessoa. Não sei o que te disseram. De fato há certos caprichos em minhas inclinações...

Depois de falares muito sobre o amor, terminas, perguntando: "Não desejais casar? Que pensas do matrimônio?"

Eu talvez respondesse, acatando o teu ponto de vista, receio o pessimismo, como o fez Sócrates, ante a pergunta de um discípulo: "Qual lhe parecia melhor casar ou não casar?" Respondeu o filósofo: "Seja qual for a decisão que tomares, tem como certo o arrependimento".

Se há de vir o arrependimento, aceitêmo-lo, casando... Este é o melhor conselho.

A união entre a mulher e o homem, o amor, enfim, são problemas complexos. Se o sentido do amor fôsse um só, tudo seria tão simples, como é uma tarde sombria, sem chuva, nevoeiro ou ventania; porém depende dos costumes, educação, natureza e, através destes estados, rebentam as tempestades...

Pensamos a este respeito diferentemente. Sigo o conceito do filósofo Aristófanes. Ele deu simbolicamente a seguinte versão ao amor. Antigamente homem e mulher eram um só ser e possuíam quatro pés, quatro mãos e dois rostos. Dominava-o grande poder e ambição, e tinha como alvo eliminar os deuses. Como represália, Júpiter cortou-os em dois, enfraquecendo-lhe o poder. Desde então se separaram e vivem dispersos pelo mundo; a ansia, o desejo, o fito de cada parte é encontrar o par, o complemento, e reunir-se um ao outro novamente. Daí o amor.

CONTO de **EDGARD S. MACHADO** ★ ILUSTRAÇÃO de **OSWALDO DA CUNHA**

Reflete, Maria, não achas que todos nós andamos à procura disto? Em qualquer idade, em qualquer momento, em qualquer situação?

Quando se ama de verdade e se deseja a pessoa eleita, não existem barreiras. Não há limites. Não há tímidos. Não há covardes. Mas, como saber, realmente, que a pessoa escolhida é a alma afim? Eis o final do problema.

Li alhures que existe uma escala de amor, como existem as sete notinhas musicais. A nossa vida é regulada por essas sete partes, contendo cada uma delas um amor diferente! O meu mal, inesquecível Maria, é que devendo estar ainda na primeiras notas da escala, sinto-me na última, no "si". Eis toda a fatalidade de minha vida. E só são felizes aqueles que se harmonizam na mesma escala amorosa.

Já lêste aquele romance de Somerset Maugham, "Fio da Navalha"? Sinto-me tão esquisito como aquele tipo chamado Larry...

Sabes? Fôste a primeira que se revelou credenciada. Porque, às vezes, as coisas não chegam no momento oportuno? Porque não me foi dito pessoalmente tudo que está contido naquela longa e admirável carta? Será que tudo que escreveste resume apenas literatura, mera ilusão? Será que sentes tudo aquilo na realidade? É o que temo. Ou, então, ter descoberto em tuas frases, apenas a miragem de meus próprios desejos e sonhos.

Como conhecer-te melhor? Privar de tua amizade, assim tão distante! De qualquer maneira, agora é tarde. E o motivo, compreenderás ao terminar esta missiva...

Não sei se algum dia lerás estas linhas. Ela não te será enviada diretamente. O nosso caso

está encerrado. Não sofras. No desfile de nossas vidas, desabrocham sonhos que desaparecem nas cinzas do passado. Sublime é o esquecimento, a resignação. Será para mim sempre grande orgulho saber que predominei sobre um espírito assim tão elevado e tão semelhante ao meu.

Confessas que muito antes de ter-te notado, já me conhecias. Foi o que concluí. Tocaste a minha sensibilidade. E fiquei comovido por teres conservado assim essa amizade durante muito tempo, sem que eu a pressentisse. Quantas vezes pagamos por ser egoístas em nossos sentimentos!

Somente quando aluna minha é que te vim conhecer. Frisas que muito antes já alguém de minhas relações dava-te notícias detalhadas de minha pessoa, sobre meus hábitos, meus desejos, meus costumes. E sofrias, quando eu sofria.

Menciona vários momentos em que estivemos perto, em festas, reuniões, cinemas. Sim, lembro-me bem daquele baile de carnaval e quando, fazendo o passo, disseste-me com essa tua voz encantadora: "Muito bem, professor".

Falas, por fim, naquele recanto... Que lá me encontreaste pela última vez e na véspera de tua viagem, levando o coração partido, pois eu passeava de mãos dadas com uma desconhecida, enbebido e alheio e nem sequer, apesar de teus esforços, obtiveste um cumprimento como despedida. E indiretamente procuras saber se tal amizade perdura. Satisfaço o teu pedido. Justificar-te-ei o meu enlêvo.

Aquela alameda, Maria, não sei se sentiste o mesmo: é uma sinfonia eterna da natureza. Fonte inextinguível de harmonia, de som, de trinados, de beleza. Possui um íman celestial.

Eolo passeia ali medrosamente, assobiando apenas, talvez para não apagar o fervor, o desejo, a ansiedade de dois corações.

E de seu roçar e contáto com as flores, as folhas, a água do regato que desliza sutilmente, mansamente, por seixos abaixo, ele arranca sons de harpa tão divinos, tão misteriosos, que o meu coração estancava às vezes e, outras, batia descompassadamente.

Compreenderás, agora, não ter sido ela quem me pôs alheio a ti. Foi o ambiente. Quem o resistiria!

Naquela tarde nossos destinos se separaram. E nunca mais voltamos a nos falar. Estas sa-tisfeitas?

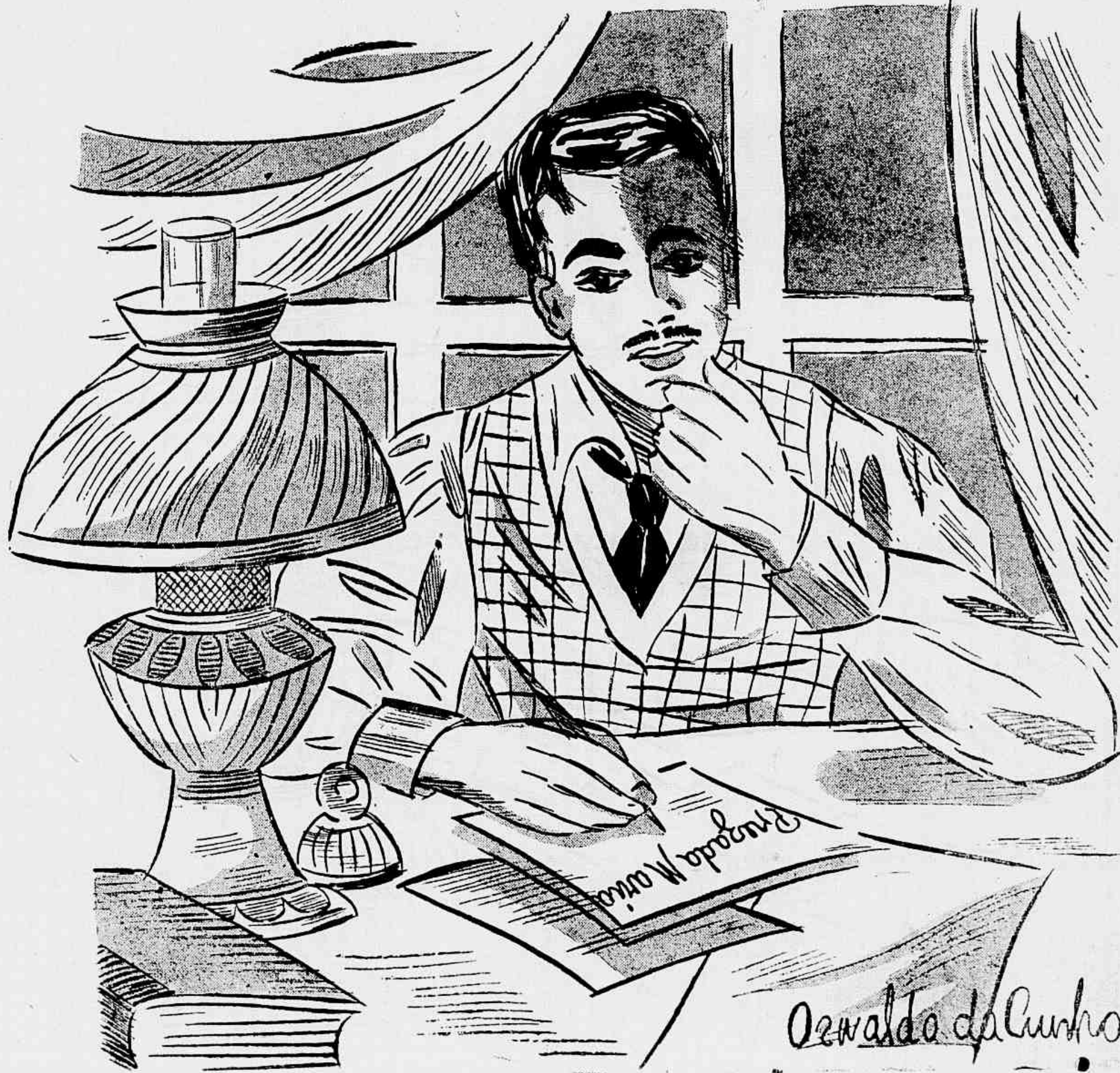
Enfim porque não me fizeste entender alguma coisa? Somente tão longe é que compreendeste quanto me apreciavas a ponto de escrever-me assim?

Falas com exagero em minha delicadeza, minha paciência, meus gestos atenciosos. Ora, cara Maria, isso é bobagem. Apenas educação. E ninguém mais delicado, atencioso e gentil que o povo dessa encantadora terra. Quanto a esses adjectivos não te faltarão aí.

Dizes que sempre me esperavas quando eu passava à tua porta e que meu "boa noite" era algo maravilhoso para a tua sensibilidade, e um raio de luz para a tua existência. E chegas a detalhes, quando me espreitavas por trás da janela... Não, Maria, não devias descer a tanto.

Não sei se ainda hei de ver-te. Não sei se te encontrarei algum dia. Mas, daqui a anos, quando te lembrares de mim, hás de dizer con-

(Continua na pág. 42)





PROEMINENTES figuras da Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme, aqui no Rio, cumpridoras de um singular programa de solidariedade humana, educação e amparo material, religioso e moral, e protetoras do Col. da Divina Providência, Abrigo da Criança Pobre, Santuário de N.S. de Fátima, Casa da Mãe Pobre, e outras instituições no Rio e Estados.

OS CAVALEIROS DE S. SEBASTIÃO E GUILHERME

POUCA gente sabe que a sede de uma das antigas Ordens de Cavaleiros está, hoje, situada aqui no Rio. É a sede da Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme, instalada nesta capital porque aqui tem residência efetiva S.A. Dom Gabriel Inellas, Príncipe de Clamozone e seu Príncipe-Regente Geral. Ele promove neste momento «um movimento de recuperação de valores novos», e a esse respeito, disse-nos:

— Trata-se de uma Ordem cujas raízes foram plantadas em pleno Século XV, em solo francês, agora reforçadas com a seiva de terra nova do Novo Mundo. Nosso movi-

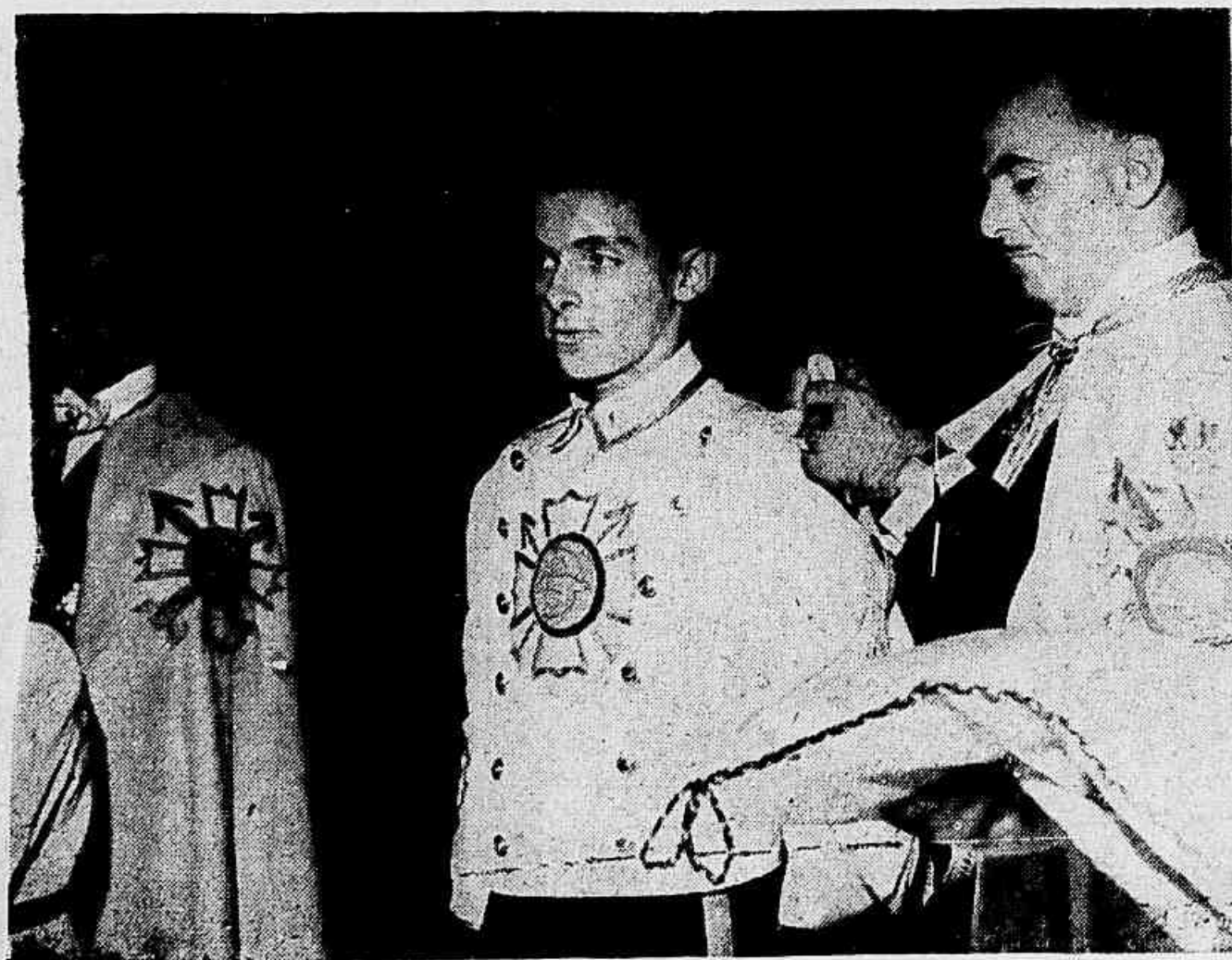
INSTALA-SE NO BRASIL A SEDE DE UMA ORDEM DE CAVALARIA CUJA FUNDAÇÃO REMONTA À IDADE MÉDIA
★ SEUS ESTATUTOS DATAM DE 1733, QUANDO LUÍS XV REINAVA EM FRANÇA ★ COLÉGIOS, ABRIGOS, SANTUÁRIOS, HOSPITAIS, NO RIO E NOS ESTADOS, AMPARADOS PELOS CAVALEIROS ★ FALA O PRÍNCIPE DOM GABRIEL INELLAS DE GLAZOMENE ★ O CONCELHO CONSULTIVO BRASILEIRO E OS NOMES DE QUE SE COMPÕE

Reportagem de MARCUS SILVA

mento de recuperação de valores nacionais está imprimindo-lhe um sentido dinâmico, pela aclimação do ideal que nos tem orientado secularesmente às exigências da época e a circunstâncias ambientes. Ampliam-se os quadros, reforma-se o estatuto-básico, aumenta-se a órbita da nossa ação filantrópica, renasce e vive o ideal cavaleiresco de generosidade e bondade, de justiça e ajuda social, sobre cujos alicerces se assentou na Idade Média, como tantas Ordens congêneres...

QUEM É O PRÍNCIPE

S.A. Sereníssima Dom Gabriel Inellas está no Brasil



DOM Gabriel Inellas, Príncipe Regente Geral da Ordem, promove a Escudeiro o Págem Roberto Machado Cupello — cerimônia do grande aparato que pela 1ª vez se realizou no Brasil

ELEMENTOS de destaque na sociedade brasileira estão ingressando na Ordem; aumentando-se a órbita de sua ação filantrópica e renascendo o ideal cavaleiresco de generosidade

desde 1946, para aqui impellido pela marisla da guerra. Foi em 1940 lugar-tenente-geral da Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme, quando recebeu a incumbência de organizar o lugar-tenência-regional em todos os países. O Condestável Comandante Supremo da Ordem era, então, o Conde L.M. Doucet de Chermont; elevado a dignidade de Príncipe-Regente fê-la independente da Abadia de Soissons em sua sede secular na França. Por sua morte coube ao Príncipe Dom Gabriel ocupar a Regência Geral por privilégio do cargo ocupado e de nobreza familiar. Trata-se de um cidadão que ainda não completou quarenta anos e cuja vida tem sido uma sucessão de paisagens do mundo, onde formou seu espírito e vigorizou seus sentimentos de humana compreensão de sofrimento alheio, credenciando-o a direção da obra filantrópica à qual se destina a Ordem.

Procuramos pormenores sobre o Príncipe e sabemos que é casado com S.A. Real dona Alma Maria Luiza Zaccaria, descendente da Dinastia Latina da Ásia Menor. Tem o casal, um filho brasileiro, Gabriel César Martino Andronico, de quatro anos de idade, a quem caberá mais tarde substituir o pai na Regência Geral. Tentamos abordar o Príncipe: não gosta de falir de si mesmo. Evita-o como interessado em dissipar da memória o trágico pictórico dos seus últimos anos na Europa, ardendo em fogo pela guerra, ensopada em sangue. Seus títulos, suas condecorações estatais, de guerra ou filantrópicas, evita de mencioná-los. Seu interesse volta-se para a aclimação e desenvolvimento da Ordem, no Brasil para o mundo. Esse interesse, dizem, está tonificando o conteúdo geral dessa instituição, ao tempo que a projeta como força positiva de filantropia no Brasil e na América do Sul.

HISTÓRICO

Nervoso nos gestos e fidalgo no tratamento, S.A. acolhe o repórter com simpatia e cordialidade, pois foi também um militante da imprensa italiana em outros dias.

— Nossa Ordem — explica ao ser inquerido — remonta à Idade Média. A vitória dos Arqueiros e Balesteiros, sob a bandeira da Igreja Católica contra os fiéis que detinham sob sua jurisdição o Santo Sepúlcro, e que determinou a formação das Cruzadas ocidentais, dando-lhe força e prestígio como classe militar, mas que se foram transformando com evolução dos processos de guerra em Milícias, Ordens Nobiliárquicas e instituições filantrópicas. Em 1730, o Cardeal de Bernis, Arcebispo de Alby, Ministro de Estado e favorito de Luiz XV, obteve do rei o privilégio da soberania sobre todas as companhias de franco-arqueiros e a hereditariedade da Regência para Abade da Real Abadia de São Medardo, em Soissons. A ele coube reorganizar os estatutos dessas companhias, formando um só corpo, com a designação de Companhia de Cavaleiros do Arco de São Sebastião e Guilherme, reunindo franceses, belgas, bretões, irlandeses e outros, dando-lhes privilégios de Cavaleiros e Nobres. Essa companhia seria designada a seguir, como as demais instituições congêneres, oriundas das Cruzadas, como Ordem. Pertencer a ela é adquirir um título de nobreza com os respectivos privilégios, entre os quais o direito ao uso de brasão encimado por uma coroa de cinco pontas. Sua atuação tinha, porém, um sentido meramente social, e assim a Ordem viveu até à Revolução Francesa. Em 1789 o Grão-Mestre viu-se na contingência de transferir-se de Paris para Coblença e depois para Viena, antes que Luiz XVIII lhe permitisse retornar à Abadia de Soissons. Napoleão III novamente enviou a Ordem para o exílio, até que com a 2ª República voltou a sediar-se em França como simples sociedade esportiva de tiro-arco. Reconstituiu-se e reorganizou-se até readquirir seu prestígio de Ordem Soberana e Independente, de finalidade filantrópica, com o restabelecimento do seu direito de origem, para distribuir condecorações; primeiro de 4 classes, depois de seis. Em 1947 — continua o Príncipe

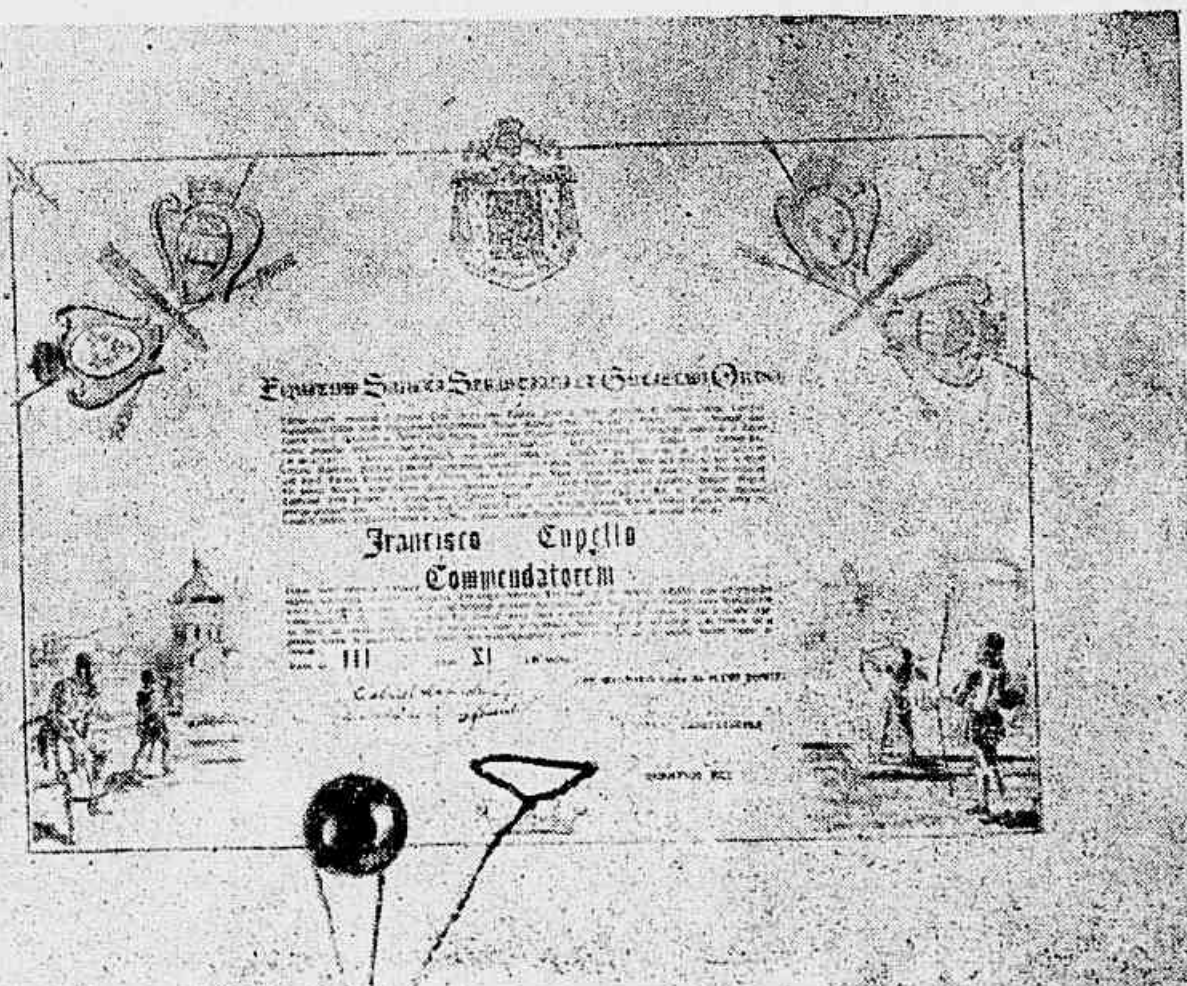
(Cont. na pág. 46)



S. A. SERENÍSSIMA Dom Gabriel Inellas, Príncipe de Glazomene e Regente Geral da Ordem, encontra-se no Brasil desde 1946, tendo adquirido a cidadania brasileira. Organiza neste momento a Lugartenência Regional dessa entidade em todos os países.



«BREVET DE CHEVALIER», conservando as ilustrações, os dizeres e o idioma original da época, 1448, no reinado de Carlos VII da França, quando por decreto solene a Ordem foi fundada.

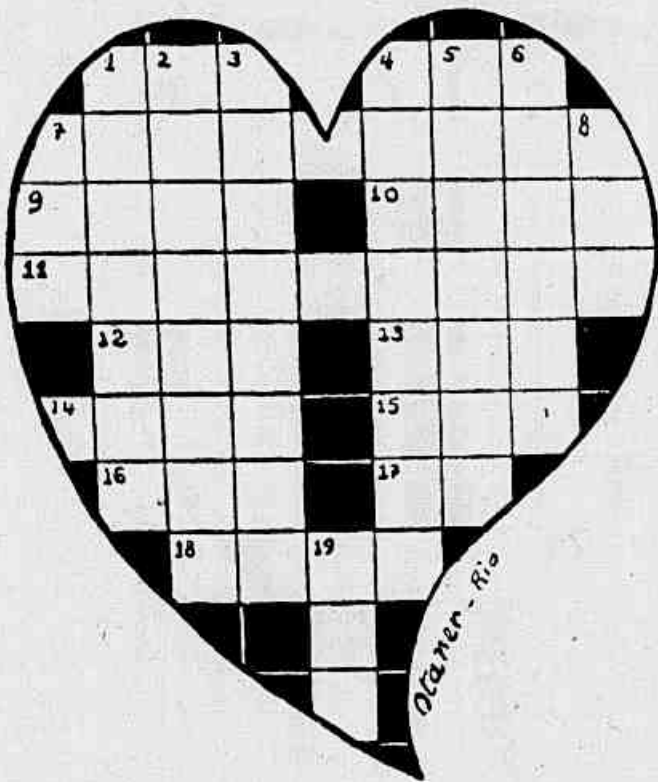


DIPLOMA DE COMENDADOR, dos quais não existem em todo o mundo mais de 500 cavaleiros. A sede da Ordem está situada agora no Rio de Janeiro, onde tem residência fixa o Príncipe Regente.

PALAVRAS CRUZADAS

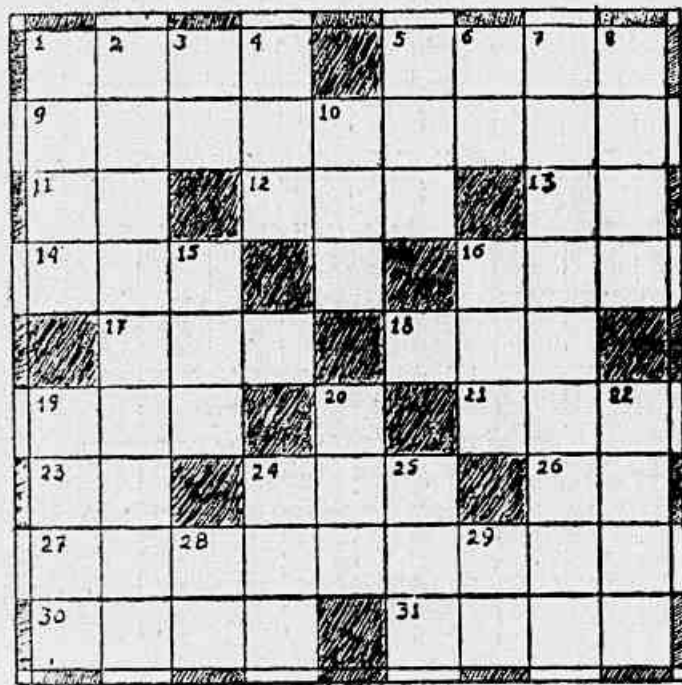
PROBLEMA N.º 58 -- PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Cidade da Polônia sobre o Rio — 4. Poema medieval, lírico ou narrativo — 7. Reapreensão — 9. Variedade de abelha (pl.) — 10. Sinceras — 11. Resumida — 12. Planta medicinal brasileira — 13. Indígena da tribo que habitava as margens do rio Irai — 14. Navegar — 15. Prefixo grego que traz a idéia de mau êxito, infortúnio — 16. Senhor — 17. Sufixo que exprime «semelhante a», «próprio de» — 18. Maltrato, mortífico.



VERTICAIS: — 1. Inculta — 2. Caipira — 3. Achatados — 4. Semelhante à pega parda — 5. Registro do que acontece ou se faz durante um ano — 6. Épocas geológicas — 7. Forma antiga da 3ª pessoa do indicativo do verbo ser — 8. Ala — 19. Grão-vassalo do rei.

PROBLEMA N.º 58 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Divisão ou subdivisão de um caule — 5. Clima — 9. Tirante a amarelo — 11. Batráquio — 12. Pedra do altar — 13. Forma arcaica do artigo o — 14. Nome de mulher — 16. Gosta — 17. Tens que — 18. Canoa usada pelos índios do Amazonas e feita de um só lenho — 19. Estudar — 21. Liga — 23. Antes de Cristo — 24. O mesmo que airi — 26. Sufixo que designa o autor — 27. Aquêlo que mente — 30. Melodia, cantiga — 31. Camareiros.

VERTICAIS: — 1. Extraordinária — 2. Romper do dia — 3. Perversa — 4. Reza — 5. Renque — 6. Jia — 7. Que tem edema — 8. Parte do calçado que assenta no chão — 10. Época — 15. Afluente esquerdo do Reno — 16. Rebordo de chapéu — 19. Lodo — 20. Nome de homem — 22. Argolas — 24. Pedra — 25. Raiva — 28. Símbolo do níquel — 29. Interjeição que exprime espanto.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 57

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Chã — Acá — Caurinara — Derrengadas — Una — Saa — Iró — Coré — Mãos — Liege — Urge — Upiá — Mar — Ata — Aca — Oficializar — Ofensores — Abd — Tiã.

VERTICAIS: — Acarar — Marés — Canga — Cárdia — Hur — Caa — Cenógrafo — Inapertas — Aarónicas — Duc — Sos — Ele — Meu — Ulo — Grifas — Pazear — Aar — Ainda — Alota — Ceb — Iri.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amara — Cá — Are — Fo! — Deter — Igara — Ara — Ias — Lar — Raro — Caro — Ira — Dor — Anão — Rela — Tem — Sal — Mel — Aroma — Atomo — Os — Com — Se — Coram.

VERTICAIS: — Mari — Ar — Reis — Cera — Ataríamos — Falaremos — Orar — Dar — Aro — Oro — Cor — Ata — Nero — Lá — Leme — Alô! — Saco — Lama — Or.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

A SAÚDE DO BEBÊ

A PROPÓSITO DA LICENÇA DE NATALIDADE

DR. SABOIA RIBEIRO

UMA senhora que se assina — “uma assídua leitora”, pede-me lançar a sugestão de uma lei que dilatasse, de 3 meses, para 6, o atual período que a Constituição concede às que vão ser mães e são funcionárias ou trabalham fora de seus lares.

O argumento invocado, para a medida, é que, durante os 6 primeiros meses, precisa a criança ser amamentada ao seio pela própria mãe, e sua proteção o exige.

Certamente, pelo lado da criança, isso está perfeitamente certo; pois, no período do primeiro semestre, o ideal seria estar sempre a criança sob as vistas diretas de sua própria mãe, nem só para os fins de amamentação como o da formação dos bons hábitos que devem datar de cedo.

Sob esse aspecto o período de 3 meses seria insuficiente, sem dúvida alguma.

Admitindo o fato de que todas as mães se beneficiam da lei para, realmente, amamentar a criança, e entram no gozo da licença 15 dias antes ou 1 mês antes do parto, o alactamento misto (seio e mamadeira) há de ser instituído, respectivamente, aos 75 dias ou 90 dias de vida do menino. Admitindo o horário de 6, 9, 12, 15, 18 e 21 horas, das mamaduras. Respeitadas as horas de expediente (de 11 em diante, digamos), haveria no mínimo, 3 mamadeiras intercaladas entre a mamadura de 6 e 21 horas.

No caso de mães operárias, com entrada cedo no serviço, a situação acompanha essa peculiaridade, a menos, é claro, que não existam creches nos seus lugares de trabalho, de acordo, aliás, com exigência expressa de nossas leis trabalhistas.

O fato é que, com a supressão de várias mamaduras seguidas, durante dias seguidos, sabemos nós, pediatras, que o leite seca dentro de poucos dias, e o bebê passará a viver exclusivamente às mamadeiras.

Parece, portanto, que a licença que a Constituição concede às que vão ser mãe não visa tanto a amamentação da criança como permitir o repouso da gestante antes do parto e sua recuperação fisiológica completa após o parto. Tanto assim é, que, ou estejam amamentando, ou não, todas gozam da mesma maneira a licença.

Geralmente a licença é iniciada 30 dias antes do parto, o que permite dividir com a criança os 60 dias posteriores.

Não há negar que, com os 90 dias de repouso, a recuperação materna é perfeitamente possibilitada, e quanto à criancinha, já poderá estar ela suficientemente submetida a normas alimentares tais, que já permitam a libertação de sua própria mãe de junto a si.

E' certo que, em certos casos, surge a necessidade dessa assistência materna junto à criança. Aqui, porém, há resolver, consoante o espírito da época, pelas concessões que os regulamentos ou as praxes, sem dúvida alguma, já adotam por toda a parte.

Por outro lado, certas situações criam a obrigatoriedade, porque inexcusável a sua falta, de creches públicas.

Porque a mãe que alega a necessidade de assistir ao filhinho com o alimento natural, que é o leite humano, estaria facilitado o caminho com o seu internamento em estabelecimentos que tais.

A simples licença dilatada ao excesso não nos parece, por si só, uma condição segura no sentido de assegurar a alimentação natural durante todo o período dos seis primeiros meses.

Os motivos são óbvios.

Parece, em todo o caso, que a Constituição assegura essa alimentação natural até o fim do segundo mês, assegurado 1 mês antes, para o pré-parto e o parto.

As dificuldades surgiram, portanto, do terceiro mês em diante.

Em verdade, a técnica já melhorou de muito o bom êxito da alimentação artificial precoce, ou seja, já no terceiro mês, partindo-se de um leite de boa qualidade.

Este, então, o caminho a seguir pelas mães, em face das circunstâncias.

Vem a pêlo citar aqui, em abono dêsse ponto-de-vista, os seguintes períodos de Chiaffarelli que mostram como, em face das emergências, pode apelar-se para a alimentação artificial bem conduzida sem receio de agravos à saúde do menino.

Diz êle: “Certamente, eu sou da opinião que o leite materno é o melhor alimento para o lactente; seria, porém, excesso e estaria em flagrante contradição com os fatos da prática diária, proclamar que o leite de peito é insubstituível. A alimentação artificial bem conduzida muito pouco ou quase nada fica a dever à alimentação natural.”

Há necessidade, portanto, de orientar as mães quando por êsses imperativos se vêem forçadas a apelar para a alimentação artificial, sendo certo, como é, que o primeiro trimestre exige um maior cuidado a êsse respeito.

Qual o leite então a ser preferido?

Nesse período preferimos sempre os leites ácidos, ou mesmo o leite com modificações periódicas, visando entre outras o aumento de gorduras a fim de que possa satisfazer às condições de um alimento completo, e não apenas hidratante e remineralizante, como realmente o é.



JUNHO

NESTAS manhãs de junho tenho vontade de ser pintor... Junho pertence aos pintores, mais do que aos poetas... O inverno, que aí vem, é a estação dos músicos, das mansas melodias... Dos interiores tépidos, no aconchego macio dos "sommiers" e dos "plaids", o chá, a lareira — e a música, longamente a música.

"Les sanglots

longs

des violons"...

Longamente a música... a música envolvente e nebulosa de Grieg, a música lunar de Debussy, a música, longamente, nos longos serões, na penumbra, com a brasa de um cachimbo e as pupilas de uma gala persa, voluptuosa e asmática... Isso é o inverno...

Mas o outono é dos pintores, o outono com os seus tons violáceos sobre "gris"... O outono com seus cenários venezianos, seus céus dourados de Jean-Gabriel Domergue, suas árvores nuas e esgalhadas, como braços fantásticos abertos para o céu, entre as folhas amarelas que caem como se caíssem do crepúsculo, como uma chuva imaginária em gotas de ouro velho...

LYSE

VESTIDOS DE LÃ

TRES sugestivos modelos para os dias frios, aqui estão para sua escolha, todos eles devem ser confeccionados em lã fina. Temos, pois: modelo com o corpo recortado, dando idéia de bolero, decote e gola em faia brando. Saia também recortada, com bolsos embutidos. Vestido aberto na frente, com pequenas abas. Mangas três quartos e gola branca. Interessante combinação de faia e tafetá, neste modelo para noite. Saia pregueada, e corpo com uma parte embutida e originais abas arredondadas.



VARIAÇÕES SÔBRE O "TAILLEUR"



○ «tailleur» continua sendo um dos trajes favoritos de toda mulher elegante. Para amenizar-lhe um pouco as suas sobrias, poderão, porém, ser adaptados pequenos detalhes que os tornam mais leves e juvenis, sem contudo, prejudicar-lhes a elegância. Uma pequena gola, um lenço ou uma flor habilmente escolhidos, farão uma transformação completa e sugestiva no elegante modelo.





N ESTA coleção de modelos podemos notar a originalidade dos feitiços que dão à silhueta maior graça e elegância. Em cima, modelo em lã, preta saia justa, decote em «V» sem gola, mangas três-quartos. À direita, casaco três quartos em lã grossa, gola traspassada e bolsos amplos. Em baixo, modelo em seda estampada, com grandes bolsos, sugestivo «tailleur» em «pied-de-poule».



SILHUETAS ELEGANTES



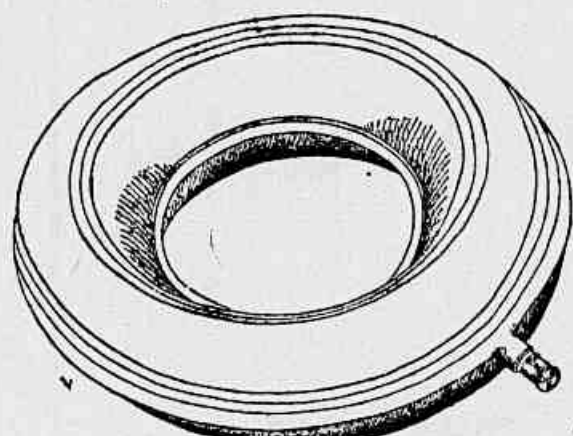
PELO REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

MATERIAL CIRÚRGICO E CLÍNICO EM GERAL

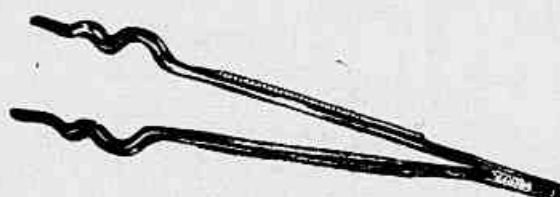
DESPESAS DE PORTE POR CONTA DO CLIENTE.



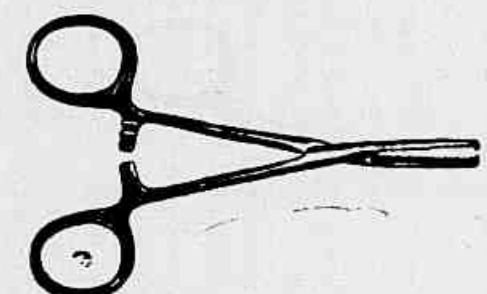
Saco de borracha para água quente, capacidade de 2 litros com tampão de metal simples. — Cr\$ 38,00.



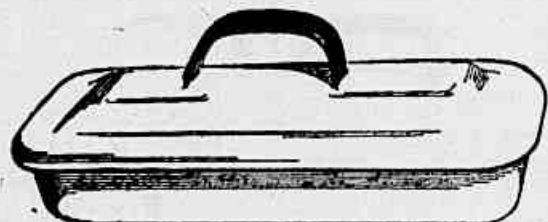
Assento de borracha com válvula, diâmetro de
37 cms. Cr\$ 68,00
42 cms. Cr\$ 95,00



5821 — Pinça para seringa e material esterilizado com 18 cms. — Cr\$ 25,00



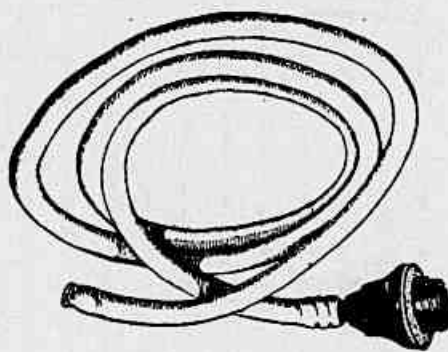
no 1) — 5811 — Pinça dissecação nacional, com 13 cms., Cr\$ 22,00.
no 2) — 5793 — Pinça hemostática de Kocher nacional, com 13 cms. — Cr\$ 65,00.



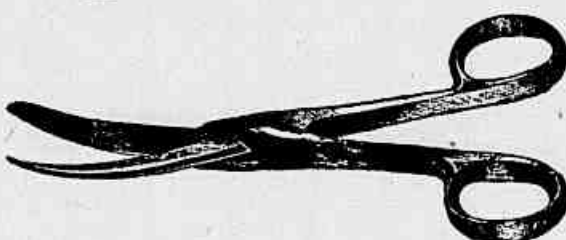
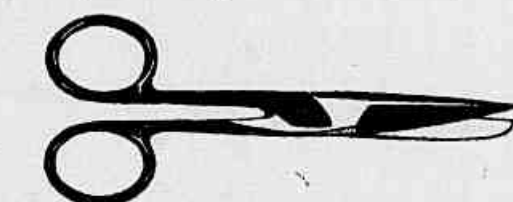
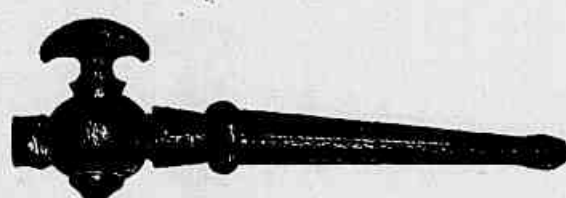
1745 — Cuba de ferro esmaltado com tampa para material esterilizado 8x12 cms., Cr\$ 60,00.



Agulhas de níquel canhão dourado, tipo americano, de: 20x6/10 — 20x7/10 — 25x6/10 — 25x7/10 — 30x8/10 — 30x7/10 — 40x8/10 — 50x7/10 — 50x8/10 — Cr\$ 3,60.



Tubo de borracha, com pertences para irrigador — Cr\$ 45,00.



7099 — Tesoura cirúrgica reta ponta romba c/13 cms., nacional, Cr\$ 54,00.

7108 — Tesoura cirúrgica curva ponta romba c/13 cms., nacional, Cr\$ 58,00.

7115 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/13 cms., nacional, Cr\$ 62,00.

7116 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/13 cms., nacional, Cr\$ 66,00.

7117 — Tesoura cirúrgica reta com 1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr\$ 68,00.

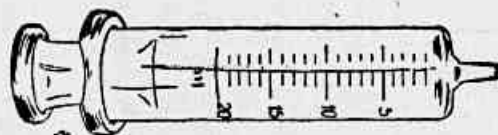
7118 — Tesoura cirúrgica curva c/1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr\$ 67,00.

7179 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/13 cms., francesa, Cr\$ 65,00.

7180 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/13 cms., francesa, Cr\$ 72,00.



Estôjo metálico alqueado para seringa:
2305 — de 5 cc. Cr\$ 12,00
2306 — de 10 cc. Cr\$ 19,00
2307 — de 20 cc. Cr\$ 29,00



Seringa de fabricação estrangeira de:
6760 — de 3 cc. Cr\$ 32,00
6761 — de 5 cc. Cr\$ 38,00
6762 — de 10 cc. Cr\$ 59,00
6763 — de 20 cc. Cr\$ 69,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA

Avenida Venezuela, 131 — 100 Andar —
Sala 1006-8 — Fone: 23-2977 — Caixa
Postal 1864 — RIO



WEEK-END

VITELA COM PALMITOS

Tome 2 kg de vitela, limpe e leve a tostar dos dois lados numa boa colher de gordura. Junte depois sal, 3 cenouras regulares, 1 cebola em rodela, molhe com 1 xícara de caldo ou água quente e deixe em fogo brando até ficar bem macia. Pronta, retire a carne, corte em fatias e arrume num prato de ir ao forno entremecendo com ovos e palmitos cozidos em rodela. Desengordure o molho e passe pela peneira diretamente sobre o prato. Polvilhe com queijo e, quase na hora de ir à mesa, leve ao forno apenas para tostar.

FAROFA COZIDA

4 xícaras de farinha de mandioca, 2 colheres de manteiga, sal e água quente.

Mistura-se tudo e deita-se água fervendo sem fazer pirão, e deixando embolotar. Acrescenta-se mais um pouco de farinha seca. Serve para acompanhar assados, quer de aves, de carnes ou de peixe.

PUDIM DE OVOS DUROS

1 xícara de leite, 5 ovos, cozidos e picados, 150 gr de presunto picado, 2 gemas, 2 claras em neve, 1 colher de manteiga, 1 colher de farinha. Leve ao fogo a manteiga com a farinha, molhe com o leite e deixe no fogo até aparecer o fundo da panela. Deixe esfriar um pouco, junte o resto dos ingredientes e despeje numa fôrma untada e polvilhada com pó de pão torrado. Leve a assar por uns 15 minutos.

FRITADA DE LINGUIÇA

Escalde ½ kg de linguiça boa, e tire a pele. Frite rodela bem finas de uma cebola grande. Cozinhe com casca ½ kg de batatas e pele depois. Bata 6 ovos, as claras separadas. Deite banha na frigideira com salsa picadinha e aí deite a linguiça, deixe fritar bastante e junte as bata'as em rodela, as cebolas, umas 4 colheres de ovos batidos e misture tudo no fogo. Nivele bem com a faca e cubra com o resto dos ovos. Deixe cozinhar um pouco e leve ao forno para terminar de tostar em cima, ou então cubra com uma tampa de folha com brasas, o que é ainda melhor.

GELÉIA DE PITANGAS

Tome pitangas perfeitas, deite no tacho, cubra com água e leve ao fogo até elas se desmancharem. Cõe num saco de flanela e pese. Junte igual peso de açúcar. Leve ao fogo. Quando começar a fazer bôlhas e estas se abrirem num pouco, deite um pouco num pires, esfrie ligeiramente e volte para baixo. Se não cair no pires, está pronto.

SANDUÍCHES EM ROLINHOS

Parta 1 pão de fôrma em fatias, de alto a baixo. Amasse 1 latinha

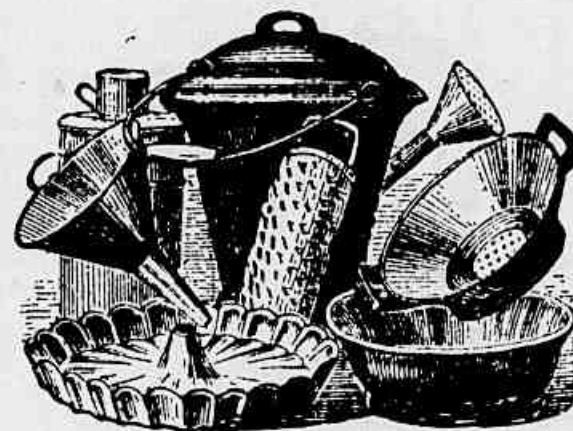
de patê de foie-gras com manteiga, passe uma camada sobre os quadrados, enrole cada um como canudinho, aperte para não desentrolar e apare as pontas. Pode variar o recheio. Enrole sobre um pano molhado para não partir.

SALADA VARIADA EM PRATINHOS

Torre quadradinhos de pão de fôrma. Faça um molho de maionese juntando legumes variados aos pedacinhos e arrume-os no centro de um prato. Rodei-os com alface picada e azeitonas sem caroços. Ao redor os quadradinhos de pão torrado.

MAIONESE ECONÔMICA

Bata bem até endurecer três gemas cruas. Junte uma colher-de-café de sal. O sal ajuda a consistência; quando estiver bem dura junte uma colher-de-chá de suco de limão, uma pitada de mostarda e continue batendo até o ponto desejado, mais ou menos consistente. Acrescente aí uma colher-de-sopa de bom azeite e bata mais algumas vezes.



MAÇA COM CAMARÃO

Tirar a tampa da maçã, esvaziar, embrulhar em papel impermeável, levar ao forno razoável. Preparar um refogado de camarão com todos os temperos. Doure em gordura meia cebola branca em rodela, junte dois tomates em pedaços, salsa, cebola verde, um ramo de coentro, uma ponta ligeira de pimenta vermelha e os camarões. Sal necessário. Depois de recheada a maçã, tampe-a com uma colherada de claras batidas em neve com queijo parmeizão. Leve ao forno de novo, retire quando a clara estiver no ponto de suspiro e sirva imediatamente.

TALHARIM

Meio quilo de farinha de trigo mui'o bem amassada com 3 ou 4 ovos e sal. Amassa-se bastante e estende-se em folhas finas, deixando secar um pouco. Depois enrola-se e corta-se bem fininha, abrindo-se com cuidado para que os fios não grudem uns nos outros.

BÔLO DE MAIZENA

160 gr de açúcar, 3 gemas, 3 colheres-de-sopa de manteiga, 120 gr de maizena, 120 gr de farinha, ½ xícara-de-chá de leite, 2 colheres-de-sopa de rum, suco de meio limão, um pouco de baunilha, ½

NA COZINHA

colher-de-chá de fermento em pó.

Mistura-se o açúcar com a manteiga, juntam-se depois as gemas, o rum, o suco de limão e a baunilha, e por último a maizena com a farinha, o leite, e o fermento em pó. Finalmente, adicionam-se-lhes as claras batidas em neve e leva-se a assar ao forno moderado até assar. Es'e bôlo pode ser coberto com glacê ou geleia de frutas.

★

AMERICANOS

250 gr de açúcar, 2 a 3 ovos, 25 gramas de raspas de chifre de veado, casca ralada de limão, 125 gr de manteiga, 550 gr de farinha, 1/4 de litro de leite.

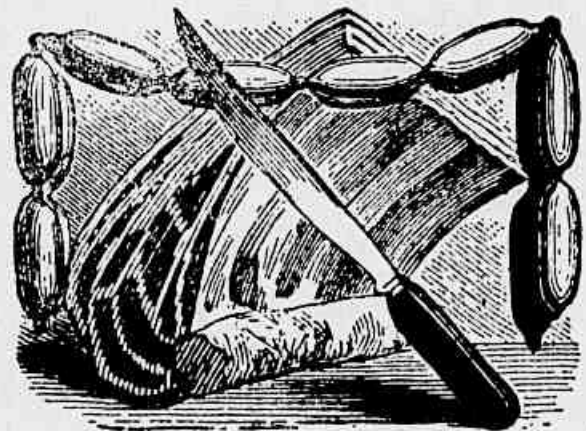
Bate-se muito bem o açúcar com os ovos, juntam-se as raspas, a casca de limão, a manteiga derretida e, por último, aos poucos, a farinha e o leite.

Desta massa fazem-se montículos em uma assadeira untada e polvilhada com farinha, pincela-se com ovo e assa-se com calor moderado.

★

DELICIOSOS DE MEL

750 gr de mel, 375 gr de amêndoas picadas, 375 gr de açúcar, 1/2 colherinha de canela, 2 pontas-de-



faca de cravo em pó, 1 casca ralada de limão, 1 ponta-de-faca de cardamomo, 1 colher-de-sopa de aguardente de cerejas, 100 gr de laranja cristalizada, 100 gr de cidra cristalizada picadinha, 800 gr de farinha de trigo bem seca, 10 gramas de potassa dissolvida na aguardente (ou 1 copo, dos de vinho, de rum).

Ferve-se o mel e juntam-se aos poucos o açúcar, as amêndoas, os outros ingredientes e, por último, a farinha. Amassa-se tudo muito bem, estende-se na grossura de 1/2 centímetro, corta-se em pedaços do comprimento de 1 dedo e da largura de 2 dedos, põe-se em assadeira untada e no dia seguinte assa-se em forno quente. Depois de frios, pincelam-se com creme de açúcar (75 gr de açúcar diluído e fervido com 1 xícara de água). O creme deve ser branco e secar imediatamente.

★

PUDIM DE LEITE

1 copo de leite, 460 gr de açúcar, 8 ovos inteiros.

Batem-se os ovos, misturam-se com o açúcar e o leite. Leva-se ao forno em fôrma untada com manteiga.

★

PERINHAS E MAÇAZINHAS

300 gr de amêndoas moídas, 1/2 xícara de leite, 250 gr de açúcar, anilina doce.

Mistura-se tudo, leva-se ao fogo para dar o ponio. Quando despegar da panela e a massa estiver durinha, de modo que não esparra-me, fazem-se os docinhos, dando-lhes a forma de uma perinha ou maçazinha. Deixam-se secar, pincelam-se depois, com anilina apropriada que se obtém na farmácia.

★

RECHEIO DE GALINHA

1 galinha, manteiga, sal, pimenta, 4 gemas, 2 colheres de farinha de trigo, 1 xícara de leite e temperos à vontade.

Aferventa-se a galinha, corta-se e refoga-se na manteiga. Fritam-se os temperos e depois se acrescenta o picadinho de galinha e o leite. Deve-se pôr pouca pimenta.

★

COQUILLE

Toma-se um pedaço de carne assada, corta-se em fatias e desfia-se. Vai ao fogo fritar com manteiga e um pouco de sal. Quando já estiver quase frito, acrescentam-se 2 colheres de farinha de trigo, cebola cortada bem miudinha, picles, 2 gemas e por último, 1 xícara ou 2 de leite, conforme a quantidade de pessoas que se tiver ao almoço. Arruma-se em conchinhos e enfeita-se com ovos coriados, tomate, polvilha-se com farinha de biscoito.

★

QUEIJO DE PORCO

Depois de limpar muito bem a cabeça de porco, lavando-a cuidadosamente, vai ao fogo, para aferventar, em panela bem grandes, de modo que fique coberta; põe-se forto os temperos: sal, louro, alho, cebola, pimenta da terra, pimenta do reino, em menor quantidade. Deixa-se ferver até que a carne esteja se despegando dos ossos. Tira-se do fogo e corta-se em pedaços irregulares, uns em tiras, outros quadrados. Aferventam-se 3 ou 4 línguas de vaca com os mesmos temperos. Pode-se mesmo aferventar tudo junto, tendo o cuidado de retirar primeiro as línguas, pois cozinham mais depressa. Cortam-se igualmente em pedaços irregulares. Leva-se ao fogo e refogam-se os temperos. Prova-se e vê-se o que falta. Deixa-se esquentar bem. Faz-se um saquinho de fazenda bem forte, enche-se com o preparado ainda quente, põe-se sobre uma mesa, imprensado com muito peso, e assim se deixa até o dia seguinte. É um fiambre delicioso, mas é indispensável que a cabeça cozinhe bem, do contrário fica dura.

★

FORMINHAS DO CONVENTO

Bata exageradamente 8 gemas, jun'te 4 claras em neve, misture de pressa e leve ao forno em forminhas altas e untadas. Logo que li carem assadas, o que é muito rápido, deite numa calda rala (feita com 1/2 kg de açúcar e 2 xícaras de água) e deixe ferver até ficarem bem passadas. Prontas, guarde numa peneira até o dia seguinte para secarem. Passe em açúcar, calque na parte de cima confeitos, missangas e argume em caixinhas de papel. Dá umas 30.

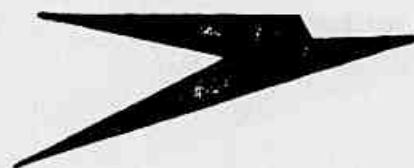


Londres... O Tamisa, sereno e majestoso...

Picadilly, movimentada e buliçosa... Hábitos seculares

e concepções modernas... Contrastes e seme-

lhanças da maior cidade do mundo... Mas, em toda a parte, a hospitalidade inigualável do país das tradições.



VÔE PELA B.O.A.C
com a tradicional cortesia britânica

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

SAIRÁ EM JULHO!
O ÁLBUM DE
A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE

CINEMA

RÁDIO

TEATRO

MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

- Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
- Biografias completas no verso de cada foto.
- Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.
- Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

BANCA DE JORNAIS DE SUA CIDADE

UM PADRE DIFERENTE

(Cont. da pág. 14)

Com destino ao Acre, seguiu com sua mãe, d. Benvida Cândida de Almeida, que ainda vive — que contraiu segundas núpcias. Teve Frei José 23 irmãos, sendo 6 de criação, muitos dos quais morreram durante a infância.

Em 1927, ele e seu irmão Pelegrino, ingressaram na Ordem dos Servitas — Servos de Maria — seguindo em 1930 para Roma, onde estudaram, durante o noviciado, na Universidade Internacional da Ordem. Lá aprenderam cerca de oito idiomas, música — piano, harmonica, órgão, flauta, etc. — teologia, filosofia, sociologia, medicina, mecânica, motores a explosão, electroléctrica, aeronáutica — é piloto — trabalhos domésticos, etc.

Agora com experiência e espírito de missão, está em missão no Brasil, onde faz piruetas com uma motocicleta a 60 quilômetros por hora. É orador de raro dom, talentoso, culto, magre e simpático. É conhecido e amado.

Após nossa entrevista, Frei José pediu-nos que participássemos ao povo do Acre e do Amazonas que logo estaria de volta. Depois, um tanto emocionado, olhou-nos com ar piedoso e solicitou: "Por favor, mande, também, um forte abraço à minha mãezinha!"

O "PROFESSOR" . . .

(Cont. da pág. 22)

era indiferença. Desistiu, e foi para casa do tio. Chegando, encontrou uma carta. Abriu-a. Continha um convite para casamento. Demóstenes quis atirá-lo fora, não lhe interessava nem um casamento de um rei, quando teve um novo choque, ao passar os olhos pelo papel. Empalideceu. A fronte banhava-se de suor frio. Demóstenes sentou-se bestificado. A Terra estava desmoronando; Marita ia casar-se!

Passou muito tempo sem saber o que fazer ou o que pensar. Estava absolutamente derrotado.

A tarde saiu, foi ao Correio e passou um telegrama ao pai: "Ficarei Capital. Mande toda minha roupa. Segue carta explicando. Demóstenes".

Do Correio tomou o rumo do centro da cidade que aquela hora estava entupido de gente. Na rua Direita o borborinho era mais intenso. Demóstenes entrou nessa rua e desapareceu na multidão.

DEVASTADORAS . . .

(Cont. da pág. 22)

afirmou que voava porque tinha uma grande desilusão a esquecer.

— Uma desilusão amorosa, explicou.

Era um caso interessante e tomamos a deliberação de explorá-lo.

— Conte-nos esse caso, senhorita.

— Pois não. Amei um jovem aviador e ele parecia gostar de mim também. Mas um dia, quando seu avião pousou aqui neste mesmo aeroporto e corri para ele como sempre fazia quando voltava, afastou-me bruscamente e disse que havia casado com outra, uma francesinha que conheceu em viagem. Agora voo... para esquecer.

Cada uma dessas jovens por uma razão especial — amores contrariados, necessidade, espírito de aventura e uma série outras de razões que seria enfadonho enumerar.

UMA GRANDE INICIATIVA

Há um ano atrás, Paulo Gomide e Maria Augusta Cordeiro, jovem ex-comissária inutilizada para o voo, lançaram as bases de uma associação internacional que congregasse todas as aeromoças do mundo. O reajustamento social das moças inutilizadas já que é sabido por todos que, depois de certo tempo são impossibilitadas de viajar porque seus tímpanos arrebentam, a criação de cursos para candidatas ao voo, agência de colocações, assistência médica, clínica para neuróticos de voo, clínica de repouso, intercâmbio com associações aeroviárias de todos os países, assistência a estrangeiras quando de passagem pelo Brasil, colaboração mais estreita com a imprensa, tudo foi previsto nesta grande iniciativa.

Um expediente revoltante sob todos os aspectos, burlando a lei trabalhista é agora denunciado por nós. Quando estas moças ficam impossibilitadas de voar, certas empresas ou as demitem, deixando-as ao abandono, ou reajustam-nas, com prejuízo para elas. Ora, a moça que vivia num padrão de vida, vamos dizer de Cr\$ 3.000,00 desse para Cr\$ 1.500,00 obrigando a verdadeiros prodígios para manter-se e à família quando for o caso. Afinal, senhores, ninguém se inutiliza por prazer. Eis a grande iniciativa da futura Associação Internacional de Aeromoças — readaptação profissional.

BALCONISTAS E RECEPCIONISTAS

Essas classes são compostas, geralmente, por moças que já voaram, que já deram o melhor dos seus esforços, o melhor de sua juventude, por um ideal e agora, contrariadas, permanecem nos balcões atendendo às partes, ouvindo o ronco dos motores dos aviões que partem em demanda de outras terras, enquanto elas, que desejariam partir também, permanecem em terra, cumprindo outra missão digna mas que não tem a mesma atração daquela de voar, estar em contacto com o espaço.

Uma dessas moças nos afirmou que, cada vez

que leva os passageiros até ao avião, sente uma ânsia incontida de seguir com eles, de rasgar horizontes, mas que não pode porque é uma inutilizada para o voo.

Quando conversávamos com um grupo dessas jovens, uma delas nos pediu que invocássemos a colaboração dos jornalistas, dos diretores e companhias de transportes aéreos a fim de apoiar a campanha a que se propõe a associação que não deve morrer no nascedouro.

— Seu repórter, disse-nos uma delas, arranje um poema bem bonito que diga o que somos nós. — Uma classe incompreendida que luta por um ideal e que só merece a desconsideração dos jornais, como esse que esteve aqui um dia desses procurando achincalhar-nos, atribuindo-nos defeitos que, de um modo geral, não temos. Nós que somos humanas pedimos a compreensão do humano.

Sentimos o calor daquelas palavras e pensamos em compor um poema, caloroso em honra das águas do espaço. Invocamos as musas, saiu o poema, não gostamos, não tinha espontaneidade, faltava o mesmo que falta nos versos de Humberto de Campos. Eramos, como ele, poeta porque conhecíamos métrica e rima, cesura e cadência. Faltava algo. Apelamos então para um poeta de verdade, o jovem paraibano Jansen Filho, nosso particular amigo que não se furtou ao pedido que lhe fizemos pelo telefone. Do outro lado do fio sua voz, tão logo pedimos, ditou:

"Como garças a voar de asas leves, maneira
Em demanda do céu, sob a luz da alvorada
Aeromoças se vão das terras brasileiras
E retornam depois à pátria abençoada!"

O Águia do Brasil! Sublimes mensageiras
Albatrozes de crença em busca de pousada!
Essas que pelo azul vão rasgando fronteira
São as noivas do sol e irmãs da madrugada.

Nos seus vãos de luz à cata de horizontes
Incensam de beleza os alcances montes
Quais símbolos da graça à luz da perfeição

Lá se vão adejar por diversas paragens,
Rompendo a imensidão, transmitindo mel.

[sage]

Para a glória da Pátria e orgulho da aviação

Agradecemos ao nosso amigo os belos versos que compôs em honra das aeromoças do Brasil e sentimos-nos orgulhosos em ser a primeira a gritar bem alto para todos os cantos do país que elas, as aeromoças do Brasil, são criaturas humanas que sofrem, amam, vivem, enfim, a elas nosso tributo de admiração.

— Boa viagem, jovens!

CONFIDÊNCIAS VALADAS

(Cont. da pág. 23)

tigo: "Como fui tola, romântica, ingênua... a coragem de escrever-lhe..."

Isso passa. E' da raividade. Com os anos, primeiras rugas, as desiluições, o amor toma o aspecto mui diverso. Quando passares para a vida nota da escala amorosa, há de rir do passado.

Informaste-me na carta que partiste definitivamente e que, em breve, tua mãe unir-se-á a pois ela é viúva e ficou só. Falas muito nela na carta, por que? Demonstrate estima! imenso. Então é ela a única pessoa que sabe da tua amizade por mim? E' paradoxal! Com palavras ternas, cheias de sentimento, narraste-me que tua mãe descobriu o teu segredo e não compreendeste como. E' que, estimada Maria, as mães têm intuição verdadeiramente genial. Presentem logo qualquer mudança nos filhos. Quando amamos não podemos esconder por muito tempo. No amor, o recalque é doloroso e cruel; e, às vezes, fatal.

Tomamos, então, um ar diferente quando a fala da pessoa amada, tão singular que é uma revelação. E sempre acabamos falando a alguém naquela pessoa, pedindo notícias, informações mostrando uma proposada indiferença que não ilude a ninguém. E se alguém diz: você parece que está interessado em fulano... já reparas como perdemos completamente as forças ao tenta-

(Cont. na pág. 46)

Como é fácil e agradável...

USAR ESTE PRÁTICO BATEDOR ELÉTRICO

Conheça o batedor elétrico "Mix-maid" para massas, ovos, cremes e bebidas em geral.

"Mix-maid" transforma o moroso e exaustivo trabalho manual numa operação rápida e agradável.

VENDAS PELO CRÉDI-MESBLA

MESBLA

PEÇAM CATÁLOGOS RUA DO PASSEIO, 48/56

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2.

BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — orgaup ap 012

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº

OME
UA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 50,00

CASPA QUEDA DOS CABELOS CALVICIE

JUVENTUDE ALEXANDRE

para cessar a queda dos CABELOS Evita os CABELOS BRANCOS Evita a prematura CALVICIE

Leiam a CENA MUDA

REVISTA SEMANAL DEDICADA AO

CINEMA

RÁDIO MÚSICA

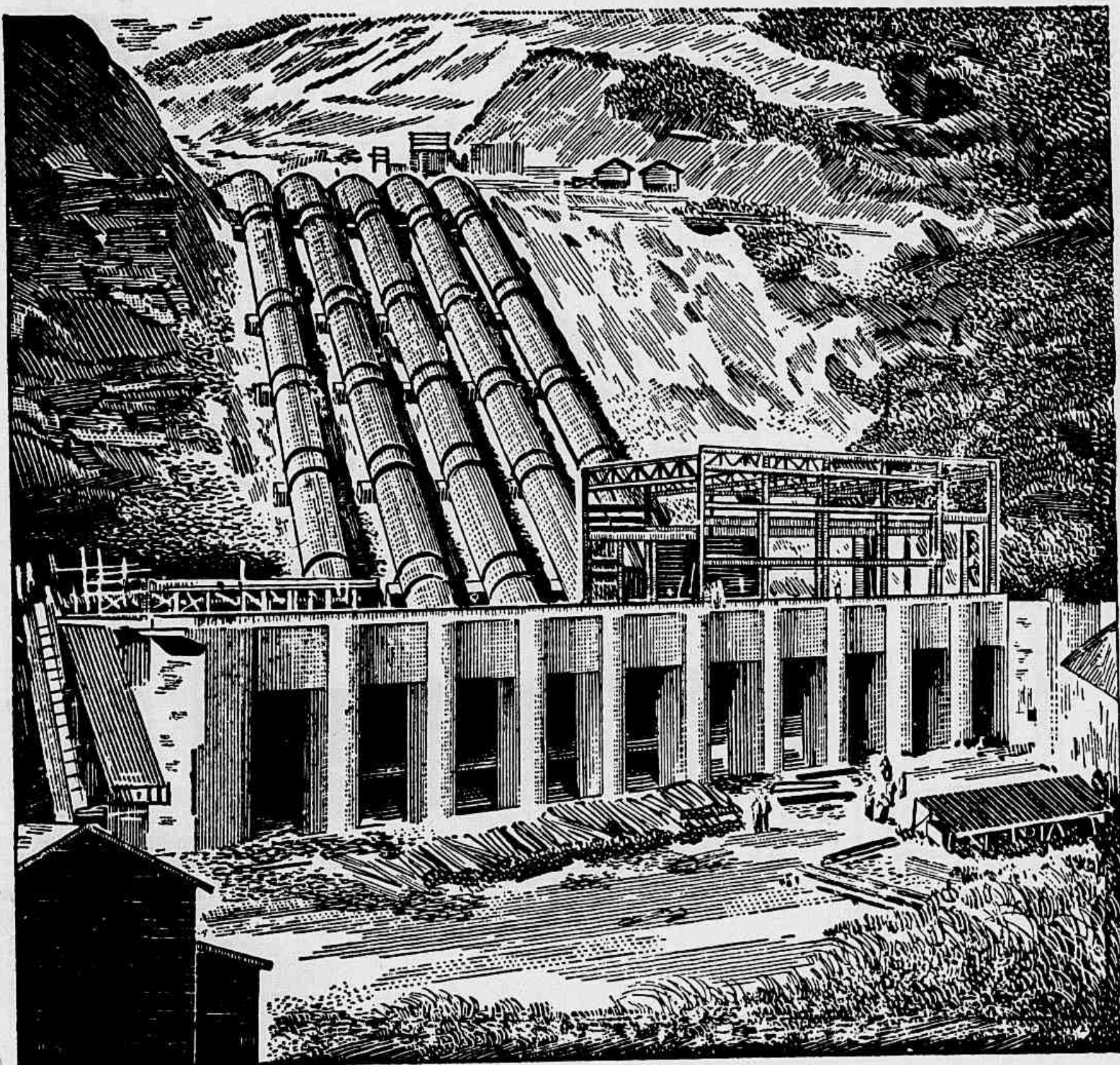
QUER SER ESCRITOR?

Inscryva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida ... 117, sala 205, para remessa do programa e bases do curso

Traqueza

ÁGUA INGLÊSA

STUDIO FARY



GIGANTESCAS OBRAS EM RÁPIDA EXECUÇÃO

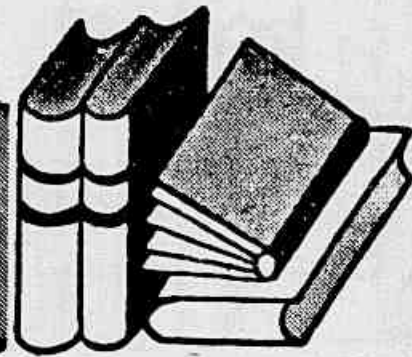
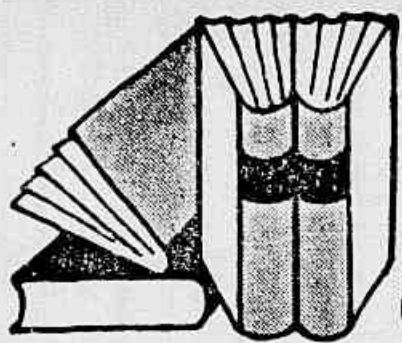
CINCO POSSANTES BOMBAS ELEVARÃO AS ÁGUAS A UMA ALTURA DE 35 METROS

A Usina Elevatória de Vigário, parte integrante das grandes obras do desvio Parafba-Pirai, terá cinco bombas, cada uma com capacidade para elevar um caudal de 40 metros cúbicos por segundo. Essas bombas elevarão as águas recebidas do Reservatório de Sant'Ana a uma altura de 35 metros para o Reservatório de Vigário. Por um canal e um túnel, respectivamente de 1360 e 690 metros de extensão, essas águas serão levadas daquele reservatório à casa de válvulas para alimentar as unidades geradoras da Usina de Fontes e a sua próxima extensão subterrânea de Forçacava.



Na construção dessa Usina de Recalque, no município de Pirai, estão sendo empregados 20.200 metros cúbicos de concreto e escavados 54.800 metros cúbicos de material brando e 9.900 metros cúbicos de rocha viva. Os máximos esforços se desenvolvem para que essas obras terminem antes do prazo prefixado no projeto. Entretanto, é necessário que todos colaborem economizando o seu consumo de energia elétrica para que, durante a estação das secas do ano corrente, a situação não se agrave, visto ainda se encontrar reduzido o volume d'água no Reservatório de Lajes.

ECONOMIZEM ELETRICIDADE !



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



ARTUR RAGAZZI

ARTUR RAGAZZI veio menino para o Brasil. Acompanhar o seu pai, um advogado e agrônomo veneziano que, depois de ter sido companheiro de Garibaldi na luta pela unificação da Itália, desgostou-se da política e veio para Ouro Preto, onde, ao lado do Barão de Camargos, iria ser um dos introdutores da cultura do chá em Minas Gerais.

Menino vivo, alma sensível, Artur guardaria para sempre as imagens da infância descuidada, passada ao contato da caprichosa e delicada natureza do Adriático e da formosa cidade dos doges.

Mais tarde, recordaria com emoção cada fato de sua infância em Veneza: o enamorado da natureza crescendo em anos e em sensibilidade, substituindo na retina a paisagem mediterrânea que a tela de seu contemporâneo Ettore Tito dera um colorido particularmente brilhante, pelo quadro montanhoso de Ouro Preto, e, depois, pelo amplo panorama dos contornos da Serra do Curral e da Mantiqueira.

Poucos brasileiros terão sentido, como ele, o sortilégio de nossa natureza, em plena zona tropical abrandada e enriquecida pela montanha. Poucos, igualmente, terão amado e admirado com tais e tão delicadas ternuras a terra que adotou no coração, em que criaria seus filhos e em que traduziria a sua mensagem de poeta e artista.

A linhagem intelectual da família, os seus vãos de imaginação e de aventura, bem cedo transpareciam no jovem veneziano que, de Ouro Preto, em 1897, se transplantaria para Belo Horizonte, ao ensejo da inauguração da nova capital para aqui acompanhar, desde então, com alma inquieta e encantada, as suas vicissitudes e seu progresso. A atividade literária de Artur Ragazzi começara já em Ouro Preto. Ias seria em Belo Horizonte que ela se afirmaria e se prolongaria até a morte do poeta. Homem de seu tempo e de sua geração, pertenceu, nele fazendo figura brilhante, no grupo de escritor e poetas mineiros que se revelaram a partir do início do século, tendo em Alphonsus de Guimarães o seu papa e em Mendes de Oliveira, da Costa e Silva as suas figuras mais representativas.

Foi, assim, um dos pioneiros do movimento literário em Belo Horizonte. Repartindo-se entre as atividades comerciais, que lhe davam o pão para viver, e os negócios das letras, que eram o prazer e a razão de sua vida, Artur Ragazzi, ao longo de mais de trinta anos, compareceu regularmente na maioria das revistas e jornais que apareceram na capital de Minas, como na capital da República.

Foi um poeta de rica inspiração e em toda a sua vida outra coisa não fez que apurar a sua forma para traduzir, numa fatura poética sempre e sempre mais pura e sensibilidade e o estuante lirismo que brotava de sua alma de artista.

Coisa interessante: embora tenha produzido e publicado esparsamente desde a mocidade, somente na idade madura, poucos anos antes de seu falecimento, é que Artur Ragazzi, já poeta consagrado de sua geração, editaria em livro uma seleção de suas criações poéticas.

Isto foi por volta de 1914, quando do prelo da Imprensa Oficial, às próprias expensas do autor, saíram «Cavaleiro andante» e «Coivara acesa», em que a poesia mineira contemporânea tem alguns de seus momentos mais altos e representativos.

Senhor de um forma consciente e segura, dono de um poder verbal não comum, o poeta em «Cavaleiro andante» e em «Coivara acesa» revela, a par de grande força descritiva, a delicada constituição sensitiva de uma alma que não conheceu o mal que recebeu as vicissitudes da vida como um dom, e os sofrimentos como «a melhor e a mais pura essência», de que falou Baudelaire, para curar as impurezas e para preparar os fortes às santas voluptuosidades.

Além dos livros publicados, dois outros deixou Artur Ragazzi prontos para o prelo, quando, mansa, tranquila e confiantemente entregou a sua alma a Deus: «Minhas Estâncias» e «Trovas».

Familiar dos grandes poetas italianos e espanhóis, deixou e publicou também numerosas traduções, que primavam sempre pela correção, pelo gosto, pela honestidade intelectual.

Faleceu no dia 4 de novembro de 1948, deixando de seu consórcio com D. Letícia Marini Ragazzi, barbacenense de grande estirpe que inspirou toda a sua vida, duas filhas: as senhoras Consuelo e Dora Ragazzi, casadas, respectivamente, com os srs. Paulo Pereira da Silva e Hilo Wilson Estevam de Andrade. Era irmão de outro festejado poeta, Orestes Ragazzi e tio do etnógrafo e escritor mineiro Levi Braga.

pareceram: Sérgio Millet, recentemente chegado de Paris; Reynaldo Bairão; Arnaldo Pedrosa d'Horta e sra.; Darcy Penteadó; Rachel Moacyr, atualmente o grande sucesso do T.B.C.; o pintor Aldo Bonadei; a pintora Gerda Brentani; e um gostosíssimo conhaque português, bastante «funcional» naquela fria noite paulistana...

Sérgio Millet voltou à crítica literária, no «Estado de São Paulo». Em poucos dias, já comentou os «Contos do Aprendiz», de Carlos Drummond de Andrade; já comentou uma crítica infeliz que Domingos Carvalho da Silva fez ao «Cão sem plumas» de Cabral de Melo Neto; já comentou o livro de estréia de César Mémolo Jr.; já comentou a última novela de Paulo Herken Filho, diretor da revista gaúcha «Fronteiras»; etc., etc. Na verdade, Sérgio Millet já estava fazendo falta no panorama literário do país.

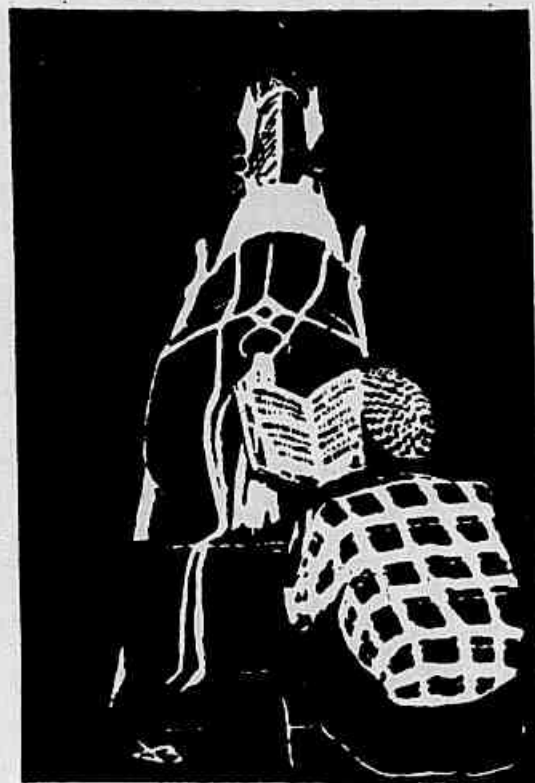
Em tiragem limitada, saiu a tradução que Dora Ferreira da Silva fez das «Elegias de Duino», de Rilke. Com esta obra, Dora Ferreira da Silva consagra-se um dos maiores conhecedores de Rilke no Brasil.

São Paulo recebeu a visita simpática do casal Antônio Joaquim de Almeida, residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais. Antônio Joaquim de Almeida, irmão do conhecido poeta paulista Guilherme de Almeida, é atualmente o diretor do Museu do Ouro, de Belo Horizonte. Sua esposa, Lúcia Machado de Almeida, irmã do contista e poeta Anibal Machado, é autora de livros infantis de extraordinário interesse. O casal Franchini Neto ofereceu uma recepção ao casal Antônio Joaquim de Almeida ali comparecendo: Paulo Mendes de Almeida, José Geraldo Vieira, Lígia Fagundes Teles, Godofredo da Silva Teles

Filho, Pola Rezende, Dinorah de Carvalho, Maria de Lourdes Teixeira Darcy Penteadó, Victor de Azevedo, Christina, Maria de Lourdes Lebert, Reynaldo Bairão.

Saiu o segundo número da revista de arte, «Habitat», dirigida pelo arquiteto Lina Bo Bardi, esposa do diretor do Museu de Arte de São Paulo.

Maria da Saudade Cortesão arrebanhou os vinte e cinco mil cruzeiros, referentes ao concurso literário: Prêmio Mário Prado de Poesia. Este prêmio, distribuído anualmente aqui em São Paulo, é destinado a estreantes ou a escritores inéditos, variando os gêneros literários de um ano para o outro. Maria da Saudade Cortesão, filha do historiador português Jayme Cortesão e esposa do grande poeta brasileiro Murilo Mendes, já tem colaborado em revistas e em jornais de todo o Brasil.



Espelho de cinzas

CYRO PIMENTEL

Algumas vezes, na minha vida, senti a infância retornar:
A onda de um mar adolescente, onde o sal seria o batismo da vida,
Soerguía-me a um espaço silente de azul:
Estranhas plantas espiraladas, logo à entrada, impedião o sonho,
Entrelaçando-o em fúnebres desvarios, tal como a vida que he-
[rádica de trevas]

Entrelaça a morte em seus instantes de luz.

Das folhas ávidas de vida desabrocharam flores de alegria
E uma confusão de côres ardeu no ar;
O sonho, com seus olhos de pássaro infantil, iluminou de aurora
O pátio, onde sonolentas flores aguardavam o clarim da ma-
[drugada].

Ah, como tudo se me afigurou silêncio e música!
Ao longe, ouvia-se o eco de um grito distante
E mais além, um bosque de espectros sombreava os recém-mortos!
Em algumas montanhas, para silenciosas viagens, almas se ali-
[mentavam]

Na fonte, reino de sono.
Como um deserto, forte voz de esperança surgia, pregando a so-
[lidão]

Algumas vezes, na infância, vi a minha vida
Refletida num espelho de cinzas...

(Do livro inédito: «Exílio»)

NOTÍCIAS DE S. PAULO

Estão morando, atualmente, na capital bandeirante, o poeta Jorge Medauar e o romancista Paulo Dantas. Jorge Medauar tem colaborado constantemente em jornais e revistas paulistas, demonstrando assim a sua participação, o seu trabalho e o seu grande valor. E Paulo Dantas, há pouco tempo, publicou o seu último romance: «Cidade Enferma», verdadeira elegia a Campos do Jordão e às suas misérias.

Anuncia-se, para este mês, uma nova conferência de Carlos Burlamaqui Kopke. A referida palestra será patrocinada pelo Clube de Poesia de São Paulo, de que o poeta Cassiano Ricardo é o presidente.

O simpático casal Luís Lopes Coelho reuniu em seu delicioso apartamento um grupo de intelectuais e artistas. Ali com-

Fora do Prelo

FABULAS Membro da Academia de Letras do Paraná e de outros centros culturais do país, Serafim Fran-

ga vem com este livro desenvolver o repertório da fábula moderna. Dedicando sua obra à memória de Trilussa, a que chama o «gênio da fábula moderna», o autor faz como que o seu programa de moralista. E' no mesmo sentido de Trilussa que ele caminha aqui, encontrando, como o mestre, seu material fabulístico na vida cotidiana, na obra em que vivemos. Nem sempre necessita fazer falar os bichos, como na técnica que o fabulário herdou de La Fontaine. E' um pouco descrente, não raro utiliza a ironia, para as suas lições de edificação. E, no geral, proporciona momentos de deleitoso encantamento, pelo acerto da observação, pelo trabalhado da forma destes pequenos poemas em boa linguagem e eficiente estilo, pelas conclusões a que chega pelo tom ariano que dá ao seu moralismo.

Livro que se completa com algumas «Alegorias», também de tom filosófico, e alguns poemas como este, que dará aos leitores uma idéia do fabulário do moderno Pedro do Paraná:

A CIGARRA E A FORMIGA

A Cigarra de agora, a Cigarra festiva, esse raio de sol, de alegria perene, não é mais a vadia improdutiva daquele apólogo de La Fontaine. Riso com asas, rima que voita, a música dos ramos e das flores. Ela é a poetisa da canção bonita, faz madrigais a todos os amores. As almas belas, que no azul se inspiram, amam a sua cantiga. Esses todos que sátiras lhe atiram são fúteis amigos da Formiga. São os materialistas, gente rude, gente agrihoada à terra, que não cansa de encher o cofre e a pansa, tendo somente egoísmo e não virtude. Viver não é saciar o instinto, a vida é convívio com o céu, de tal maneira que a alma seja uma tela, colorida por uma fantasia feiticeira.

O espírito avarento não tem asas, é fogo fátuo que se não desliga do chão, das covas rasas... E' preciso dizer isso à Formiga. Se ela negou migalhas a um artista fez um triste papel, perdeu o ensejo de ser uma Mecenas altruísta, praticando um grande ato benfazejo. Depois, que vale a vida na abastança sem ter um gesto bom, uma ação nobre? Ser rico e andar sofrendo, por poupança, é ser mais infeliz que qualquer pobre. A láurea, pois, é da Cigarra, a esteta que é espírito, que é ansio de beleza. Ela é a alma de um poeta. A outra — a chata burguesa. Argila e flama, rés do chão e altura, sonho que voa e gananciosa garra. A Formiga, depois de sua atitude feia, tornou-se um simples grão de areia, uma coisinha obscura. A glória há-de ser sempre da Cigarra!

PEQUENO DICCIONARIO DE NOMES DE PESSOAS — Rómulo de Castro — Edição dos Produtos Nestlé — Rio de Janeiro — Simpática e realmente útil esta iniciativa dos Produtos Nestlé, editando para distribuição o «Pequeno Dicionário de Nomes de Pessoas», organizado com os cuidados de um artista e os conhecimentos de um erudito, pelo escritor Rómulo de Castro.

A obra apresenta a origem e a significação de exatamente dois mil e vinte e cinco prenomes usados no Brasil. Sua utilidade evidencia-se, assim, a essa simples menção.

O problema dos nomes dos filhos é um dos mais afitivos para os pais, particularmente em nosso país, onde cada vez nos distanciamos mais das tradições católicas que indicavam, para o batismo, os nomes dos santos do dia do nascimento. Nesse particular, possuímos um inesgotável repertório pitoresco, a propósito de nomes sem propósito que, mais uma vez, ficaram em foco com as últimas eleições. Nomes realmente extraordinários são impostos às crianças brasileiras, particularmente no interior, onde surgem as maiores extravagâncias. Entretanto, mesmo nas cidades é comum assistirmos a nomes que constituem verdadeiros espetáculos, pelo ridículo que os envolve, pela ignorância que revelam, pelo colorido que possuem, pelas ideias que evocam, pela diversidade pelo contraste que oferecem com seus portadores. Já possuímos uma série enorme de sobrenomes que, às vezes, motivam irresistíveis gargalhadas, como sejam os raquíticos senhores Leões, os gigantes senhores Pintos, os azedos senhores Laranjas, os senhores Coelhos de Matos, e tantos outros. Ao menos no que toca aos prenomes indica-se uma cautela maior em benefício das gerações e é isso que esta obra tão clara e interessante, já em terceira edição, vem possibilitar. Os pais e padrinhos encontram neste livro distribuído pela Nestlé, copioso repertório de nomes a dar aos filhos, sobretudo notável o que Rómulo de Castro conseguiu em matéria de nomes indígenas, pois esse é um dos pontos importantes, vez que tais nomes são preferidos por muitas famílias. Em geral, se deixam seduzir apenas pelas palavras bonitas, esquecendo-se de que as palavras têm um significado, às vezes muito impróprio para um nome próprio.

Sobre este assunto poderíamos discorrer longamente, tanto mais que co-

O LIVRO ILUSTRADO



William Wordsworth, segundo uma caricatura de Max Beerbohm, ilustração de «The Poet's Corner».

nhecemos certa senhorita que se chamava Soberana e que explicava seu nome como sendo o de uma santa virgem, pois nas ladainhas de Nossa Senhora lá estava «Virgem Soberana»...

além de outra, muito mais de lamentar-se, cujo primeiro nome, também tirado da Igreja, como supunha seu pai, era apenas isto: «Ite missa est...» que ela, naturalmente, grafava «Itemissae», tendo tido a luminosa idéia de, mais tarde, compreendendo a coisa, reduzir o prenome a Ita, apenas, saindo do fim da missa e entrando na boa taba tupi, chamando-se «pedra», mas ficando com um nome muito menos duro de roer, isto é, de usar.

HISTÓRIA DA AVIAÇÃO — Pedro de Almeida Moura — Edições Melhoramentos — São Paulo

E' possível que já não diremos a idéia, porém que o instinto do homem para voar seja dos mais antigos. Olhando as nuvens, sentindo o vento, observando os pássaros, ele deve ter tido a ansia de se alçar do solo. Vindo desde os princípios destas suposições, entrando após na realidade bem documentada, e terminando na atualidade, Pedro de Almeida Moura modernizou, para esta segunda tiragem das Edições Melhoramentos, a sua «História da Aviação», ilustrada por P. de Lara. Em linguagem encantadora, mercê da simplicidade e clareza, o autor focaliza o Padre Voador, a Passarola, o Marquês de Laqueville, o abade Desforges, os «mais leves que o ar», a nossa incontestável prioridade, Montgolfier e o físico Charles, as primeiras ascensões, Pilatre de Rozier, Blanchard, Zambecari, os dirigíveis, Júlio César Ribeiro de Sousa, Santos Dumont, Augusto Severo, o Zepelin Piccard, os aeroplanos, Lilienthal, Ader, Wright, pioneiros do ar, Farman, Blériot, Teles de Queirós, Cícero Marques, Edu Chaves, os heróis portugueses, a vitória do «Jau», Bolland, Bastie, Amélia Earhart, Anésia Pinheiro Machado, recordes de altura, jato e foguete, sistema de controle do voo; o rádio e o radar na aviação e entra na atualidade mundial.

A leitura, portanto, desta «História da Aviação», além de seu aspecto cultural, oferece panoramas de legítimo sensacionalismo, através de figuras e feitos que empolgaram as nações, no afã de dominar os ares e ampliar a segurança, o conforto, a certeza dos laços sem asas de cera. As gravuras, em moldes equilibrados, constituem outra contribuição preciosa à «História da Aviação», na qual o Brasil se destaca.

OUTROS LIVROS Para fornecer, aos agricultores, assim como aos amadores, como profissionais, a orientação mais moderna, as Edições Melhoramentos mantêm o «Abc do lavrador prático». E' uma série de pequenos volumes ilustrados, cuja utilidade é tão grande que passa a interessar a todas as classes. Pertencem-lhe, sob os números 11 e 13, os trabalhos de Cirilo E. de Mafra Machado e Icaro Vital Brasil, respectivamente: «Criação de peixes em aquários» e «Defenda-se das cobras». O primeiro abrange Aquário, seu manejo e peixes, sob todos os aspectos; o segundo oferece este sumário: O que são e como vivem as cobras; Classificação e diferença entre cobras venenosas e não venenosas; Tratamento da mordedura de cobra; Ação dos diferentes venenos; Tratamentos supersticiosos e empíricos; Prevenção do ofidismo; Outros meios preventivos; Erros e superstições.

Tanto o «Defenda-se das cobras» quanto o «Criação de peixes em aquários» estão apresentados de modo que os assuntos ficam ao alcance geral.

MAIGRET ESCRIVE SUAS MEMÓRIAS



Maigret é talvez a mais viva personagem tão vivo como o Sherlock Holmes. Georges Simenon conseguiu dar ao seu detetive uma tal realidade que o herói da ficção se incorporou definitivamente ao grupo humano. Agora, para acentuar tal realidade, aparece o livro das «Memórias de Maigret», em que o inspector fala, também ele, de Simenon, seu inventor. A obra é uma espécie de carta de romanço policial: é, antes, um livro de bom humor, em que o inspector apresenta alguns aspectos íntimos, fazendo-nos de sua vida progressiva e, assim, completando o retrato que dele nos pintou Simenon. Além de bom, o livro de memórias de Maigret representa uma «drouvilles» o personagem Maigret, o autor.

No clichê, Charles Laughlin, um dos detetivistas, no cinema, do famoso herói de romances policiais.

LETRAS MINEIRAS

BELO HORIZONTE — As edições Mantiqueira lançarão dentro de alguns dias o primeiro volume da «COLEÇÃO PETRARCA», com poesias selecionadas de Renê Guimarães. Trata-se de uma série de vinte sonetos escolhidos de poetas mortos e vivos, tanto de Minas como de outros Estados. Entre outros, «Coleção Petrarca» apresentará sonetos de Maranhão Sobrinho, o grande simbolista maranhense, cuja obra é quase desconhecida da nova geração brasileira. Edições Mantiqueira pretendem entrar de acordo com outros grandes poetas brasileiros, reunindo na presente «Coleção» os mais expressivos sonetos de nossa literatura contemporânea. Toda correspondência deverá ser enviada para Edições Mantiqueira, Av. Amazonas, 699 — Belo Horizonte.

Ainda este mês, estará nas livrarias o livro de estréia do poeta Edison Moreira, intitulado «CAIS DA ETERNIDADE», o qual vem sendo esperado com interesse pelos nossos círculos literários. O autor é uma das figuras mais expressivas da nova geração mineira.

Adeclamadora Dulcinéia Paraense acha-se em Belo Horizonte, devendo aqui realizar, até o fim do mês, um festival que está despertando a atenção de nosso mundo artístico.

Cogita-se em Belo Horizonte do lançamento de um grande jornal literário, o qual deverá circular no princípio do próximo mês. Em sua redação figurarão alguns dos nomes mais em evidência nas letras mineiras contemporâneas.

Está circulando o número de ACAIACA do mês de maio, com farta colaboração de vários autores mineiros. — G.S.

CAIÇARA

Temos em mãos o n.º 2 do mensário de artes e letras, «Caiçara», que se edita em Marília, sob a direção de Flávio Sampieri. Bem colaborado, com boas ilustrações, em agradável «mise-en-pages», o novo órgão se inscreve brilhantemente entre as publicações que com tanta simpatia vemos florescendo pelo interior do Brasil e que trazem ao nosso conhecimento tantos valores que nossa acidentada geografia afasta de nosso convívio.

OS CAVALEIROS DE S. SEBASTIÃO...

(Cont. da pág. 35)

Dom Gabriel — na qualidade de lugar-tenente geral, comecei a organizar a Lugartenência do Brasil e sucessivamente assumi o cargo de Príncipe Regente Geral, por força do direito de sucessão transformei a Lugartenência em Sede Geral. E venho me dedicando ao desenvolvimento de uma ação filantrópica, reestruturando os nossos quadros e adaptando o estatuto básico ao ambiente. Eis, em síntese a história da Ordem dos Cavaleiros de S. Sebastião e Guilherme — rematou S. Alteza.

A ORDEM NO BRASIL

— E quais as atividades da Ordem em nosso país? — indagamos.

— As de cumprir um programa de solidariedade humana, de educação e amparo material, religioso e moral, dentro dos nobres ideais cavaleirescos, respondeu Dom Gabriel. Ai estão o Colégio da Divina Providência, Abrigo da Criança Pobre, Santuário de N. S. de Fátima, Associação de Cegos, Maternidade Casa da Mãe Pobre, no Distrito Federal; Saco de São Francisco, Associação de Assistência à Infância Balbina da Fonseca, no Estado do Rio; Associação dos Vicentinos, Hospital dos Leprosos, Hospital dos Tuberculosos N. Senhora, em Minas Gerais; Colégio das Meninas em Almoré, no Espírito Santo; e outras instituições educacionais e sanitárias, todas recebendo a ajuda financeira que já nos permite dar um fundo de doações que possuímos. Essa, aliás, é uma ordem que precisa ser aumentada, e neste momento processamos uma reforma estatutária que tem por base a transformação do Conselho Consultivo. Está ele assim constituído: Grão-Chanceler, Cav., Grão Cruz Senador dr. Francisco Benjamin Gallotti, Rei de Armas, Cav. Grã-Cruz Major Brigadiero Antônio Guedes Muniz; Secretário geral, Com. Deputado dr. Domingos Marino de Oliveira; Grão Esmoleiro, Com. Francisco Cupello; Grã Mestre de Cerimonial, Com. Dr. Hamleir José do Amaral Bevilacqua; Grão Protonotário, Cav. Grã-Cruz Dr. Délio de Miranda Lima. Pois esse Conselho Consultivo será transformado em Deliberativo.

Tem a Ordem lugar-tenentes na Bélgica, onde o Cav. Grã-Cruz Barão Fortuné Koller Von Kolleg dirige todos os cavaleiros do país; em Portugal, o escritor Grande Oficial Prof. Dr. Armando Manoel Lemos de Matos, e em outros países, formando uma falange de legítimos fidalgos. Ao mesmo tempo organizam-se os Baillados nos Estados e novas lugartenências na América, prosseguindo a estruturação medieval da Ordem. Na nova reforma dos estatutos, prevemos a criação *ad natum* do título de Cavaleiro Grã-Cruz para os Chefes de Estado onde existia lugartenência. E enquanto se faz um recenseamento mundial, vamos agrupando dentro do princípio de servir à causa dos menos favorecidos pela fortuna, desde Chefes de Estado, diplomatas, dignatários da Igreja, Chefes Militares, a todos os que almejam um mundo menos egoísta, homens de fé e boa vontade, seguros de poderem dar aos Cavaleiros de São Sebastião e Guilherme, um sentido de utilidade humana sobre a inspiração da suprema vontade de Cristo.

Eis, em resumo, o que nos expôs o Príncipe-Regente Dom Gabriel Inellas. No fim de contas, a maioria dos brasileiros devia ignorar, até agora, a existência em nosso país dessa tradicional instituição, contemporânea dos tempos medievais, quando se armavam em cavaleiros os homens seguindo um Código de Honra em que eram exaltados os sentimentos de nobreza e bravura, fidelidade e fé nos ensinamentos de Cristo. Já existem Cavaleiros-armados, no Brasil, como no tempo das cruzadas, iguais aos que reconquistaram o Santo Sepulcro, venceram os sarracenos infiéis e mantiveram as tradições guerreiras de nobreza e ideal.

Será que o leitor da REVISTA DA SEMANA, antes de ler estas linhas, sabia da existência em território nacional, de uma instituição desse gênero?

O "AFFAIRE" ACIOLI LINS

(Cont. da pág. 8)

Depois da falação patética do sr. Acioli, foi suspensa, por duas horas, a sessão.

E enquanto está suspensa a sessão, vamos informar aos nossos leitores que entre os servidores que iriam receber a bolada, encontra-se um parente do sr. Crispim Maurício da Fonseca. Chamado a falar — ele que não fala — disse que realmente havia um parente seu que tem interesse na indenização que a Prefeitura vai pagar. Ele mesmo havia pedido ao sr. Acioli que apressasse o parecer. Isto porque, senhores, estava tentando arranjar um empréstimo para mandar fazer o túmulo de sua plateada esposa. Mas, recebendo sua parte na questão (não pudemos apurar quem vai receber a indenização, se ele ou o parente), iria fazer direitinho o jazigo de sua sempre lembrada senhora que foi tudo para ele e para os filhos... em vida... tão boa... e que... durante...

Não pôde continuar. Aquêlê homem austero levou a mão ao rosto e chorou amargamente. O sr. João Machado, comovido também, foi obrigado a suspender a sessão.

— Estão suspensos os trabalhos para que o vereador Crispim possa acalmar-se.

Contado este episódio, volvamos à sessão.

O DINHEIRO ERA PARA FUNDAR UM JORNAL...

Continua falando o Vereador Acioli que explica a maneira como chegou às suas mãos a Mensagem na qual deveria dar parecer, na qualidade de relator da Comissão de Finanças, recorrendo à opinião de técnicos, estranhos à Casa.

As quinze horas o Senhor Presidente anunciou à Casa que o prazo da prorrogação estava esgotado, sendo que foi pedido uma nova prorrogação de mais meia hora. Aparteando, perguntou o Senhor José Junqueira ao Senhor Acioli Lins:

— É verdade que você ainda este ano pediu um atestado de ideologia ao D. F. S. P.?

Respondendo à pergunta, esclareceu o Vereador acusado que realmente, para ocupar o lugar de diretor do Clube Municipal, informaram que era necessário o atestado de ideologia e foi, nesse sentido, que ele dirigiu-se ao D. F. S. P.

As quinze horas e quinze minutos, tendo um Vereador insistido em pedir a palavra pela ordem quando havia um orador na tribuna, o presidente suspendeu os trabalhos.

A sessão foi reaberta dois minutos após, falando o Senhor José Junqueira sendo novamente interrompida pelo mesmo Vereador. Novamente a sessão foi suspensa. Reaberta o Senhor Presidente comunicou que foi exgotado o tempo da prorrogação. Foi novamente prorrogada por mais meia hora.

Proseguiu o Sr. Acioli Lins em sua defesa, dizendo que não sabe em que dia foi procurado nesta Casa pelo advogado Joaquim Montebelo. Disse que foi apresentado àquele casuídico por volta de 1948 por diversos fiscais da Prefeitura, que, naquela ocasião, haviam requerido um mandato de segurança, e ele — Vereador — defendeu a pretensão dos fiscais, a pedido do advogado. Frisou o Senhor Acioli Lins diversas vezes, que foi procurado pelo advogado Montebelo. Jurou por Deus que aquele advogado disse assim: — Você é relator de uma matéria em que estou interessado. Dê-me logo um parecer favorável, Acioli, pois eu tenho muito dinheiro a receber nessa questão e estou custeando a ação na Justiça. Depois de outras declarações teria dito o advogado: — Isso é um negócio que dá pra todos. Você não gosta de dinheiro?

Respondeu o Vereador: — Estou muito feliz. Ganho vinte e quatro mil cruzeiros, o que não ganhei jamais em minha vida. No entanto, tenho um ideal na vida: é montar um jornal, um jornal diferente, em que a Câmara seria focalizada em primeiro lugar, na primeira página. Meu desejo — acrescentou o Vereador — era fazer uma Sociedade Anônima. Teria então dito o advogado que, quando recebesse o dinheiro das sentenças, entraria para o jornal com quinhentos mil cruzeiros.

— Faça um documento, obrigando-me a ser acionista — teria declarado o advogado.

Após outras considerações, salientou como houve o encontro com o Senhor Rego Monteiro, fazendo um negócio completamente separado da Câmara.

Foi, às quinze horas e quarenta e cinco minutos, dada nova prorrogação de meia hora, informando o Sr. Presidente que se encontrava na Casa o Senhor Joaquim Simões, testemunha do Vereador acusado. Prosseguindo as suas declarações, o sr. Acioli Lins frisou que foi o advogado Montebelo que usou de chantagem e ele disse no telefonema gravado: — Eu não vendo o meu voto. Explicou depois a posição do Senhor Oliva, no caso, que apenas

prestou um favor ao Vereador depoente. Disse ainda que, falando com o advogado Montebelo, pediu que não confundisse a sua posição de Vereador com a questão da fundação do jornal, no qual o advogado-acusador seria acionista. Respondendo ao Vereador Cotrin Neto, declarou o acusado que não pode precisar se as palavras da gravação são suas, mas logo que soube por informação do líder José Junqueira da existência da gravação, quis vir imediatamente à Tribuna da Câmara esclarecer a situação.

As dezesseis horas e trinta minutos foi prorrogada por mais meia hora o tempo da sessão. Esclarece o Sr. Acioli que a licença pedida de 30 (trinta) dias ficou deliberada entre o Líder e o Vereador, e foi no sentido de deixar a Câmara em liberdade para deliberar no caso em que se acham envolvido. Disse o Senhor Acioli Lins: Eu exijo que o Senhor Montebelo entregue a Casa a cópia do contrato, de duas páginas separadas, no qual, na cláusula 3, indica que o Senhor Montebelo passará a ser acionista do jornal que eu desejava fundar.

Dramaticamente o Vereador-acusado, perguntou a um por um dos Vereadores se havia, alguma vez, pedido votos para o seu parecer.

Precisamente às 17 horas o Vereador Acioli Lins deixou a tribuna.

Um dos mais intransigentes defensores do sr. Acioli Lins, foi o vereador do PDC, sr. Paulo Georges Esteves Areal (1.95 de altura, 110 ks. de peso, campeão de luta livre, vice campeão colegial de dargo, martelo, 1.º colocado em provas de salto em distância e corrida rasa, 1.60 de torax e 0.48 de braço). Não permitiu que ninguém apartasse o prevaricador. Chegou mesmo a ameaçar de pancada o sr. Magalhães Jr.

— Estrangulo o primeiro que interromper o Acioli.

Quando algum Tarzan rompia o bloqueio e não acreditava na ameaça, ele tonitruava:

— Pela ordem! Pela ordem! Pela ordem!

E de — pela ordem em pela ordem, aproximava-se do aparteante até fazê-lo calar. Coberto por tão forte defensor, o sr. Acioli voltava à vaca fria.

A SENTENÇA

Depois de várias reuniões extra-sessões, entre os líderes dos diversos partidos, ficou deliberada a apresentação de um projeto de lei que suspendesse o mandato de vereador, autorizando ainda, previamente, a Justiça a processá-lo. Foi então submetido a plenário o projeto que, em seu artigo segundo suspendia o vereador Manoel Acioli, do PTB até ao final pronunciamento da justiça comum.

Submetido a votação, vinte e três, o número mínimo exigido pelo Regimento, votaram a favor da resolução. Menos um voto a favor e nada haveria. O sr. Acioli continuaria vereador, gozando de imunidades e honesto como qualquer outro...

A esta altura dos acontecimentos, os autos do processo já estão na Justiça Comum. Vai o vereador Acioli Lins, reeleito com 3.800 votos, pelo PTB, ser processado como réu comum, incurso no art. 317 do Código Penal. Poderá ir até parar na cadeia e perder o emprego efetivo que tem na Prefeitura. Por causa de um voto...

Quando batíamos as fotografias que ilustram a presente bamba vendo uma lista correndo de mão em mão, procuramos saber o porquê: é

— É para o Acioli, cada um assina quinhentas pratas, explicou-nos um vereador.

— Mas para que?

— É para contratar um advogado para defendê-lo.

E, pasmem, leitores, até aqueles que votaram pela cassação do mandato, assinaram a lista para que o sr. Acioli Lins volte a sentar-se nas macias cadeiras da Gaiola de Ouro, a ter imunidade frequentar o Guanabara com todas as honras de estilo. Parece que docu a consciência dos vereadores!

CONFIDÊNCIAS VELADAS

(Cont. da pág. 42)

repelir a insinuação? Inventar uma desculpa? Tudo é negativo. Ficamos corados e confusos, como uma criança pegada numa traquinagem. Baixamos a cabeça, sentindo o calor subir repentinamente e todo o desejo é que o chão se abra para sempre. Como se o amor, em vez de divino, fosse coisa amoral.

Para que maior prova de teu visível estado de cegueira, ao não entender as palavras de tua mãe, mencionadas na carta: — Maria, você chega tão tarde do escritório, mal janta e sai às pressas para a aula. Estou admirada. Você nunca desejou estudar e jamais quis fazer concurso.

E, rindo, continuava:

— Esse professor está fazendo você virar a cabeça. Preciso conhecê-lo... porque não falas nos outros?

E isso não era o bastante para o coração de mãe?

Agora vou revelar-te também um segredo. Um grande segredo. Desde que partiste, como sempre continuo a passar à tua porta. Lá encontro, diariamente, debruçada à janela, tua mãe que muito me faz lembrar de ti pela semelhança, pelo ar meigo e bondoso. Os mesmos olhos. A mesma tez morena. Ela é ainda jovem, daí a conclusão de que deves ser uma criança em teu corpo de moça feita.

Ela sempre me olhou muito e eu julguei, a princípio, que fosse devido ao teu conhecimento, à tua amizade. E, ao receber tua missiva, fiquei encabulado, confesso. Que diria ela ao verme passar por ali, olhando-a... ela já conhecedora de teu segredo? Contudo, bondosa Maria, porque iria acovardar-me, deixando de passar por lá, se era o meu caminho? Continuei a vê-la. De regresso ela sempre lá se achava. Tornou-se-me

familiar. Um dia ela me sorriu e eu a cumpri-me. Era o mesmo sorriso teu.

E ontem, Maria, justamente ontem, ao passar por lá, do outro lado, aliás, ela me chamou. Jamais poderas compreender a minha surpresa. Enquanto atravessava a rua ia pensando. Será que ela vai dar-me notícias de Maria? Será que aconteceu alguma coisa? Que será, enfim?

Ao chegar junto, num gesto simpático, perguntou: — Como vai a Laura?

Certamente ela há de ter notado como a minha expressão mudou, como franzi a testa, como fiquei carrancudo. Penso que silencieei algum tempo, devido à surpresa.

Enquanto isto ela me olhava fixamente com seus olhos pretos e profundos.

Foi titubeando que respondi:

— A senhora parece que está enganada...

A resposta foi um riso. Como sabem admiravelmente fingir as mulheres!

Não se mostrando surpreendida, adiantou:

— Eu o vejo sempre passar por aqui e supus que fosse irmão da Laura, amiga de minha filha. Desculpe-me.

Eu tive vontade de dizer-lhe quem era e pedir notícias tuas. Pensando melhor, achei que não devia fazê-lo.

Ainda trocamos algumas palavras, e ela estava disposta a uma prosa, me pareceu... Enquanto falava, um estribilho emergia de meu coração: "Então, ela não sabe quem sou? Não me conhece? Como tudo isso é estranho!"

Foi uma surpresa maior o recebimento de tua carta. Sai e nunca mais passarei por lá. Sempre tive fobia pelas pessoas fingidas.

Peço-te, prezada Maria, pelo bem que tens a ela, se algum dia vieres a ler esta missiva, nada deves dizer-lhe. É um segredo entre nós...

Foi essa a mais estranha noite que passei. Ray, e Cam foram muito atenciosos. Percebi que Margot estava com inveja.

O povo do interior vive selvagemmente. É interessante vir a Nova York para uma visita; mas eu detesto morar aqui!

Ray tomara um hotel e Margot um outro. Fomos levá-los aos seus aposentos. Cam e eu voltamos de ônibus.

Foi uma noite admirável esta que passei. Mas estou triste acerca de Wanda. Vou explicar tudo a ela, depois.

Wanda não é mulher que aceite tais explicações. Continua você caidinha de amores pelo Ray?

Naquela noite...

Meus assuntos em Nova York terminaram. Sigo para Ferndale. Querida, não devemos esquecer tudo e começar de novo? Ainda a amo!

Sinto muito, Ray. É muito tarde. Não o amarei jamais!

Tivemos excelentes dias depois que Ray deixou Nova York. Cam arranhou um amigo para a Margot e nós muito nos divertimos.

Gosto muito de ler cartas que vêm de casa. Minha irmã escreve cartas tão interessantes! Que será isto? Oh! Não!

Que tem você, Lúcia?

Não sei se estou ou se não estou, Cam. Por que pergunta?

Não gosto dele. Eis tudo. Aqui estão os seus vinte dólares. Tenho algum dinheiro no Banco, e, até hoje nenhum garoto financiou meus gastos!

Eu não posso descrever a surpresa que senti quando vi Ray surgir no vestibulo do edificio onde eu morava e me surpreendi a chegar em companhia de Cam...

Lúcia! Você! Uma moça de boa família aceitando dinheiro de um homem? Ainda não está casada com ele! Jamais me esquecerei, especialmente porque vinha disposto a pedi-la em casamento!

Que diz?

Eu devia quebrar-lhe os ossos, agora mesmo!

Cara Lúcia. Se for possível, venha até cá a fim de tranquilizar mamãe. Toda a cidade está a comentar coisas. É sobre Ray Hendricks! Ele disse a todo mundo que você não é noiva de Cam Hale porque não usa aliança. E Cam lhe dá grandes somas em dinheiro!

Penso que devo interferir nisso agora mesmo!

Margot viajava na manhã seguinte. Eu lhe disse que dissesse a mamãe que tudo o que Ray espalhara era mentira.

Farei o possível, Lúcia, para desfazer todos os cochichos que Ray andou a espalhar em Ferndale; mas... não posso dizer que você usa anel de noiva sem tê-lo visto em seu dedo!

Bem... Francamente, Margot, Cam não pode dar-me agora um anel. Mas, pode dizer a mamãe que, dentro em breve, terei na mão um anel de noiva com diamante!

Ray partiu na treva da noite, parecendo estar desesperado. Mas eu comeci a rir.

E senti meu coração partido, com a declaração de Ray. Era isso a maior felicidade de minha vida, e agora o perderei para sempre.

Na manhã seguinte estava Ray nas minhas pegadas. Acompanhou-me até ao escritório e procurou convencer-me de que esta grande cidade era de perdição. Eu não lhe disse que aqueles vinte dólares não eram um presente

Lá no escritório...

Você pode contar com o seu Romeu provinciano no clube hoje, Lúcia. Mas pela última vez. Não posso continuar a ser o seu namorado.

É estranho que esteja a gastar tanto em clubes, Cam! Está certo de que pode com isso?

E eu menti mais uma vez! — Mas não fiquei triste. Faria tudo para tranquilizar mamãe. Ao entrar no escritório...

Bem... Já faz quase uma semana que gozamos nossos momentos no "Night-Club", não?

Você foi admirável! Agradecida!

Eu fazia promessa para que Cam me convidasse para novos passeios, mas ele... nada!

Idiot! Pare de chorar Cam está de amores com uma outra moça! Não deixe que percebam que você está com o coração despedaçado!

TUDO ISTO

CRÉCHE NO DASP

A instituição da crèche, palavra francesa que os nossos filólogos desaprovaram criando o **INFANTÁRIO**, está muito difundida por todo este mundo de meu Deus. No Brasil, infelizmente, tem encontrado certa oposição por parte da maioria das mães. Em verdade, muitas vezes uma senhora abandona o emprego por falta de crèche, ou justamente porque não quer entregar o filho aos cuidados da mesma instituição. O sentimento material é, entre as mães brasileiras, uma virtude de excessiva intensidade. Chega a ser egocêntrico. Para muitas dessas mães, ninguém, a não serem elas próprias, poderá tomar conta dos filhos. Daí o não confiarem na crèche. Nossas tradições de criação de gente estão eivadas de vários erros de origem. É conhecido de quem estuda a formação da família brasileira a resistência das mães em mandar os filhos para os internatos, para empregos longe de suas vistas, para viagens na conquista da vida. O coração materno é cheio de cuidados e preocupações. A crèche, porém, é uma instituição belíssima e de maior necessidade. Não tira das mães o carinho dos filhos, nem desvia os bebês de seu destino na vida. Vão a crèches os que estão ainda em idade tão tenra que nenhuma sensibilidade convencional experimentam diante dos problemas e complicações sociais. Uma enfermeira ou anursa toma conta de vários berçinhos de uma crèche enquanto as mães estão no trabalho. Fim do este, os filhinhos voltam ao convívio maternal. Nada mais razoável e mais justo. Felizmente o panorama está sofrendo grandes e salutares modificações entre as mulheres, especialmente as das grandes cidades e as dos centros industriais. Já elas mesmas que pedem a instalação de crèches como base de seus trabalhos fora do lar. Foi o que fizeram nove mães funcionárias do DASP. Pediram ao diretor geral, sr. Arízio de Viana a instalação de um berçário no último andar do Palácio da Fazenda, para seus filhos recém-nascidos. Tudo faz crer que o próprio Ministro se comova diante dessa circunstância de ver o seu Palácio enriquecido e alegrado com a presença de futuros despenas...



PROVOCADORES DE INCÊNDIOS

A Té ai pelos anos de 1929 e 30, os festejos em honra a São João, no Distrito Federal, eram muitíssimo animados, enchendo-se o espaço de milhares de pontinhos luminosos denunciando os passeios aéreos de multidões de balões e balões multicores dos mais variados feitios. Sucedia, porém, que aparentemente um brinquedo inocente esses balões provocavam incêndios nas florestas que circundam o Rio e, muitas vezes, tais incêndios se verificavam em edifícios da cidade. Cada balão traz uma bucha embebida em querosene, a fim de produzir o ar quente e propulsionar o balão para os ares, entre palmas e foguetes, vivas e saltos da meninada cujos olhos não se despregam do viajante do azul até sumir-se, confundindo-se com outros, ou então voltar à terra em farrapos de labaredas. O balão se queimara. A bucha, porém, não se apagava. Descia como um archote e, onde caísse, poderia causar incêndio, se encontrasse matéria de fácil combustão. Muitas casas foram destruídas com a inocente brincadeira do balão das noites dedicadas ao famoso santo. Diante, porém, das calamidades ocasionadas pelos balões, as autoridades do Distrito Federal foram tomando, ano a ano, as medidas coercitivas que o caso exigia, com o que se foram desvanecendo as manifestações de subidas de balões aos céus nas noites de 24 e 25 de junho de cada ano. Hoje, diante das posturas municipais proibitivas, os festejadores derivaram suas manifestações juninas para as bombas. Desde fins de maio, já ninguém tem mais descanso nesta cidade. Estouram «cabecinhas de negro» por toda parte e a qualquer hora. No ano passado, foi tal a ofensiva dos desocupados, que os petardos eram jogados até dentro dos ônibus e nos bondes, tendo, certa vez, ferido gravemente um senhor. Que este ano sejam mais civilizados os amigos do barulho, e não convertam as ruas do Rio, em campo de batalha...



UMA DAS MAIS CURIOSAS tradições da Itália na data da Epifânia é de, todos os anos, nesse dia, colocar-se aos pés dos guardas do tráfego doações e presentes de várias espécies. A cena que estampamos nesta foto foi tomada em Milão. Os ofertantes de gêneros foram neste ano muito generosos. Vejam os leitores quanta lata de biscoitos, uma enorme salsicha, queijos, etc. tudo para o inspetor do tráfego de Milão, o qual está abafadíssimo na direção do movimento de veículos e pedestres em plena praça da Catedral, permanentemente movimentada. A publicação de onde colhemos esta nota esclarece que, nos dias da Epifânia, na Itália, quando os automobilistas se mostram tão generosos, as infrações são pouquíssimas...



UMA CIDADE DE FRATERNIDADE entre as crianças abandonadas e órfãs em Modena, na Itália. Situa-se em Nomadelfia, em Modena, e foi instalada por iniciativa de Zeno Saltini e vem acolhendo dezenas de crianças de várias idades e que se acham sem amparo paterno em seus lares. É uma comunidade na qual é lei a fraternidade, e tem por princípio dar à humanidade o mais eloquente exemplo de bondade operante. Muitas crianças italianas estão usufruindo os benefícios dessa instituição cristã cujo terreno é precisamente um ex-campo de concentração no local denominado Fossoli. Um casal de adulto os trata e educa como se fossem seus próprios filhos, de maneira que os amparados tenham a verdadeira impressão do lar.

A CONTECEU

ONDE ESTÃO ELES?



Faz alguns dias que se espalhou a notícia, vinda de Londres, de que haviam desaparecido daquela capital dois diplomatas britânicos, Guy Burgess e Donald Maclean. Ambos são altos funcionários do Foreign Office (Ministério do Exterior na Inglaterra) e, segundo declararam pessoas ligadas aos mesmos, tanto um como o outro eram depositários de segredos diplomáticos de muito interesse para a URSS. Pensam os entendidos em tais assuntos internacionais que o caso é de muita gravidade, especialmente se os dois desaparecidos se encontram por detrás da cortina de ferro. O episódio está despertando o maior interesse, não havendo notícias nenhuma dos mesmos há mais de vinte dias, isto é, dos meados de maio até ao meado de junho. Para ainda mais intrigar o governo britânico e a população inglesa, apareceu, faz poucos dias, uma carta dos mesmos dirigida às respectivas famílias, tranquilizando-as. Entretanto, segundo técnicos em caligrafia, não foram eles quem as escreveu, e sim uma terceira pessoa, o que vem complicar, ainda mais o caso misterioso. Tanto a polícia de Londres como a dos Estados Unidos estão desenvolvendo a maior atividade no sentido de esclarecer o fenómeno, sem nenhum resultado até agora. Ultimamente o sr. Herbert Morrison reuniu seus colegas de gabinete e lhes fez relatório completo acerca do estranho fato. E' o próprio «Foreign Office» que declara estar ainda «às escuras», tendo despertado grande curiosidade o modo por que a imprensa de Moscou vem tratando do assunto. No começo, nenhum jornal russo se referiu ao episódio, silenciando completamente; entretanto, já agora, grandes diários soviéticos estão transcrevendo as notícias de Londres, mas sem qualquer comentário. Em Londres ninguém sabe dos diplomatas, nem houve retirada de dinheiro de qualquer banco com chéques firmados pelos mesmos. Onde estão os homens? Esta pergunta é angustiante.

SÓ NO BANCO

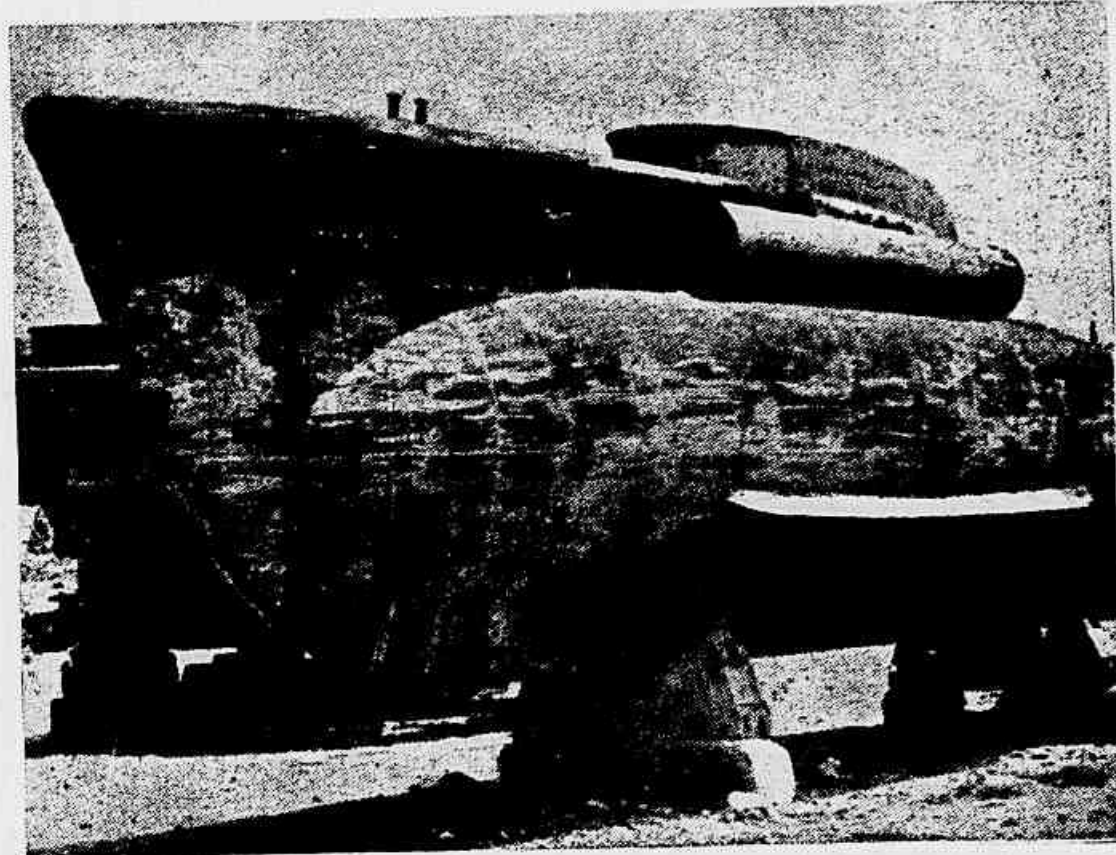


ANTES de haver banco, era costume guardar-se dinheiro em arca, «burras» ou até em esconderijos em casa ou fora dela. E desse tempo, felizmente já muito recuado e quase esquecido, a tradição das «botijas», motivo de sonhos proféticos que, por vezes, produziam grandes escavações em velhos casarões feudais e nos quintais mais ou menos sombrios. Hoje, graças ao esclarecimento do povo, quando se tem muito dinheiro, procuram-se os bancos para neles ser depositada a massa, com a grande vantagem de ainda vencer juros. Mas, no interior, ainda há muita gente que costuma guardar dinheiro em malas, não querendo acreditar que dinheiro em bancos esteja perfeitamente isento de perigos. Havia um grande ricão no interior de Alagoas que, de maneira alguma, entregava suas legas a bancos. Nem ao do Brasil, BANCO DO GOVERNO, como todos dizem, sinônimo de absoluta garantia. Um dia, porém, morreu o conhecido milionário e os seus herdeiros vão verificar nos escaninhos de sua casa, «onde estava o dinheiro». Mas... que decepção! Centenas de notas de várias estampas e valores se amontoavam numa velha canastra de couro de boi premeada com tachas de cabeça de latão, dando a idéia de grande e arqueado esquite guardando o cadáver de centenas de contos de réis. Todo aquele dinheiro não passava mesmo de restos mortais de moedas sem nenhum valor, pois estavam as notas, de há muito recolhidas, sem valor algum, a não ser o de papel histórico para algum museu de numismática. Não se pode descrever o CHORO... Pois agora é tempo de quem tiver notas de 50, 100 e 200 mil réis, estampas 16a. e 17a. tratar de trocá-las na Caixa de Amortização, até agosto próximo, quando começam a sofrer descontos, perdendo todo o valor em dezembro de 1952 e fevereiro de 1953. Cuidado, minha gente! Nem sempre o dinheiro vale!



O PRESIDENTE TRUMAN

resolven ir descansar às praias da Flórida, na pequena «Casa Branca» de Key-West. Mas, em verdade, não pôde gozar das delícias de um refúgio poético e tranquilo. Vários repórteres o assediaram e ele teve que satisfazer-lhes a curiosidade. Nesta foto vemos a popularidade dos padrões espalhafatosos dos blusões em voga nos EE.UU.



O PROFESSOR DE ARQUEOLOGIA

Diego De Henriquez, um dia, pela madrugada, alvoroçou o povo de Trieste com um desfile assombroso: imensa fila de carros de assalto, submarinos, canhões, e toda uma espécie de engenhos de guerra, alarmando os habitantes da cidade, quando já tudo estava em plena paz: 1946. Quase há



pânico, mas, olhando bem, verificaram os que saltaram de seus leitos para ver o motivo de tanto ruído, que se tratava de objetos guerreiros da coleção do professor De Henriquez, conduzindo aquela monstruosidade para o seu Museu de Guerra e de Paz. Esse homem possui armas modernas e antigas em várias toneladas, tendo fundado um Museu que é o único no mundo. Não podendo assumir tantos compromissos, entregou-o à Municipalidade de Trieste. Há vinte e cinco anos que coleciona até submarinos e encouraçados, e, segundo dizem as crônicas, em virtude dessa mania, já foi preso dezoito vezes...

D. Juan-Quixote

(CORYNTHO DA FONSECA, veterano homem de jornal, vem de comemorar o seu cinquentenário profissional. Este foi o seu trabalho de estréia, na imprensa diária, publicado na "Cidade do Rio", em 15 de junho de 1901. Vamos reproduzi-lo a título de curiosidade, respeitando a ortografia da época).

D. JUAN e D. Quixote não raro se encontram reunidos, unificados num typo completo, perfeitamente definido e accentuado. E' a mais característica de todas as dualidades. A Rua — eis o seu dominio, o seu campo d'acção. Ora, predomina Quixote, ora, D. Juan, e ha momentos em que dominam juntos — e a dualidade accentua-se.

Ei-lo salvando a patria, discursando na praça publica, sob a indiferença bronzea das estaluas.

D. Quixote, então, empunha o sceptro e reina naquella cerebro. Ahi vae elle. Cae-lhe o frack donairosamente sobre os quadris; ao peito, uma orchidea agonisante; num gesto elegante, reforce os bigodes — o seu mais bello ornato; um sorriso feliz entreabre-lhe os labios; o seu olhar languesce, voluptuoso... — D. Juan começa a dominar. Passa uma mulher. E aquelle cerebro preludia, entretece e epiloga, para logo, uma historia de amor. D. Juan tem-n'a conquistado, leve-lhe os beijos, — aborreceu-a, afinal. Immediatamente se convence do que imaginou, tal o seu poder de auto-sugestão. O primeiro amigo que encontra, é obrigado a ouvi-lo. Chega-se com uns ares mysteriosos e modos de confidencia muito intima, relata toda aquella historia, precisando nomes, evocando episodios... E isto com todos os visos de verdade. E, D. Juan-Quixote é perfeitamente sincero. Abundante, prolixo, refere dialogos, cita certas minuciosidades intimas. No entanto, si D. Juan, em seu sonho, evocou a figura de um marido ou de um amante, enfim, um rival — eis que desperta o outro — D. Quixote, completamente authentic, em todas as suas modalidades, com todo o seu heroismo incrível e generosidade sem limites... A dualidade completa-se, então, o typo accentua-se nitidamente, em toda a pujança do ridiculo dominante. E D. Juan-Quixote é soberbo. Descreve ao vivo uma luta em que, fatal e necessariamente, saiu victorioso... Os olhos brilham-lhe indignados, o busto eleva-se, num gesto de hombridade e desafio e, para exemplificar, esboça murros violentos no espaço, curva-se, gesticula, agita-se. Por fim, vencedor, D. Juan-Quixote, meio inclinado para traz, num movimento magnifico de desdem esmagador, deixa o adversário vencido afastar-se, corrido de vergonha e de medo... Em volta delle, caem queixos, desamparados de espanto.

Então, o seu rosto banha-se de doçura, o olhar se lhe quebra no antegoso da recompensa de um beijo reparador... Vibram as cordas da guitarra de Tenorio... No entanto, agora, uma grave preocupação ficou-lhe no cerebro. Elle se mostrou ao amigo um homem feroz e de mãos bofes e, como a definir a segunda parte da dualidade ainda melhor, D. Juan deixa a guitarra e D. Quixote toma a lança, a cujo tope tremula a bandeira da generosidade e da nobreza de caracter... Lá vem uma nova enxurrada de casos d'onde ressaltam o seu heroismo incrível e sua generosidade sem limites, casos tantos mais numerosos quanto maior fór, no momento, a sua excitabilidade imaginativa, — D. Juan-Quixote é perfeitamente um sonhador, mas um sonhador imbecil — E' o delirio da Imbecilidade.

— Que bella mulher, alli vae, ó Soares! — diz-lhe alguém.

E elle logo, desdenhoso: — Ora, si tivesses visto a Sara! Aquillo é que é mulher! Tem uma paixão louca por mim. As vezes tenho que fugir-lhe. E voltando para um dos da roda:

— Não conheces?

O outro nunca a viu, mas, às vezes, temendo Quixote, outras, por méra complacencia, concorda immediatamente.

E D. Juan-Quixote triumpho. Si a felicidade é possível sobre a terra, elle realiza o prototypo do homem feliz. Tem sempre uma roda infallivel de ouvintes; uns, para o admirarem ingenuamente, outros, para se divertirem á sua custa.

D. Juan-Quixote lê. Tem mesmo preferencias litterarias. O auctor de predilecção da espécie, é Ohnet. Elles sentem sempre, em suas obras, o seu sonho romantizado, e, onde moços honestos fogem ao amor de honestas senhoras e o sacrificam no altar da honesta amizade que os liga aos honestos esposos das ditas honestas senhoras. A synthese da obra deste romancista incrível é um verdadeiro diluvio de honestidades, devotamentos, amores occultos, intervenções desinteressadas e generosas, almas boas e nobres que preferem estiolarem-se de amor incubado, a profanarem a sagrada instituição do matrimonio; D. Juan-Quixote tomado a sério, enfim...

Como "un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire", o Sr. Ohnet immortalizará a raça, para o gaudio e divertimento da Posteridade.

D. Juan-Quixote também faz phrases, ás vezes. A sua phrase philosophica:

— "Minha vida é um romance"... de fancaria barata. Ma uma variedade: D. Juan-Quixote faz versos algumas vezes, e eis-o, agora, a implorar um espaço por quanto jornal co'hece. Quantas vezes não o tenho pressentido através a transparencia de um pseudonymo. Quando poeta, D. Juan-Quixote é quasi sempre bacharel em qualquer coisa. E, então, o seu retorcer de bigodes realiza o — "utile et dulce" — dos latinos. Embelleza e põe em evidencia o anel symbolico. Sob esta nova fórma, sabe francez, vae ao Moulin Rouge, trata com litteratos, aperta a mão ás "cocôtes" e traz sempre, sob o braço, o romance mais em voga. Ahi vae elle! Vêde o livro que leva... O "Quo Vadis", esta 2ª edição correcta, melhorada e modernizada, dos "Martyres". Mas, no fundo, bacharel ou funcionário publico, reporter ou vadio da Cidade Nova ou rua do Ouvidor, o typo é o mesmo, o inconfundivel D. Juan-Quixote.

Meu burguezissimo leitor, tu, que tiveste a pachorra de lêr-me até aqui, ouve cá: quando relatas algum acto teu, a um amigo, tu o fazes sempre de modo que a tua valentia ou a tua nobreza de caracter se patenteiam aos olhos de teu amigo: tu nunca contaste aos outros os teus desastres e máis êxitos d'amor; antes, pelo contrario, muitas vezes tu os transformaste, para os amigos, em bons êxitos e sucessos; tu já publicaste, eu sei, não negues, versos no jornal, para a tua Amada; tu gostas muito de Ohnet; tu lêes Schick; tens lido já o "Quo Vadis" (quem o não leria lido, já?); tu és um animal perfeitamente domestico e domesticavel, social e sociavel; és certamente bacharel, não importa em quê, si não o és, tens muito desejo de o ser; tu gostas de duello e todas essas cousas cavalheirescas; tu grilas que o Transwall é um reducto de bravos e a Inglaterra uma patria de ladrões e de infames...

Pois não sentiste ainda, cabriolando nesta columna, a tua caricatura?

Sou um pérfido, não achas?

Mas, convém que eu disse a verdade.

C O R Y N T H O D A F O N S E C A

CORREIO DA REVISTA

EDGAR DE SOUSA MACHADO — Macéio — «Velha cadeira de balanço» foi aprovado e entregue para a respectiva illustração. Quanto ao «Caneta Fatidica» sairá de um momento para outro.

★

O.A. da S. — São Paulo — Seu conto «Imprevisto» não pôde ser aproveitado. Recomendamos ao distinto amigo que estude mais nossa lingua. Há no mesmo erros muito sérios de portuguez. E isso atrapalha.

★

MARIA HELENA — S. Paulo — Aceitamos também com três fôlhas e publicaremos, desde que seja bom. Não aceitamos trabalhos em versos porque esta Revista não mantém página de poesias. Se tiver contos, mude, que os examinaremos com o maior prazer.

★

WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES — Piracicaba — Seus dois contos ainda em nosso poder e não publicados, sairão brevemente. Talvez um dêles nesta própria edição. As vezes a demora é devido à illustração que não saiu boa e pedimos novamente aos desenhistas novo trabalho. E parabens pelo Curso que está fazendo.

★

DR. DURVAL GOMES MONTEIRO — Curitiba — Só lhe podemos mandar o exemplar de que nos fala, se o amigo indicar-nos o seu número ou data.

★

C.B. — Rio — Não foi possível aprovar o seu conto «Maré». O assunto é inconveniente. Recomendamos que não use nomes próprios de fácil identificação. Isso pode trazer aborrecimentos.

★

M. da S.V. — São Paulo — Os contos que nos mandou foram recusados pelos julgadores. O amigo tem certa imaginação mas não acertou no «goal» do tema. Evite assuntos mais próprios de livros ou publicações livres. Esta Revista não publica literatura tão realista. Tente outros motivos.

★

R. da S.B. — Recife — O conto politico não agrada ao leitor e, muitas vezes, mete o autor em situações terríveis. Se o amigo tem inclinação para a politica, procure o comentário, a crônica de jornal.

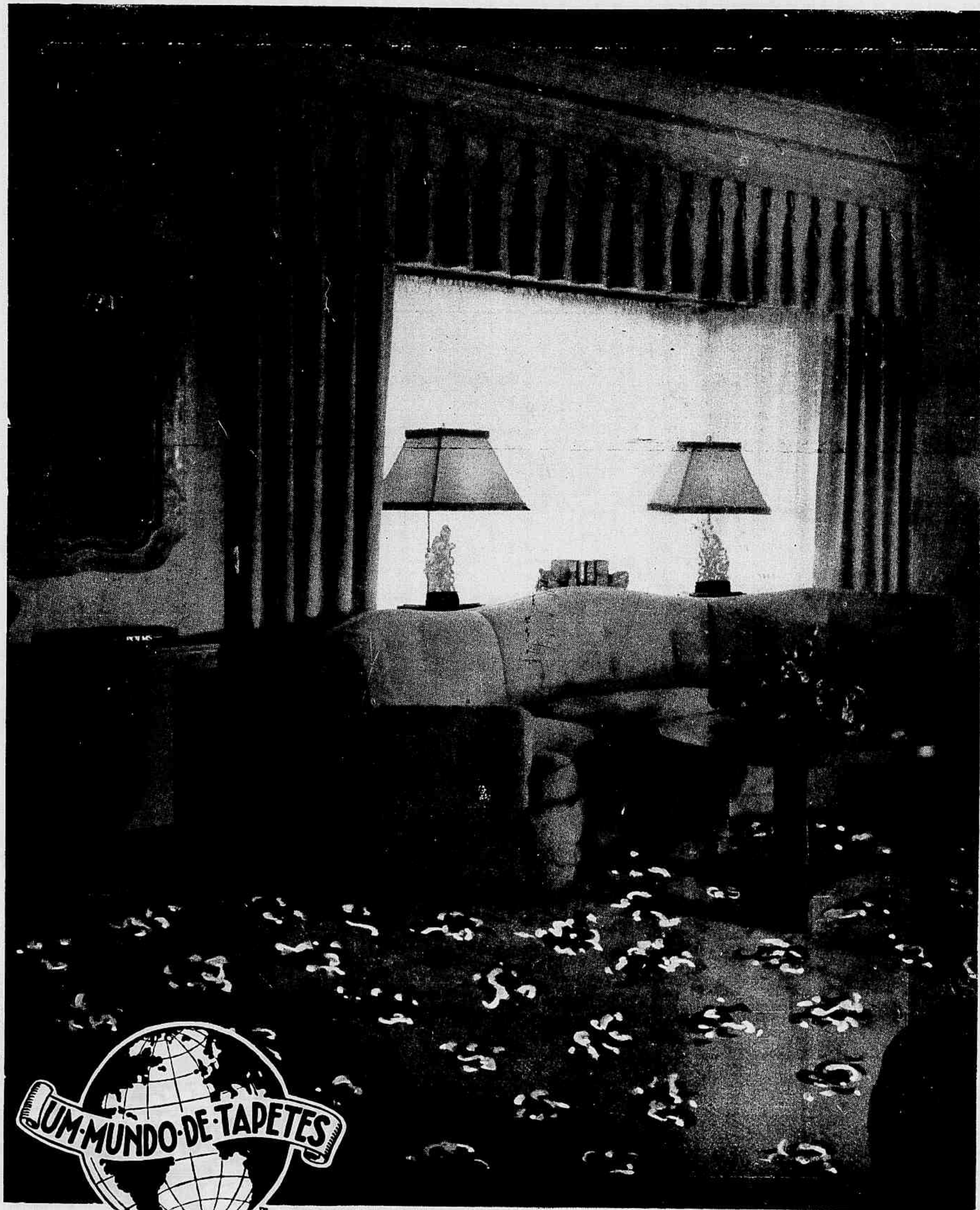
★

II. dos S. — Bahia. — Pode mandar. Nestas páginas muitas jovens e senhoras têm encontrado o caminho para suas intelligencias, o estímulo para suas inclinações litterarias. Fazemos questão, porém, destes dois pontos: boa lingua-gem e fundo moral, construtivo.

RESPOSTAS AO TESTE

- 1—Máximo 12% ao ano
- 2—Por ter dito que a Terra girava em volta do sol
- 3—O da rainha Vitória
- 4—Aos irmãos Wright (Wilbur e Orville)
- 5—Biplanos
- 6—12-9-1906
- 7—Cem anos
- 8—Oliveiros Cromwell
- 9—Eblam até um litro de genebra
- 10—Crucificado de cabeça para baixo
- 11—Crustáceo
- 12—Em S. Luís de Piratininga
- 13—Quatro
- 14—Na capitata
- 15—Tirar das mãos dos muçulmanos o sepulcro de Cristo
- 16—De Santa Catarina
- 17—Que tem a cabeça oculta
- 18—A czarda
- 19—Braz Cubas
- 20—Pôrto.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Orçamentos executados por técnicos decoradores

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as côres e dimensões

Grupos Estofados

— uma especialidade de nossas oficinas —



65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO

Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — esse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segredo do sucesso feminino, entre nós se celebrou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquele mixto indefinível de graça e sedução.



**LEITE DE
ROSAS**



LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.

RUA S. LUÍS GONZAGA, 2085 A e B

Telefone: 48-7660